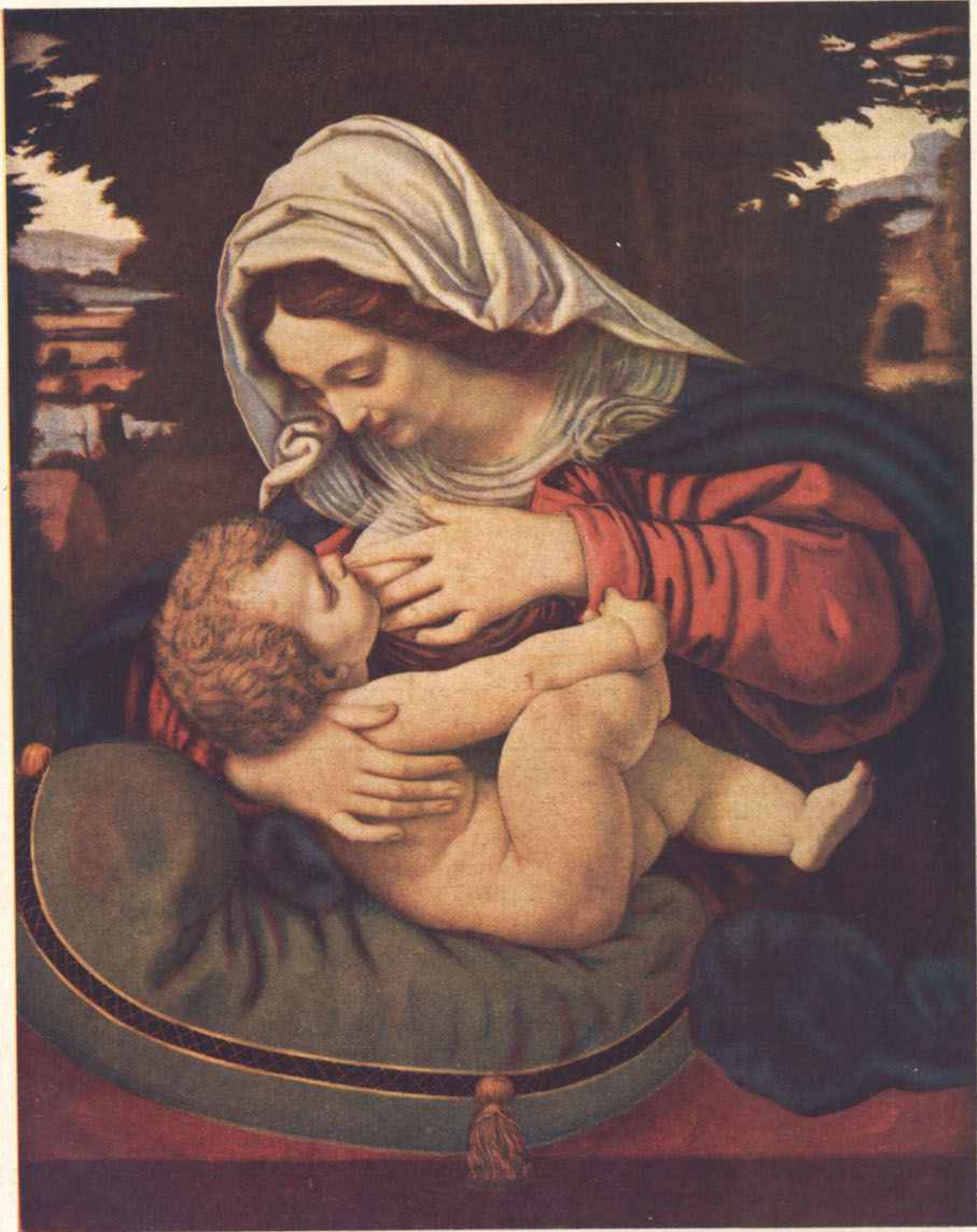


ILUSTRAÇÃO



A VIRGEM DO ALMOFADÃO VERDE

(Quadro de ANDREA SOLARIO)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA

O «ROUGE» FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

RITZ

AGENTES: STETTEN & C.ª Lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa



Em tôdos os casos de dôres de cabeça, dôres de ouvidos, dôres de dentes e de outras dôres agudas, bastam dois comprimidos de Cafiaspirina para restituir o bem-estar.

Cafiaspirina



ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ult amar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colônias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÕES DE EITETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA
POR PROCESSOS CIENTIFICOS



ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
A. DA LIBERDADE 35 TELEF. 21866

UMA PELE NOVA E BRANCA EM 3 DIAS



O QUE O
MICROSCOPIO
REVELA

A ciência sabe agora que a irritação dos poros da pele é a causa dos poros dilatados — depois vêm os pontos negros, as rugas devidas à fadiga e uma pele grossa e descolorida.

O novo creme Tokalon Côr Branca (não gorduroso) dissolve a profunda impureza dos poros

da pele, da qual acaalma a irritação. Os pontos negros desaparecem. Os poros dilatados contraem-se. Uma pele grossa e escura torna-se suave e branca.

Este novo Creme Tokalon, Côr Branca, contém creme fresco e azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam. Mantem fresca e suavemente húmida a pele mais ressequida. Tira o brilho à pele oleosa e gordurosa. Atavia a cutis com uma beleza e frescura novas e indescrevíveis — e isto de maneira que não se poderia obter doutra forma. Este creme encontra-se à venda nos bons estabelecimentos. Depósito — Tokalon de Lisboa (Secção I. L.), 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Ficha: da dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

T. S. F.

CASA FUNDADA EM 1925

Especializada em fornecimentos para rádio

APARELHOS RECEPTORES
DAS MELHORES MARCAS

Vendas a pronto e a prestações

Peças e acessórios para amadores — OFICINA DE REPARAÇÕES

ARMANDO CASQUILHO & C.ª

Rua do Jardim do Regedor, 24 — LISBOA

LIVROS

São os melhores brindes do Natal

ÚTEIS, VALIOSOS, DURADOIROS

LIVROS DE TUDO E PARA TODOS

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Colecções próprias para crianças

Obras de arte, de medicina, de literatura em magníficas encadernações

LIVROS DE AVENTURAS, DE VIAGENS, ETC.

Façam os seus pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Espiandida edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares
que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acórdão ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

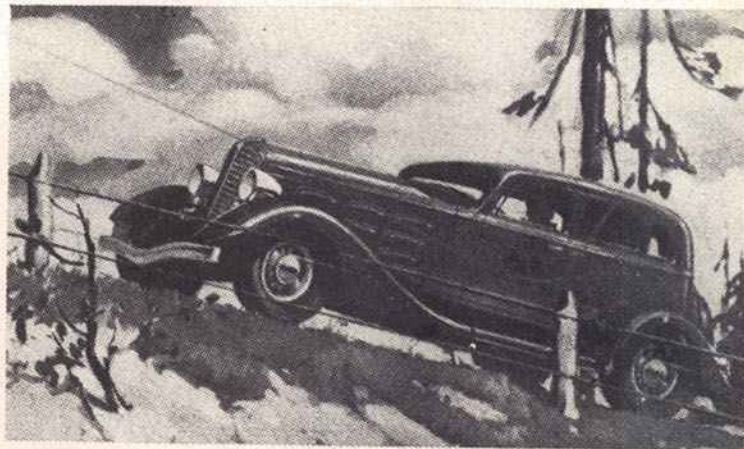
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

**NOVO ANO... VIDA NOVA...
NOVO AUTOMOVEL!!!**
PARA 1935 ADQUIRA V. EX.^a UM DOS FAMOSOS MODELOS



R

R

E

E

O

O

Com caixa de velocidades automática (sem mudança de velocidades)

O CARRO QUE ATESTA A SUPREMA ELEGANCIA

Admire V. Ex.^a a remessa recentemente chegada no stand de

Garrido & Filho, L.da

Av. da Liberdade, 165-171 - Telefone: 4 1945

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

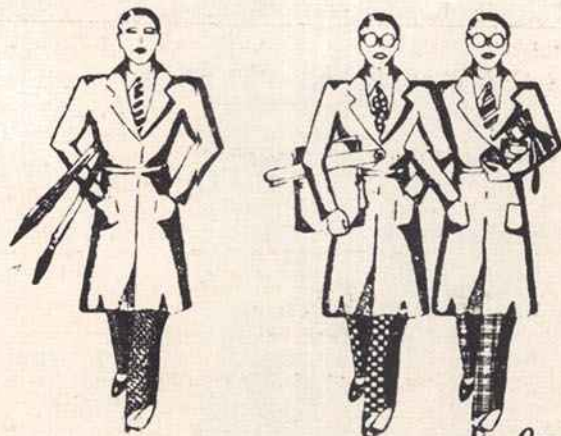


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



O NATAL

Trouxe este ano um novo presente...

- melhor . . .
- mais económico . . .
- mais cómodo . . .

O APTOFONE

Que a COMPANHIA DOS TELEFONES instala na sua casa apenas por
100 ESCUDOS

Peça esclarecimentos à THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.^o L.^{da}
Rua Nova da Trindade, 43-LISBOA — Rua da Picaria, 5-PORTO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter de... revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AFORA a circunstância do lugar nada o facto apresentava de especial. O carpinteiro de Nazaré por força do recenseamento, á ordem de Cezar Augusto, vira-se na necessidade de ir a Bethelem com a mulher, que era muito crescida em meses de pejada. E, como fôsse pobre, não conseguiram acomodar-se nas estalagens da cidade. Apenas em um estábulo os deixaram pernoitar.

Ora aconteceu que, poucas horas depois de reclinados perto dos jumentos e camelos, a consorte do carpinteiro, porque as luas andassem mal contadas, ou a maternidade se antecipasse, em consequência da fadigosa caminhada, sentiu as suas felizes dôres. De felizes as tratam por envolverem a graça de dar á luz um filho, mórmente primogénito que para todas as mulheres resulta em fonte inefável de delícias.

Ela chamava-se Maria, nome a que mais tarde veio a achar-se a doçura maior que um nome pode ter. Ele era José, tal como depois se usou para designar quantos vivem por terras do Ocidente.

Assim foi que o caso, tão corrente, no mundo, a cada instante multiplicado de ter nascido o filho de um homem, se transformou no acontecimento maravilhoso de ter nascido ali o Filho do Homem que para sempre ficou a síntese da espécie, representada nos dois elementos e mais ainda num terceiro, comum e superior aos dois por elevá-los acima de si próprios, denominado o Espírito. Mais se verificou que nessa hora suprema se estabeleceu a união da substância tangível com a material, pois no ser de forma humana, por sua via, se descobriu a condição divina. Afirmou-se por êsse meio a supremacia da alma, ou do pensamento sôbre todas as cousas criadas. Mais do que a vida ficou valendo a ideia e tanto que o mundo sensível se tornou pequeno para contê-la, ou dar a medida do seu alcance, a par do universo, ou do infinito. O prodígio daquela noite, sucedido junto de um estábulo, em Bethelem na Judêa, foi o nascimento do princípio que transformou o antigo animal ligado ao humus, servo da natureza bruta, em outro que a venceu, dela triunfou e hoje a domina. A supremacia da inteligência foi a grande revelação e dádiva que o Filho do Homem legou a quantos a graça do seu verbo iluminou.

Por êste modo, mesmo para os que lhe neguem a força sobrenatural, êle aparece como redemptor. Têm de reconhecer na sua obra um poder e impulso que repercutido no tempo os conduziu á condição livre hoje fruída. Aos que atingiram o uso da consciência na maior plenitude consentida, não é lícito duvidar do favor

CRÓNICA DA QUINZENA

transcendente que lhes resultou do nascimento ocorrido nessa distante noite de Dezembro.

Mesmo os que não aceitam como pessoa de Deus, a que então apareceu á luz com forma humana, são forçados a reconhecer no homem qualidades que o elevam a par de ente divino em todas as suas manifestações.

É quanto basta para que ninguém recuse aceitá-lo, como símbolo de elevação, nem deixe de julgar o dia aniversário da sua vinda ao mundo como preferível para avivar sentimentos sublimados ou aspirar à perfeição maior e crescente da sua faculdade de conhecer.

O momento presta para atingir conceitos vastos que encerram a razão da existência; acima de qualquer outro se oferece propício, à veneração da maternidade, à adoração da infância, ao louvor da vida. Com impulso da mesma vibração naturalmente se é conduzido a engrandecer o amor, a estimar a família, a gozar, palpando-a no íntimo do sentido, a delícia da paz, do convívio afável que deixa na alma a impressão consoladora do macio e da quietura.

Estes são os motivos ocultos que levam nesta quadra a fazer do menino um rei, merecedor de tributos dos mais preciosos e agradáveis que haja para deleitá-lo.

Pensa-se nêle, no seu gáudio, procura-se-lhe o riso exuberante, para que seja feliz e ache apazível o mundo em que se encontra.

Pela mesma razão calha apresentar-se a mãe uma soberana senhora que recebe afectos de quantos a rodeiam, em troca de doçuras de paladar e agrados para a vista.

No seu trono aconchegado recebe homenagens e distribui confortos que entram no coração a amolecer-lhe a dureza, a torná-lo suave.

E para tudo ser como convinha, isto acontece na quadra das noites longas e feias que nada apetece contemplar. A morada adquire encanto especial, convida à intimidade. Rumoreja a chuva no telhado, o vento sacode a janela; e é então

que o lume, agora como no começo das eras estabelece o contacto entre os próximos por identidade do sangue, ou intimidade de relações. Dêle nasceu a civilização, junto dêle se formaram as boas têmperas de carácter, com o referido pelos herois, os poetas, os santos, em narrativas que ás mães serviram para fabricar moldes applicaveis aos animos tenros de sua lavra.

Vê-se que tudo convergiu para fazer do Natal a quadra incubadora do espírito, portanto dos elevados conceitos de que procedem as formas belas, as inovações fundidas pelo génio do homem. O Natal é época e símbolo de ideia eclodida, que se transformará em acção feliz. Apresenta-se pois como a hora propícia a formular aspirações, pelo menos ás baseadas na paz e boa vontade, mãe da abundância, da riqueza e da beleza. Assim procedem as crianças pedindo ao mistério dádivo a fortuna que queira conceder-lhes.

Nada nos impede de fazer como elas e pedir também aos génios conhecidos e desconhecidos que nos despejem no sapato, ou cano da bota o bálsamo capaz de aliviar-nos de algumas penas, ou tribulações opressivas.

Roga-se primeiro que o parlamento recebido como dádiva de Natal não saia palavroso, e os deputados aprendam a falar antes de se meterem a fazer discursos; o idioma português é objecto sagrado em que se não deve tocar com lingua profana; ao que comer a cabeça a um período, ou faça oração sem sentido, quer-se que seja condenada à mudez perpétua.

Como segunda rogatória se apresenta a de que no curso do ano próximo se cuide de promover com umas bem notadas regras a alegria das crianças pequenas, também ditas a infância, assim como das crescidas, também ditas o povo. Por isto entende-se a organização de uma Obra Nacional de Puericultura e outra dos Recreatórios Populares.

A última é que ninguém apareça a querer fazer-nos experimentar nova receita de felicidade enquanto não esgotarmos, até à última colherada, a que estamos usando com vantagem muito apreciável.

Ninguém julgará o pedido uma exigência demasiada. Pouco excede o que já se recebeu.

Reclamar que não o cumulem de benefícios, aqueles que os trazem em braço para distribuí-los, é o melhor e mais prático que o povo, digo o Povo, pode querer além do pão para todo o ano.



Teresa Brunswick

COMEMOROU-SE agora, em Viena e em Bonn, o 164.º aniversário do nascimento de Beethoven, o colosso musical de todos os tempos.

Os seus numerosos biógrafos apresentam o excelso artista como um bisonho que preferia a solidão a toda e qualquer companhia. Diziam que não encontrava inspiração senão na Natureza, pois só ali podia dar livre curso às suas expansões.

Não o compreenderam ao considerá-lo um tímido atribuindo-lhe talvez essa timidez à pouca prática de lidar com gente de sociedade que não conhecera na sua terra natal.

Sabemos que Beethoven, tendo chegado a Viena na flor dos seus dezasseis anos, depressa se transformou num verdadeiro gentilhomem que se tornou digno da admiração e estima da aristocracia vienense. Em toda a parte era recebido e esperado. Tempos depois, cansado desta vida fictícia de pragmáticas, passou a viver como melhor lhe pareceu, chegando a ser incorrecto com os seus melhores amigos. Certa vez, escrevendo ao príncipe de Lichnowsky, terminava assim a sua carta: «Príncipes há muitos, mas Beethoven há um só».

Esta frase caracteriza-o maravilhosamente.

Mas, onde Beethoven nunca conseguiu ser senhor de si, foi nas questões de amor. Chegava a ser ridículo pela sua piéguice. O audacioso inovador da arte musical, o arrogante que dava pouca importância aos cumprimentos do próprio imperador, o semi-deus que atingiu as maiores maravilhas que ouvidos humanos ainda escutam, era um perfeito colegialzinho quando se deixava prender pelo olhar provocante duma mulher.

Poderíamos evocar o felpudo Hércules, aninhado aos pés da princesinha Onfale, fiando na roca, e receando a menor reprimenda que esta lhe pregasse por não gostar da execução do trabalho entre mãos.

Pobre Hércules e pobre Beethoven!

A hidra de Lerna — a inveja de tantos inícuos — aí estava esmagada pela clava formidável do seu talento, mas o vencedor ia humilhar-se diante das fraldas duma mulher sem cotação!

O problema da timidez de Beethoven ainda não encontrou a devida solução.

Era tímido — e estava dito tudo o que havia a dizer.

É necessário sondar essa alma que acalentou as imortais «Sinfonias», a «Apassionata» e o «Clair de lune», para se lhe prestar a merecida justiça.

Enquanto uns afirmam que o excelso mestre das harmonias suavíssimas era tímido como a maioria dos sentimentais, outros atribuem a sua timidez aos constantes fracassos amorosos que sofreu.

Alguns entendidos nesta matéria dizem que a timidez não manifesta, como muitos supõem, insuficiência de energia interior, mas a má administração desta força. O timo do chega a ser assim por um erro psicológico e não por falta de energia. O ponderado calcula a resistência que lhe pode ser oposta por aquilo que pretende conquistar, e exagera quasi sempre o poder com que terá de defrontar-se. Como não quer sujeitar-se a um desaire, acalenta o seu sonho mas não o manifesta.

Por sua vez, o atrevido não faz cálculos. Exagera as facilidades do que aspira, e atira-se resolutamente ao ataque, na certeza de triunfar.

É curioso verificar que, enquanto Beethoven era o mais completo exemplo de timidez, Wagner destacava-se pela sua ousadia. O autor do «Fidelio» viveu sempre num abatemento espiritual, ao passo que o seu continuador soube sempre manter-se numa linha de orgulho, forte e inextinguível.

Se Beethoven foi o génio humilde que duvidou sempre de si mesmo, Wagner foi o génio intrépido que se limitava a lançar um olhar de piedade sobre tudo o que desejava conquistar.

Wagner foi um triunfador das mulheres, ao passo que Beethoven não passou duma vítima. É certo que estes dois grandes homens não interpretaram o amor de igual modo. Em Wagner, a mulher só desperta o entusiasmo pagão que nasce, vive e morre nos sentidos.

O Beethoven da «Sonata patética», mármore de Richard Garbe



FRAQUEZAS DUM GÊNIO

A timidez de Beethoven

Qual foi a mulher fatal do autor excelso das «Sinfonias»?

ven é o místico do amor, dum amor que ele vai materializando até o converter numa chama religiosa.

Se o conquistador de mulheres não passa dum erotómano sem escrúpulos, poderemos classificar a Wagner nesse grupo de sedutores. Beethoven vò mais alto...

Sabem quem inspirou ao grande músico essa desesperada queixa de amor que palpita no adágio da célebre sonata «Clair de lune»?

Vamos dizê-lo.

Os segrédos do coração de Beethoven não andavam divulgados como as suas sinfonias. Pois o traído maestro escreveu nessa famosa sonata a mais lancinante página das suas memórias. O «Clair de lune» traduzia um desengano de alma. Sentia-se. No entanto, nada mais se sabia. Um dia, desvendou-se o mistério.

Essa mulher, cujo retrato Beethoven trouxe ao pescoço até à morte como o mais precioso amuleto, chamava-se Julieta Guicciardi e pertencia a uma distinta família austríaca, de origem italiana.

Era formosa? Pelo retrato que publicamos, não teria cativado Páris na entrega do prémio do pómo aureo. No entanto, foi a mulher fatal do grande maestro.

As mulheres são o diabo.

Esta ilustre dama, sendo casada com o conde de Gallenberg, deixou-se cortejar por Beethoven. E assim começou a paixão do grande artista. Wagner teria rido da sua aventura e iria com a sua tradicional boina mais puxada para o lado esquerdo procurar novas Julietas



Ingrida Guicciardi

que o quisessem aceitar como Romeu.

O sentimental Beethoven não podia proceder assim. O que se teria passado entre os dois namorados? Olhando as coisas, segundo o critério actual, nada ou quasi nada. Tudo se limitou a uns beijos inofensivos, trocados de noite num jardim solitário, á luz do luar... Apenas isto.

Ah! mas para um coração romântico como o de Beethoven, era o bastante para o exaltar. Esta poética intimidade bastava para o elevar ao sétimo céu da sua sensibilidade.

Tendo de separar-se temporariamente da sua amada, o célebre músico descobre em várias cartas que escreveu a marca indelevel que esses beijos furtivos deixaram na sua alma.

O artista julgava ter encontrado a felicidade.

«Eternamente teu, ó eternamente minha», escrevia ele, como se estivesse traçando as primeiras notas da sua mais célebre sonata.

Julieta, enlevada nessa paixão que satisfazia a sua vaidade, não amava o pobre

Ludwig van Beethoven. Bastava-lhe saber-se amada para causar inveja ás suas amigas e rivais. Ser a musa inspiradora dum génio já era alguma coisa. O resto pouco lhe importava.

Por sua vez, Beethoven continuava a sonhar. Em confiança a um seu amigo muito querido, escrevia elle: «Tu não podes imaginar sequer a vida triste e desolada que levo há dois anos. Pois, graças a uma joven encantadora que me ama e á qual adoro, consigo disfrutar alguns momentos de felicidade. Chego a sentir-me feliz, apesar da minha crescente surdez que me atormenta. Julgo que o casamento poderia fazer-me completamente ditoso. Mas, desgraçadamente, essa jovem pertence a uma classe social mais elevada do que a minha, e encontra-se, portanto, muito afastada de mim, para pensar no matrimónio».

A elevada classe social que Beethoven apontava como um obstáculo podia baixar até elle, pois só poderia honrar-se com isso. O imp cillo máximo era o marido dessa jovem leviana que se deixava cortejar e beijar pelo artista que, ingénio como um colegial, trazia ao pescoço o retrato da mulher que havia de fazer a sua desgraça.

Muitos anos depois, tendo morrido Beethoven, a condessa de Gallenberg, já velha, respondia a quem evocava o autor do «Egmont»:

—«Lembro-me dele. Coitado! Foi meu professor de música e um homem de sentimentos elevados, mas não sabia vestir-se. Querem maior crueldade?»



Josefina Brunswick, a viúva insatisfeita

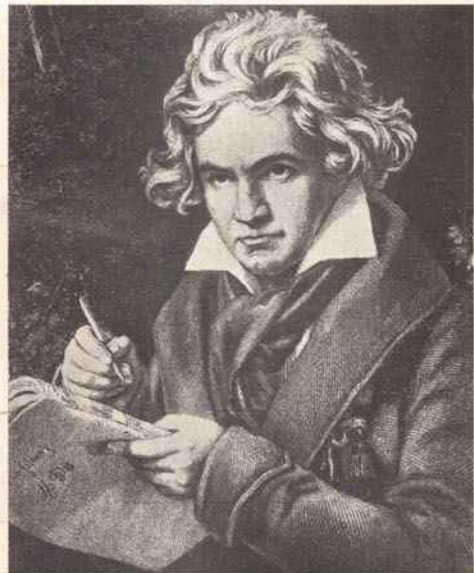
Ó vós, românticos piéguas do nosso tempo, aprendei a conhecer as mulheres. Foram assim sempre e assim continuarão a ser até o fim do mundo.

Beethoven teve outros amores? Dizem que esteve apaixonado por uma Josefina Brunswick que se encontrava viúva naquela altura. Ou porque o namorado nunca lhe tivesse falado com aquela franqueza que as mulheres gostam, embora simulem um tal ou quel agastamento para garantia duma espécie de pudor que dizem ter, ou porque Beethoven não fôsse o homem idealizado por essa mulher em segunda mão, um belo dia, a viúva casou-se com o conde de Deym e ausentou-se para sempre da capital austríaca. Falou-se também numa irmã desta viúva, uma tal Tereza Brunswick que, em dado momento, bateu as asas e procurou novos horizontes.

Decididamente, Beethoven não teve sorte nenhuma com as mulheres: E, no entanto, tinha todas as qualidades para constituir um lar feliz. Possuia carinho, ternura, sinceridade e afecto para envolver a esposa, e ainda a necessária surdez para não ter de suportar a sarrazina com que todas as mulheres — até as santas mais santas — costumam torturar o bicho do ouvido ao incauto que se dignou ser seu esposo.

Nada mais sabemos da vida amorosa de Beethoven. O que parece fóra de dúvida é que a sua verdadeira paixão foi essa leviana loira e casada que levou a existência a divertir-se á custa dos elevados sentimentos do ingénio amoroso, seu professor de piano.

Pelo menos, forçou-o a escrever o «Clair de lune».



Beethoven compondo a «Missa solenne» (gravura da época)



É Baile de caridade

No dia 8 do mês findo realizou-se nos salões nobres da Câmara Municipal de Lisboa um elegante baile organizado por uma comissão de senhoras a que presidiu a esposa do Chefe do Estado. Exibiram-se um grupo de alunas de M^{tes} Britton's e Maria Paula, jovem artista da "Iobis". A festa teve grande concorrência.

O futuro rei da Grécia

Por lapso foi omitido o nome do autor do artigo "O futuro rei da Grécia pode surgir do casamento da princesa Marina com o príncipe Jorge de Inglaterra" publicado no nosso último número, e que é da autoria do nosso camarada Gomes Monteiro.

Dr. Amílcar de Sousa



O dr. Amílcar de Sousa, o patriarca triunfador do Naturismo publicou mais um esplêndido livro — "Arte de viver" — ao qual está destinado um êxito idêntico aos anteriores.

Um sociólogo chileno na Faculdade de Direito



Na Faculdade de Direito, realizou o sociólogo chileno Agustin Venturino, nos dias 7, 8 e 13 do corrente, uma série de conferências subordinadas ao tema "Sociologia geral Americana". A apresentação do conferente foi feita pelo prof. sr. Abel de Andrade, director da Faculdade de Direito. O sábio chileno foi atentamente escutado por uma escolhida assistência que dispensou grandes aplausos ao seu trabalho.

Belo Redondo



Belo REDONDO, escritor distinto e jornalista brilhante que acaba de chegar do Brasil, onde efectuou uma magnífica reportagem digna do seu talento, vivacidade e competência.

Um chá na Embaixada de Espanha



O sr. embaixador de Espanha e a senhora do Juncal ofereceram no dia 10 d'êste mês um chá no Palácio de Palhavã que marcou como uma das festas das mais elegantes da capital nos últimos tempos. Figuravam na assistência os srs. ministros dos Negócios Estrangeiros dr. Caeiro da Mata, Instrução e Guerra e muitos membros do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa.

Homenagem alemã a Plácido de Abreu

Está em Lisboa o antigo capitão aviador alemão Hans Schoene que vem organizar no nosso país o vôo à vela. O ilustre piloto foi portador duma coroa, oferecida pelos seus camaradas alemães, que depôs no túmulo do nosso compatriota Plácido de Abreu.



FIGURAS E FACTOS

Festa de homenagem



Por se provar serem infundadas as acusações que contra elles se formulavam, foram postos em liberdade os industriais Francisco, Domingos e Vicente Bertrand, proprietários das importantes e modelares oficinas de fotogravura "Bertrand, Irmãos, Lda.". Por esse motivo, o pessoal daquele estabelecimento organizou uma festa íntima de homenagem àqueles três industriais que decorreu cheia de cordialidade.

ARTE MODERNA

Um belo friso de esculturas da autoria de Leopoldo de Almeida

UMA visita ao estúdio de Leopoldo de Almeida proporcionou-nos há dias ocasião de admirar mais uma manifestação do seu extraordinário talento — uma magnífica colecção de trabalhos escultóricos destinados a um edifício em construção na capital.

Trata-se dum grandioso friso que, colocado à altura de 15 metros, constituirá o remate da fachada do Eden Teatro.

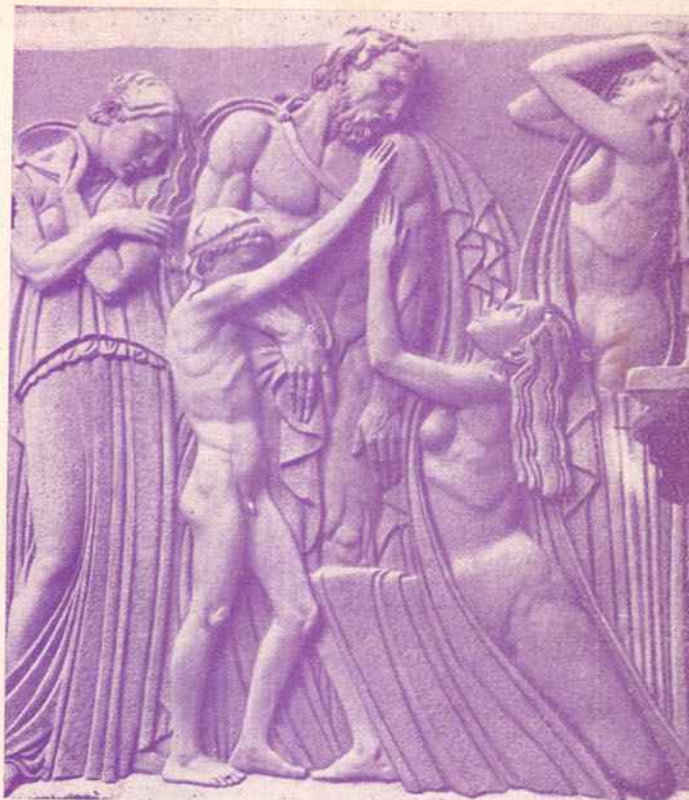
Formam a artística peça nove baixos relevos. Oito dêles medem três metros de altura por outros tantos de largura. O "painel", central tem a mesma altura por 4,40 metros de comprimento.

Representam essas esculturas, feitas de matéria plástica resistente, as principais modalidades artísticas que no Eden Teatro serão exibidas: a "Dança", o "Cinema", a "Zarzuela", as "Origens do teatro português — Gil Vicente recitando o monólogo do Vaqueiro", a "Glorificação do Teatro e da Música", as "Origens do Teatro Grego — As Suplicantes de Esquilo", a "Revista", o "Canto" e a "Música".

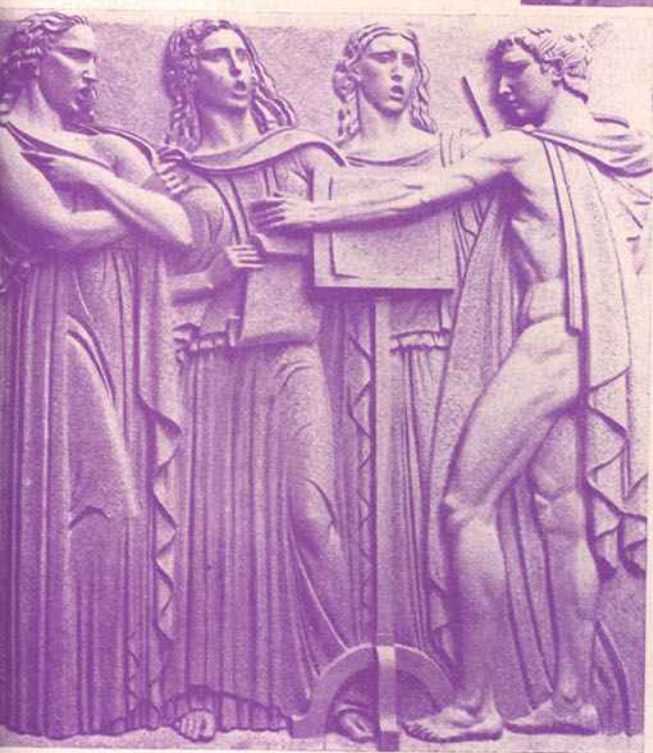
As reproduções fotográficas de alguns desses baixos relevos, que ilustram esta página, permitem formar uma ideia sobre o seu grande valor e dispensam-nos de pormenorizada descrição.

Todos os motivos são dignos de devido exame em especial os que represen-

tam a "Glorificação do Teatro e da Música" e as "Origens dos Teatros grego e português". A figura de Gil Vicente está tratada com grande vigor e os corifeus que compõem o grupo representativo de "O Canto", e da "Dança", seriam bastante para definir a forte individualidade de Leopoldo de Almeida.



A Dança. À esquerda: O Canto



Leopoldo de Almeida foi pensionista do Estado em Roma, onde ofereceu ao Instituto de Santo António, ali existente — que como se sabe, é português — uma magnífica estátua representando o popular tauromaturo. Na cidade Eterna teve por mestres vários artistas, tendo iniciado os seus estudos em Lisboa, com o ilustre professor Simões de Almeida, Sobrinho.

No nosso Museu de Arte Contemporânea figuram os seus trabalhos "Sátiro" e "Ven-

Gil Vicente recitando o monólogo do Vaqueiro

cidos da Vida». Vimos no estúdio de Leopoldo de Almeida um admirável Cristo, que expôs em Roma.

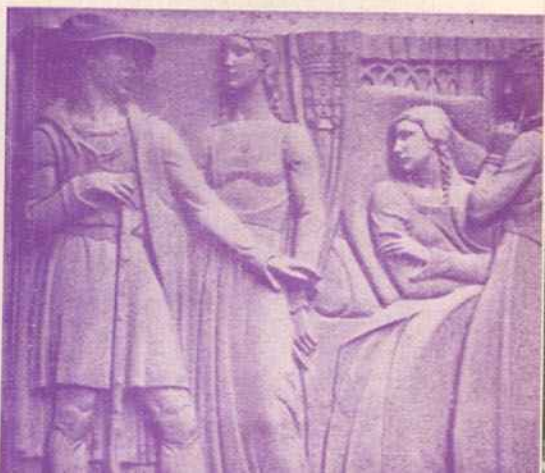
As suplicantes de Esquilo

Entre os monumentos de Leopoldo de Almeida, merecem especial referência o do Dr. António José de Almeida, que vai ser brevemente inaugurado em Lisboa; o de Luisa Todi não há muito erigido em Setúbal; e os de Câmara Pestana, João de Deus e Marcelino Mesquita. São também da sua autoria os trabalhos escultóricos há pouco inaugurados no edifício da Direcção Geral de Estatística.

Como se sabe, Leopoldo de Almeida, que tem a 1.ª medalha de desenho e escultura da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi um dos escolhidos para as 2.ªs provas do projecto para o monumento ao Infante D. Henrique, a erigir em Sagres. Recentemente obteve em concurso o lugar de professor de desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa.

Em breve o público terá ocasião de conhecer o último trabalho do grande escultor e de prestar a devida homenagem ao seu notável talento. Antecipadamente o felicitamos por mais êsse triunfo a que lhe assistem inegáveis direitos.

Moreira Fernandes.



QUANDO é que os judeus hão de voltar às terras da Caldéa, a levantar o seu altar, como outrora o patriarca Abraão, antes de tomar o rumo da Canaan deliciosa que o Altíssimo lhe prometera?

Quando é que os judeus hão de voltar a ter a sua Pátria?

Graças ao seu esforço que, disperso pelo mundo inteiro, tem brilhado fulgurantemente nas Artes, nas Letras, nas Ciências, no Comércio e nas Indústrias, esse povo privilegiado faria brotar das montanhas pedregosas do Ur uma civilização superior à que tiveram há cerca de 3 mil anos.

Quando voltará um Moisés a conduzi-los através do deserto da sua desolação, a encorajá-los na passagem do novo Mar Vermelho que ameaça inundar todo o Orbe e a mostrar-lhes, por fim, a Terra da Promissão?

Diz a lenda que sobre esta raça nobre e desventurada pesa um estigma terrível e inexorável desde a Paixão e Morte de Jesus.

Na tarde em que o meigo Nazareno era conduzido ao Calvário, um sapateiro chamado Ashaverus chegou à porta a ver passar o trágico cortejo. Como Jesus, vergado ao peso do madeiro, parasse uns momentos a criar alentos novos, Ashaverus, num ímpeto de crueldade inconcebível, rompeu a centúria que rodeava o Mártir, e empurrou-o brutalmente.

— Caminha! — intimou-lhe.

Jesus, então, voltando-se para esse homem cruel, amaldiçoou-o.

— Maldito sejas tu por toda a eternidade! Caminharás também, sem descanso através do mundo e dos séculos e todos te recusarão os momentos de repouso que me recusas agora. Vai-te, mau homem! Caminha! Caminha sempre!

Eis a razão que a lenda aponta para justificação do judeu errante. Ashaverus, condenado à imortalidade e ao movimento perpétuo, não podia ter na sua algebeira mais de uma pequena moeda de cobre, mas encontraria sempre este

dinheiro quando dêle carecesse. Jesus, continuando a sua penosa jornada, ao ver que as piedosas mulheres o seguiam a chorar, disse-lhes:

— Filhas de Jerusalem, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos. Porque virão dias em que se dirá: Bem-aventuradas as estereis, e os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram!

Entretanto, o Judeu errante começava a correr mundo, personificando o destino da raça hebreia.

Esta lenda, que parece ter nascido na Índia búdica, passou a envolver-se numa espécie de documentação engenhosamente urdida, a partir do século XIII. O Judeu errante havia sido um tal Joseph Cartaphilus, porteiro do Poncio Pilatos, sendo a sua história contada por Philippe Mouskes e Roger de Wendover.

Assim tem corrido a história desde Schiller a Goethe, desde Chamisso a Hamerling, desde Edgar Quinet a Eugene Sue, desde Beranger a Tomaz Ribeiro:

"Filha dum povo perseguido e nobre, que ao mundo encobre seu martírio, e cre: sempre Ashaveru a percorrer a esfera! desgraça austera! inabalável jó!"

Fal: corri a mapa imenso das montanhas da Judea; ai, pátria da raça hebreia! ai, desditosa Síão! que extensos montes sem relva! que paragens sem conforto, onde se estende o Mar Morto e onde se cria o Jordão!...

Aqui, de Hémor os vestígios; de Zifhe, ainda o deserto; longe, o Sinai encoberto; de Horé o morro, inda além; deste lado, o Mar Vermelho; daquêle... nsua! uns destroços: ruínas, campas sem ossos, e, no fundo, Jerusalem.

— Meu pai — disse eu — tenho sede. — Vê, filha, a aridez do monte: só Deus dava ao ermo a fonte em que bebia Ismael.



A vida íntima dos ciganos surpreende-nos por olhos profanos

OS SEM PÁTRIA

De Ashaverus ao boémio sem nome

Vai acabar finalmente o fatalismo dos judeus e dos ciganos?

*— Pai, cansé; mostra-me a pátria, quero dormir sem receio....
— Filha, encosta-te ao meu seio, que não tem pátria Israel...*

Todas as lendas são lindas, embora mentirosas e enganadoras.

A religião cristã criou o ódio aos judeus, atribuindo-lhes a morte e a paixão de Jesus, embora este nunca deixasse de ser um autêntico judeu da geração de Abraão e de David, segundo a árvore genealógica que o insuspeito S. Mateus nos apresenta na abertura do seu famoso evangelho.

A responsabilidade do crime do Calvário não poderia caber ao povo judeu que escutou com fervor os doutos ensinamentos do Sermão da Montanha. Se alguns potentados influíram no espírito do pusillíme Poncio Pilatos a absoluta necessidade de crucificar o blasfemo que ameaçara destruir o Templo de Salomão e reedificá-lo em três dias, o povo hebreu não aplaudiu essa barbaridade — e a prova está na multidão que acompanhou o Rabbi ao topo do Gólgota, implorando o seu indulto na eloquência muda das suas lágrimas.

Porque havemos, pois, de ver em qualquer judeu um dos verdugos de Cristo?

Fieis à sua crença, os judeus podiam aceitar ou não o Rabbi nazareno como o Messias prometido. Do que não pode haver a menor dúvida é que a sua religião continua a manter-se tal qual o patriarca Abraão a concebeu e Moisés a decretou no Decálogo do Sinai e sem as modificações mais ou menos hábeis de encíclicas e concílios.

Existe ainda outro povo errante infinitamente mais desgraçado que o judeu: é o cigano.

Enquanto os judeus, a pesar-de mil e uma perseguições, se engrandecem os ciganos continuam a ser uns miseráveis que toda a gente despreza.

Onde é que estes nómadas desventurados tiveram a sua origem?

Dizem que os ciganos, oriundos da Índia, tiveram de fugir ante a invasão mongólica, começando a correr

mundo sem destino certo. Desprovidos de quaisquer faculdades de trabalho, valeram-se de habilidades censuráveis, ora a enganar vendedores de gado nas feiras, ora a furtar o que aparecia ao seu alcance, ora a ler a sina na palma da mão.

Garcia de Rezende já se lhe refere no seu *Cancioneiro* em 1516.

Após a Restauração da Independência de Portugal, um alvará de D. João IV obrigava os ciganos a afastarem-se da corte e das fronteiras, marcando-lhes terras, das quais não poderiam sair sem licença dos juizes. Podiam mendigar, mas era-lhes vedado ler a sina. Os homens que não cumprissem estes preceitos eram açoitados e condenados a toda a vida para as galés. Quanto às mulheres, seriam desterradas para Angola ou Cabo Verde não podendo levar consigo filho ou filha.

Em 5 de Fevereiro de 1649, um outro alvará mandava que, em cinco léguas ao redor da corte, não fosse permitida a permanência de ciganos, sendo apenas excluídos desta bárbara ordenação os que estivessem alistados, servindo nas fronteiras e os que tivessem cartas de naturais e vizinhos de lugares e vilas do reino.

Dizia-se que os ciganos efectuavam curas com palavras mágicas, inspirados talvez por Satanáz — e isto apavorava o rei D. João IV que se prezava de ser um bom católico. No entanto, quando teve conhecimento de que o soldado António Rodrigues havia efectuado curas por meio de palavras em vários capitães, cabos e soldados do exército do Alentejo, chamou-o à sua presença, louvou-o e mandou dar-lhe a pensão anual de quarenta mil reis. Esta ordem foi legalizada por um alvará assinado em 13 de Outubro de 1654.

Esta miséria continuou e os ciganos continuam a errar pelo mundo inteiro, sempre perseguidos e sempre escorraçados.

Agora, segundo as últimas notícias de Varsóvia, os ciganos polacos reelegeram por 5 anos o seu rei Miguel II, havendo também a intenção de fundar um "reino, na Índia.

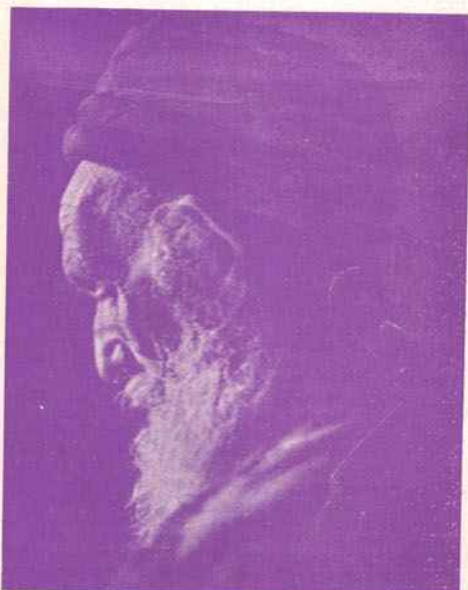
Ao que parece, começaram já as negociações com a diplomacia inglesa para que o povo errante possa voltar às regiões onde a ciência moderna coloca o berço da raça dos nómadas, estando os ciganos na firme disposição de comprar o direito de regresso à sua pátria.

Será ainda um negócio à cigana? Uma vez que os ciganos criaram fama de embusteiros e ladrões, suprimindo com furtos o que as suas habilidades legítimas

não podem dar-lhes, todo o cuidado é pouco. Diz-se até que baptizam os filhos repetidas vezes para receber os presentes dos padrinhos.

Que futuro lhes está destinado?

As suas tradições poucas garantias lhes oferecem. As mais profundas investigações dizem-nos que os ciganos apareceram por volta de 1438 na Hungria, alastrando-se, a pouco e pouco, até a Boémia. Nessa altura eram índios escorraçados pelos mongóis. A Boémia foi o seu ponto forte, onde conseguiram criar raízes. Quando se espalharam pelas partes mais ocidentais da Europa, quasi esqueceram a sua designação primitiva de zigúrios ou czingários, sendo então conhecidos por boémios, na suposição de que fossem originários daquêle país. Como os judeus, os ciganos conservam os traços característicos da sua raça: olhos encovados, cor morena e cabelos negros de azeviche. Mas, ao contrário dos israelitas, aborrecem mortalmente o trabalho e dedicam-se quasi exclusivamente a acções puníveis pelo código penal.



Uma feia cabeça de hebreu

A sua má fama foi tal que na Valaquia e na Moldávia não lhes era dado o "direito de ser gente". Ainda há pouco tempo — e segundo a letra da lei — um boiardo que matasse um cigano não cometia crime, e qualquer estrangeiro, pelo mesmo motivo, era condenado apenas na multa de noventa florins.

Em pouco se cotava a vida dum cigano...

No entanto, são agradáveis à nossa sensibilidade, dando-nos até vontade de dizer como Eça de Queiroz, ao referir-se a esses nómadas esqualidos: "eu gosto de vocês, simpáticos malandros".

Em boa verdade, seria interessante que os ciganos conquistassem um lar firme como todos os outros povos.

O que seria uma nação organizada por estes nomados?

Dos seus acampamentos brotariam altíssimas construções em cimento armado desafiando com os seus arranha-céus a já avançada civilização moderna, com a arrogância dos construtores da Torre de Babel?

E daí — quem sabe? — poderiam surgir diplomatas espertíssimos que nas grandes conferências em pról da paz e bem estar do mundo conseguissem alguma coisa de jeito.

Do que não nos resta dúvida nenhuma é de que se o país dos Ciganos, legalmente organizado e reconhecido pelas diversas potências, conseguisse um lugar na Sociedade das Nações, os seus representantes podiam não encontrar solução para a carnificina do Chaco nem para o problema do Sarre, mas impingiam um corte de fato a cada um dos diplomatas seus colegas.



Um cigano

O Brasil acaba de perder um dos seus maiores escritores. Se a Pátria Irmã chora, neste

momento, a morte dum filho querido, a sua dôr é também nossa, porque vem tocar profundamente o nosso coração de povo irmão. Estamos, portanto, de luto, de luto pesado.

Ao evocarmos a obra vastíssima de Coelho Neto, encontramos a personalidade do escritor que teve tôdas as características sentimentais da raça portuguesa e por isso nos empolga e nos arrebatava. A essas altas qualidades aliava ainda a arte magnificante do paisagista que só um brasileiro poderia realizar por entre lampejos geniais.

Coelho Neto, no desabrochar da sua adolescência, queria ser marinheiro, sentia a atracção do Oceano que parecia chamá-lo para as mais extraordinárias aventuras. Calcula-se, portanto, o entusiasmo que êle pôs na narrativa histórica "A descoberta da Índia", escrita quando Portugal celebrava o centenario da proesa homérica de Vasco da Gama.

O mar tentava-o, encantava-o. Quem quebrou o encantamento do moço escritor foi seu pai que lhe impôs a carreira da medicina. Mas, ao entrar no Teatro Anatómico, a sua sensibilidade horrorizou-o. Quando lhe disseram que era necessário retalhar cadáveres, fugiu. Passou a estudar Direito.

Começou a estudar no "Diario Mercantil", de S. Paulo, revelando-se logo um jornalista de valor. Aos dezoito anos publicou um livro de contos que foi acolhido com o maior entusiasmo pela crítica. Estava ali um autêntico escritor. Muitos dos seus livros que se seguiram fôram publicados em Portugal antes de aparecerem no Brasil.

"Sertão", "Treva", e "O rajah de Pendjab", são obras formidáveis que bastariam para fazer o crédito dum grande escritor.

Por ocasião da visita do dr. António

Luto das letras brasileiras

A morte de Coelho Neto

José de Almeida ao Brasil, foi Coelho Neto que, à frente duma delegação da Academia Brasileira, levou os cumprimentos ao presidente da República Portuguesa hospedado no Palácio de Guanabara.

Nesse instante solene proferiu um dos mais belos discursos da sua vida, referindo-se enternecidamente à língua portuguesa, comum aos dois grandes povos irmãos.

A reforma ortográfica, surgida do acôrdo luso-brasileiro, teve em Coelho Neto um dos mais fervorosos paladinos.

A casa de Coelho Neto, foi sempre o lar dos escritores portugueses. Todos os que passavam pelo Brasil, eram ali carinhosamente recebidos. Um dos seus visitantes, que estudou profundamente Coelho Neto, disse que êle "vivia entre duas paixões — o amor dos seus e o amor das letras. A maior recreação do seu espírito era receber seus amigos e camaradas no amoroso ambiente da sua família. Os serões da sua casa eram sempre tocados de tal encanto e espiritualidade que ficavam constituindo recordação imperecível daqueles que tiveram a fortuna de lá ir uma vez".

Morre com pouco mais de 60 anos. Pode mesmo dizer-se que morreu de desgosto. A perda de sua espôsa, desvelada companheira de tôda a sua existencia foi um golpe tão rude que êsse roble gigantesco estremeceu nas suas mais profundas raízes. E, como se não bastasse, morre-lhe um filho na flôr da idade, que era a luz dos seus olhos.

Chorou. No seu poema em prosa "Mano", o escritor descreveu a aflição da sua alma dilacerada pela morte do filho querido.

"As lágrimas — escrevia êle — não florescem e é bom que assim seja, porque seriam mortais como as flores da mançanilha!"

Parece que um Poder Oculto, formidável e intangível, se vingava do autor de tantas maravilhas literárias, que tão bem soubera definir a dôr sem a ter experimentado nunca.

Pois êste homem que conseguiu descrever com a maior fidelidade as desgraças alheias saberia chorar como as suas personagens? E êsse Poder Oculto, formidável e intangível, descarregou-lhe o primeiro golpe.

— Chora! — intimou êle — quero ver até onde chega a tua sensibilidade.

E o desgraçado chorou. Na sua alma crente suscitou-se uma dúvida, uma grande dúvida.

— Se há uma justiça imanente que nos protege e nos castiga, porque me fere a mim que não tenho pecados na consciência?

E o mesmo poder, ante a revolta do torturado que invectivava o Céu numa prece, descarregou-lhe o segundo golpe.

— Ainda não é bastante. Chora! purifica-te nas tuas lágrimas.

Quando lhe morreu o filho mandou colocar o cadáver sôbre a mesa de trabalho, antes de lho levarem para sempre.

Dessa mesa escrevera o escritor pouco antes:

"Não há terra mais fértil do que as tâboas dêste móvel: solo que eu cultivo há trinta anos, sem repouso, ganhando nêlo o pão, a lenha, o linho, e sempre (Deus seja louvado!) as minhas sementeiras prosperaram, mau grado a maldade dos homens."

Essa mesa, que tinha sido a sua forja onde temperara as mais belas ideias que dariam as mais deliciosas páginas, havia de ser também — mal o supunha êle — a eça lugubre para o corpo do seu filho morto.

Era natural o seu desalento. A sua má-gua havia de acabar por matá-lo.

A sua candidatura ao prêmio Nobel, apresentada por unanimidade pela Academia Brasileira por entre os aplausos de todo o povo do Brasil, e apoiada entusiasticamente por Portugal, deveria alegrá-lo, pois a muito poucos é dada uma tal consagração. Essa glória não enterneceu o grande escritor que só pensava na sua amargura e dentro dela desejava morrer.

Coelho Neto morreu, mas a sua obra ficou: "Rapsódias", "Baladilhas", "Fruto proibido", "O album de Caliban", "A seara de Ruth", "Romanceiro", "Lanterna mágica" e outros livros de contos com que enriqueceu a literatura brasileira; os magníficos romances "Miragem", "A Capital Federal", "Praga", "O rei fantasma", "Inverno em flor", "O morto", "O paraíso", "A conquista", "Tormenta" e outras formidáveis produções do grande escritor ficarão sempre entre as primeiras.

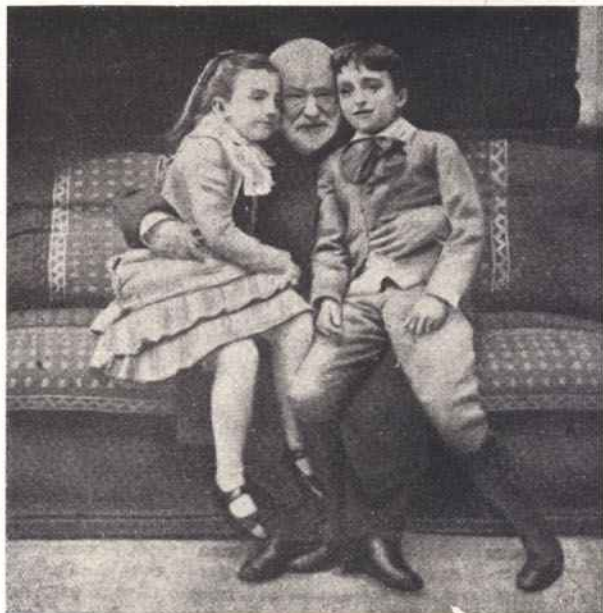
O Brasil pranteia a morte do escritor e bem faz porque perdeu o príncipe dos seus prosadores mais perfeitos.

Nós associamo-nos à dôr da República-Irmã porque com a morte de Coelho Neto perdemos um dos maiores escritores da língua portuguesa.



VITOR HUGO

e AS CRIANÇAS



Victor Hugo fotografado em companhia de seus dois netos

Todos os grandes gênios amaram enternecidamente as crianças. Victor Hugo quis-lhes com verdadeira loucura, ao afirmar que «seja qual fôr o tecto ou a abóbada que uma criança tenha por sobre a cabeça, o que se reflecte nos seus olhos é o céu».

Os olhos da criança, voltados para o alto, são divinos, atingem a perfeição suprema, dominam as almas.

Tenha o Mundo as evoluções que tiver, afrouxe a Crença, pontifique a Razão, que o Natal ha de ser sempre uma festa enternecedora. Esse privilégio será mantido através dos séculos, não pela imposição de qualquer Santo Offício, nem pela força das baionetas, mas por milhões de mãos pequeninas e rosadas, as mãos das crianças que durante todo o ano aguardam ansiosamente o nascimento do Menino Jesus para colocar o seu sapatinho na chaminé.

As crianças dominam o Mundo. Pela salvação dum filho, o ateu mais empedernido é capaz de acreditar em Deus.

A obra gigantesca de Victor Hugo é toda nimbada pelo seu amor ás crianças. O próprio «Han de Islandia», ao beber sangue por um crânio humano, comete esse requinte de maldade para vingar a morte dum filho.

Recordam-se dos três pequenitos de «O Noventa e Três»?

E' Victor Hugo quem nos fala:

«As crianças tinham despertado. Acordou primeiro a pequenita.

Um despertar de crianças é um desabrochar de flores; parece que se lhes exala um perfume das almas cheias de frescura. Georgette, a de vinte meses, a mais nova das três, a que em maio ainda mamava, ergueu a pequenina cabeça, encostou-se ao travesseiro, olhou para os pés, e começou a palmar.

Um raio da manhã brincava no seu berço; e seria difícil dizer qual era mais rosado, se o pé de Georgette se o da aurora.

Os outros dois dormiam ainda: são mais tardios os homens. Georgette, alegre e tranquila, palrava.

René-Jean tinha os cabelos negros, Gros-Alain castanhos; Georgette tinha-os loiros. As nuances dos cabelos, de acordo na infância com a idade, podem mais tarde mudar. René Jean lembrava um pequenino Hercules; dormia de bôrco, com os punhos fechados nos olhos, Gros-Alain tinha ambas as pernas fóra do berço.

Estavam todos três esfarrapados; os vestidos que lhes tinham sido dados pelo batalhão do Gôrrô Vermelho haviam caído em pedaços; naquele momento não tinham sequer camisa; Georgette estava coberta com uns trapos que tinham sido uma saia e agora não chegavam a um colete. Quem cuidava daquelas crianças? Ninguém o poderia dizer. Não tinham mãe. Aqueles selvagens camponeses combatentes, que

as arrastavam consigo de floresta em floresta, davam lhes um pouco da sua ração. Era tudo e os pequenitos arranjavam-se como podiam.

Tinham todos por amos e ninguém por pai. Mas os andrôjos das crianças são cheios de luz. Eram encantadores.

Georgette palrava. Tudo o que a ave canta, balbucia-o a criança. E' o mesmo hino. Hino indistinto, harmonioso, profundo. A criança tem a mais do que a ave o sombrio destino humano adiante de si. E daí provém a tristeza dos homens que escutam misturada á alegria da criança que canta. O cântico mais sublime que se pode ouvir na terra é o balbuciar da alma humana nos lábios duma criança. Esse gorgear confuso dum pensamento

que não é ainda senão indistinto, contém não sei que apêlo inconsciente á justiça eterna; é talvez um protesto no limiar antes de o transpôr — protesto humilde e pungente; essa ignorância sorrindo ao infinito compromete toda a criação na sorte que será dada ao ente fraco e inerme. A desgraça, se sobrevier, será um abuso de confiança.

O murmúrio da criança é mais e menos do que a palavra — não tem notas e é um cântico; não tem sílabas e é uma linguagem; esse murmúrio teve o seu começo no Céu e não pode terminar na Terra; é anterior ao nascimento e há-de eternisar-se; é uma continuação. Compõe-se do que a criança fazia quando era anjo e do que dirá quando fôr homem; o berço tem um Ontem como o túmulo tem um Amanhã; esse Ontem e esse Amanhã amalgamam no balbuciar obscuro a sua dupla incógnita; e nada comprova tanto Deus, a eternidade, a responsabilidade, a dualidade do destino, como essa sombra formidável nessa alma cor de rosa.

O que Georgette balbuciava não era triste, porque toda a sua doce fisionomia era um sorriso. A sua bôca sorria, os seus olhos sorriam, as covinhas das suas faces sorriam. Evolava-se desse sorriso um misterioso acolhimento á manhã. A alma confia na luz. O céu era azul, o ar tépido, o tempo esplêndido. A frágil criancinha, sem nada saber, sem nada conhecer, sem nada compreender, molemente embevecida num sonhar que não pensa, sentia-se em segurança nessa natureza, no meio das árvores leais, da verdura sincera, do campo puro e tranqüillo, dos murmúrios dos moínhos, das fontes, das moscas, das folhas, por sobre as quais resplendia a imensa inocência do sol.

Depois de Georgette, despertou René-Jean, o mais velho, o que tinha já quatro anos. Esse pôs-se em pé, saltou virilmente para fóra do berço, viu o prato,

achou o caso muito simples, assentou-se no chão a comer a sôpa

O palrar de Georgette não tinha acordado Gros-Alain, mas o ruído da colher no prato fê-lo voltar em sobressalto, e abrir os olhos.

Gros Alain era o de três anos. Viu o seu prato de sôpa, bastava-lhe estender o braço para o tocar, agarrou nêle, e, sem sair do berço, com o prato nos joelhos e a colher na mão, fez como René-Jean, pôs-se a comer a sôpa.

Georgette não os ouvia, e as ondulações da sua voz pareciam modelar o ritmo dum sonho.

Quando René-Jean acabou, raspou a colher o fundo do prato, suspirou, e disse com dignidade:

— Comi a sôpa.

— *Popôpa* — disse ela.

E, vendo que René-Jean tinha comido e que Gros Alain comia ainda, pegou no prato de sôpa que tinha a seu lado e comeu também, apesar de levar muito mais vezes a colher ás orelhas do que á bôca.

De quando em quando renunciava á civilização e comia com os dedos.

Recordam-se da pequenina Coseta, seguindo pela mão Jean Valjean, após a temporada de torturas em casa dos Thenardier? Julgamos estar ainda a vê-la, roxinha de frio, sobraçando uma vassoura duas vezes maior do que ela. Vêde a sua alegria ante o presente da boneca. O próprio Jean Valjean sente-se nimbado por essa alegria de anjo perdido na Terra.

E o Gavroche das barricadas? E os seus companheiros do bôjo do elefante da Bastilha onde tinha havido um gato que os ratos devoraram á falta de melhor petisco? Recordam-se do tagarelar dessas almas cândidas?

Victor Hugo traduziu como ninguém essa linguagem.

Quem assim conheceu a alma dos pequeninos e tão fielmente a soube retratar, ou tinha dentro de si uma alma de criança ou possuía o dom divino de conservar, nitidas e perenes, na memória as venturas inconscientes duma infância distante de que toda a gente se esquece ao transpôr o limiar da mocidade.



Um grupo infantil que evoca o descrito nesta página pela pena de Victor Hugo



De tôdas as festas do ano é a do Natal a que nos é mais querida. Nêsse dia luminoso, que a arte e a literatura encheram de suave beleza, festeja-se a vinda ao Mundo dum Deus menino, personificação suprema das mais transcendentais virtudes, dos mais elevados ideais.

A infância, só por si, evoca doces ternuras, sorrisos frescos, alegrias límpidas. Mas quando a criança se chama Jesus, tôdas essas ideias se sublimam, se divi-

nizam. A Natividade de Jesus é, pois, a expressão máxima, a idealização suprema do tema eterno que se exprime nêste verbo — NASCER.

Quando em séculos muito longínquos, alguns átomos de matéria orgânica adquiriram dentro dum cérebro humano faculdade de consciência, o primeiro ser racional, aquele que estava predestinado a dominar tôda a Natureza — numa palavra, o Homem deve ter-se sentido maravilhado ante essa força misteriosa que logo divinizou — a Fecundidade.

A ideia do Na-

Interpretação do Natal

A GRAÇA INFANTIL NOS HOMENS E NOS ANIMAIS

tal estava em tudo, No botão de flor que desabrocha, na semente que germina, no ovo donde irrompe a ave implume.

Abandonada a si própria num Mundo hostil, a espécie humana encontrava-se



A infância tem sempre graça, ainda mesmo quando se trata dum símio

mal preparada para a luta pela existência. Estava desprovida de garras ou prezas. A sua epiderme delicada expunha-a aos maiores perigos. Não podia competir em velocidade com o gamo ou o cavalo; em força com o urso ou o leão; em destreza com o tigre ou o leopardo. Mas a Criação dotara-a com uma arma mais poderosa que tôdas as outras — a Inteligência. E armado dela o homem combateu os seus inimigos e triunfou.

Deve ter sido no dia em que, orgulhoso da sua vitória, se lembrou de contemplar o caminho percorrido, que nêle surgiu a ideia da Festa do Natal. Era já a

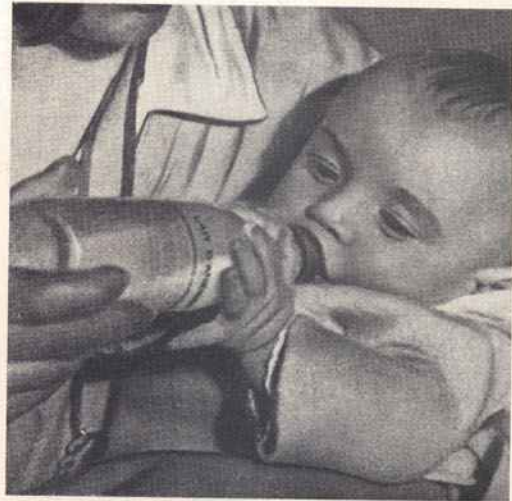
Esta cadela parece compreender tôda a nobreza do intuito natural



A maternidade transfigura os seres mais repulstes. Vêiam como a serpente põe a acariar os seus ovos



A nutrição, necessidade fisiológica fundamental



a nossa simpatia.

Esse mesmo extasiamento que o homem primitivo por certo experimentou ao contemplar o poder de continuidade da vida, perdura ainda na nossa memória como uma recordação ancestral. A sua influência verifica-se a todo o momento no nosso sentido



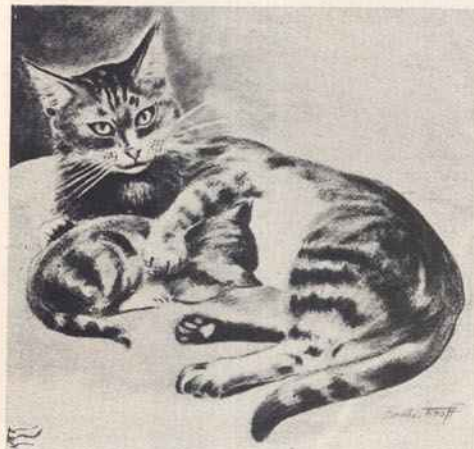
Até os chacais recém-nascidos se adaptam com facilidade ao "biberão"



Este jovem gorila encontra manifesto prazer na amamentação

estético. Para o nosso critério subjetivo, a infância envolve tudo no mesmo véu de inocência e graça. Ante a nossa imaginação abatem-se as barreiras de raça, as divisões de espécie. Um negrinho que balbucia suscita um impulso espontâneo da nossa simpatia. Um gatinho que ensaia os primeiros passos tímidos desperta a nossa ternura. Uma rosa em botão tem sempre qualquer coisa de misterioso e subtil que já não se en-

Meiguice do felino



contra na que está desabrochada. E se quisermos encontrar um ser vivo que no limiar da existência não se nos afigure cheio de graças teremos de ir procurá-lo longe, nos ramos mais afastados da árvore genealógica das espécies animais.

E tudo isso porquê? Porque a nossa fantasia veste dos maiores encantos tudo o que diz respeito a esse mistério do germe, do embrião e da semente que há tantos milênios fascina a imaginação humana.

É esta, pois, a nossa interpretação do Natal: — vasta concepção panteísta rematada pela figura ideal do Nazareno que ensinou aos homens suaves doutrinas de amor.

Manual L. Rodrigues.



Reincarnações do



O SONHO DUM ANJO É UM MISTÉRIO QUE NEM ÉLE MESMO SABE DEFINIR POR PALAVRAS. ACORDA A CHORAR OU A SORRIR, RECORDANDO TALVEZ O CÉU DONDE HÁ TÃO POUCO TEMPO O TROUXERAM PARA FAZER A ALEGRIA DUM LAR

MENINO JESUS



BÉBÉ, QUE SERÁ UM HOMEM, CHORA — E É UMA FUTURA MULHER QUE O ANIMA, CENSURANDO-LHE A PIÉGUICE. UM DIA, POR VINGANÇA, FARÁ ELE CHORAR QUEM LHE APOUCOU O SEXO FORTE



AS CRIANÇAS SÃO INDEPENDENTES COMO AS ANDORINHAS, EMBORA LHE FALTEM AS ASAS PARA VOAR. NÃO SABEM TRANSIGIR COM A FOME. GRITAM, ORDENAM E IMPÕEM A SUA VONTADE... QUANDO AS MÃOS CARINHOSAS DUMA MÃI AS ENVOLVEM NUMA TERNURA QUE NUNCA MAIS ESQUECE

O DESABROCHAR DA INTELIGÊNCIA COM TODAS AS SUAS GRAÇAS QUE O TEMPO AVOLUMARÁ NUMA EVOLUÇÃO CONTÍNUA

TAL COMO QUANDO FOR HOMEM, TODA A CRIANÇA IDEALIZA, NO SEU RECANTO EXÍGUO, AS MAIS ALTAS E AUDACIOSAS CONSTRUÇÕES... →

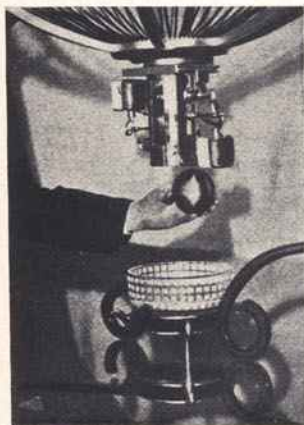


NA FALTA DE MELHORAMA, A IRMÃOZINHA MAIS VELHA PODE AUXILIAR O BÉBÉ NO SEU BANHÃO. PELO MENOS, TEM AS MÃOS MAIS LEVES E MACIAS

ROUPA LAVADA POR ANJOS DEVE FICAR SALPICADA DE ESTRELAS

UM GARGAREJO QUE PODE SER TAMBÉM UMA PRECE





Ol' bola da felicidade

Vai proceder-se dentro de poucos dias ao sorteio dos prémios de mais uma Lotaria do Natal. Contadas e conferidas, as doze mil bolinhas devem estar já dentro da grande esfera donde uma delas, igualzinha às outras, sairá guiada pelo Acaso para derramar 6.000 contos sobre o possuidor ou possuidores do número correspondente.

Todas as semanas o acto se repete sem nada perder do seu atracente mistério. Qual será o número privilegiado? Impossível fazer previsões. As mais complexas martingalas falham perante os cegos designios da Sorte. Contentemo-nos, por isso, em traçar um esboço da história das lotarias.

A origem dos jogos de lotaria perde-se na noite dos tempos. Sabe-se que na época do império romano já era uso organizar sorteios para distribuir prémios pelo povo. Os bilhetes eram umas tabuinhas numeradas que se lançava à população por ocasião das grandes festas de circo. Os espectadores disputavam entre si as tabuinhas que habilitavam aos prémios, tal como ainda hoje, nos casamentos da província, os garotos disputam um punhado de moedas que o padrinho da noiva complacientemente lhes arremeça. Esta distribuição de prémios rematava, em geral, as festas e era um dos divertimentos predilectos de alguns Césares que, do alto da tribuna imperial, assistiam divertidos à luta da população pela posse das tabuinhas.

Das lotarias existentes a mais antiga é a italiana, conhecida pela designação de «lotto». A sua história começa em Génova em meados do século XVI. Foi, na realidade, em 1550 que um tal Benedetto Gentilco organizou uma lotaria que se mantém ainda hoje com ligeiras alterações. Chamava-se a esse sorteio «jogo do seminário», por ser este o nome duma urna donde, de seis em seis meses, se tiravam os nomes de cinco indivíduos que deviam ocupar lugares proeminentes no governo da república genovesa. As leis do tempo estabeleciam que se introduzisse na urna noventa fichas contendo o nome de outros tantos candidatos a esses cargos. Procedia-se depois ao sorteio que substituiu, neste caso, a eleição.

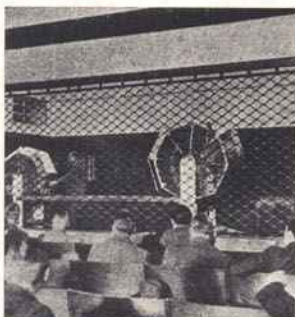
Os genoveses costumavam in-

teressar-se muito por este sorteio. Faziam-se vaticínios e apostas sobre os nomes que o acaso designaria. Daí proveio a ideia de legitimar o jogo, retrahendo d'ele proventos para o erário público.

Outros Estados italianos seguiram este exemplo. Em 1665, começou a funcionar a lotaria de Milão. Veneza e Nápoles não tardaram muito em organizar também as suas.

Foram os Estados Pontifícios os mais renitentes em adoptar essa inovação, contrária aos princípios da moral cristã. Verificou-se, porém, que os súbditos do Papa jogavam fortemente nas lotarias dos outros Estados e que grandes somas de dinheiro saíam por esse motivo para o estrangeiro. Para obviar aos inconvenientes que daí resultavam para a economia pontifícia, foi a lotaria autorizada em 1685, com carácter provisório. Inocência XIII lançou sobre os lucros um pesado imposto. Clemente XIII pensou suprimir a lotaria mas desistiu de o fazer pelos mesmos motivos que já tinham influido no espírito dos seus antecessores. Optou por reorganizá-la cedendo a exploração à família dos marqueses de Bufalo, a troco duma elevada contribuição.

Veio depois a unificação da Itália em 1870 e uma das primeiras medidas do novo governo consistiu em fundir numa só as diversas lotarias, dando ao jogo a sua forma actual.



A extracção da lotaria na Alemanha

O sistema da lotaria italiana corresponde exactamente ao popular jogo português do lôto. Os números que entram na esfera são de 1 a 90. As extracções fazem-se aos sábados às 4 horas da tarde em Génova, Milão, Veneza, Florença, Roma, Bari, Nápoles e Palermo. Sempre que o tempo o permite, o acto effectua-se numa praça pública. Uma criança com os olhos vendados extrai da esfera os cinco números que formam a combinação a que cabe o prémio.



O sorteio do Derby de Londres

CAPRICHOS

Os jogos de lotaria e a sua evolução através dos séculos e dos povos

Como se vê, este sistema diverge fundamentalmente do da nossa lotaria. A importância de prémios pagos não está de antemão fixada como sucede em Portugal. Depende do acaso. Mas as maiores probabilidades são sempre a favor do banqueiro, que neste caso é o Estado. No orçamento italiano a lotaria figura sempre como verba de receita que ascende a algumas centenas de milhões de liras.

Atém d'este sorteio semanal realiza-se todos os anos outro, por ocasião da corrida de automóveis de Trípoli, cujos lucros são applicados na manutenção de diversos organismos coloniais.

Na Inglaterra as lotarias são prohibidas por lei. E contudo, por um desses muitos paradoxos da velha Albion, é aquele o país em que mais se joga.

O pretexto favorito do jogo são as corridas de cavalos. Raro se passa um dia sem que se realize qualquer corrida num dos ducrados hipódromos que existem espalhados pela Grã-Bretanha. Essas corridas dão lugar a apostas quantiosas que a lei considera como uma espécie de contratos e que são por isso autorizadas. Calcula-se que essas apostas movimentam por ano entre dois e três milhões de contos da nossa moeda.

Existem também os «sweepstakes» que são no fundo autênticas lotarias. Procedem-se à emissão de bilhetes e em seguida faz-se um sorteio que designa os números favorecidos a quem é atribuído um dos cavalos concorrentes. O resultado da corrida estabelece a distribuição dos prémios. O número correspondente ao do cavallo que se classifica em primeiro lugar recebe o prémio maior. Para os outros há prémios de consolação de elevada importância.

Claro está que este sistema cai já sob a alçada da lei que proíbe as lotarias. Para a sofismar, organizam-se os «sweepstakes» em cidades fora da Inglaterra. Os mais célebres são os de Calcutá e Dublin. Na primeira destas cidades o prémio maior tem chegado a atingir uma cifra correspondente a oitenta mil contos. Quanto ao segundo, que é também muito importante, o seu produto destina-se a custear as despesas dos hospitais irlandeses.

As autoridades inglesas levantam toda a espécie de obstáculos à venda destes bilhetes, tendo já chegado a ameaçar prender quem for encontrado na posse de algum. Mas ninguém ignora, em Inglaterra, que esse rigor seria impraticável pois os primeiros a dar entrada na prisão seriam

DA SORTE

Os jogos de lotaria e a sua evolução através dos séculos e dos povos

os agentes da Scotland Yard e nem os próprios membros da Casa Real estariam ao abrigo das sanções legais.

Aferrados aos seus rígidos princípios, os governantes ingleses vêem por isso sair todos os anos para fora do país caudais de dinheiro que somam muitas dezenas, talvez centenas, de milhões de libras.

As primeiras lotarias a que a História de França se refere, datam de 1533. Eram conhecidas nesse tempo pelo nome de *bianques* ou *blanques*. Vários



Uma esfera de sorteios

reis recorreram a elas como meio de criar novas receitas, entre outros Luís XIV. Em 1776, um decreto do Conselho de Estado suprimiu todas as lotarias particulares, criando uma única com carácter oficial. A Revolução suprimiu essa lotaria, mas para a restabelecer mais tarde.

Uma lei datada de 21 de Maio de 1836 aboliu novamente as lotarias, ou quaisquer outros jogos em que a distribuição de prémios dependesse de sorteio. Em Outubro do ano passado, o Governo instituiu, porém, de novo o jogo oficial, movido, como sempre, pela necessidade de criar novas receitas para o Tesouro Público.

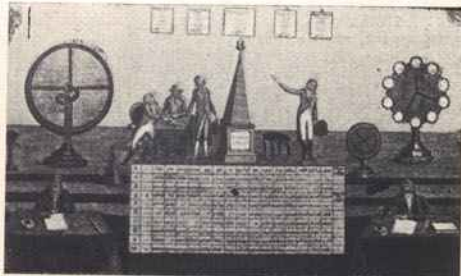
Esta última fase da lotaria francesa foi logo de início assinalada por habilíssimas falsificações com que se pretendeu desfalecer o erário.

Na Alemanha existem três lotarias — a de Hamburgo, a da Saxónia e a da Prússia. Esta última, que se estende a todo o Sul da Alemanha, é a mais importante de todas. O seu funcionamento, que é assaz complexo, pode explicar-se do seguinte modo:

Realizam-se dois sorteios por ano e em cada um deles faz-se a emissão de duas séries de bilhetes, cada uma das quais se compõe de 400.000 números. O preço dum bilhete é de 120 marcos, havendo fracções desde 15 marcos. A venda não se effectua nas ruas e luga-

A extracção dos prémios da lotaria numa praça pública de Itália

Granra representando uma extracção da lotaria no tempo da Revolução Francesa



res públicos, como succede em Portugal, Espanha e Itália. Em compensação faz-se uma larga publicidade.

Cada sorteio divide-se em cinco fases. A primeira tem um prémio de 50.000 marcos, a segunda de 100.000, a terceira de 200.000, a quarta de 300.000 e a quinta de 1.000.000. O jogador pode jogar nas fases que entender, pagando para isso um, dois, três ou quatro quintos do preço do seu bilhete ou fracção. Se aspirar ao prémio de um milhão terá que pagar o preço por inteiro.

A pesar de movimentar somas elevadas, a lotaria está longe de ter na Alemanha uma popularidade semelhante à que tem noutros países. O alemão joga sem paixão sem ilusões, apenas para satisfazer um vício. Por isso a lotaria é conhecida na Alemanha pela designação pitoresca de «imposto dos tolos».

As lotarias são ainda muito populares na Bélgica e no Brasil. Neste último país, a par do jogo oficial existe outro clandestino, conhecido por «jogo do bicho», que se desenvolve largamente a despeito da lei e das autoridades encarregadas de a fazer cumprir.

A organização duma lotaria constitui um difícil problema que requiere considerável soma de conhecimentos. Há que atender em primeiro lugar à psicologia do jogador, elemento cuja importância facilmente se compreende. Sob esse ponto de vista, algumas lotarias estrangeiras revelam-nos erros fundamentais. Assim, por exemplo, na lotaria francesa a tiragem dos números faz-se do seguinte modo:

Existem cinco esferas, em cada uma das quais há dez bolas marcadas com os dígitos de 0 a 9. A primeira esfera corresponde às unidades, a segunda às dezenas, a terceira às centenas, e assim por diante. De cada uma dessas esferas sai um algarismo e a reunião destes dá o número premiado.

É este o processo de extracção mais fácil que

se conhece, visto que evita ter de se manejar uma única grande esfera dentro da qual giram 12.000 bolas, como succede na lotaria da Misericórdia de Lisboa. Mas o seu inconveniente está na influência que exerce no espírito do jogador. A prática demonstra neste caso que todos os números em que há uma repetição anormal de algarismos — como em 11.111 ou 22.222 — são sistematicamente recusados pelo público. Qual a razão? Porque se afigura ao mesmo algarismo. Os matemáticos podem invocar a lei das probabilidades e sustentar que a coincidência dos cinco dígitos iguais é tão difícil de verificar-se num caso como noutro. Mas o jogador, no seu critério simplista, não se deixará convencer e recusar-se-á sempre a arriscar o seu dinheiro em todas as combinações de números que lhe pareçam improváveis.

Apreciada com imparcialidade, a lotaria portuguesa, fruto duma longa experiência, apresenta-se-nos como uma das mais perfeitas. Segue-a de perto a lotaria espanhola cuja organização é em todos os pontos semelhante.

Quanto às lotarias de outros países, não é difícil provar matematicamente que são illusórias, não só porque as probabilidades de obter os fabulosos primeiros prémios são ínfimas, mas também porque a soma dos prémios distribuídos é muito pequena em relação ao capital representado pela emissão dos bilhetes.

E para terminar façamos um voto: que a sorte grande da lotaria do próximo dia 23 lhe saia a si, caro leitor, ou a nós, porque ambos a merecemos.



HÁ 19 séculos numa humilde choupana, numa arribana, entre animais com o maior desconforto nasceu uma criança, que era o Salvador do Mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. Sómente os pastores e reis Magos, guiados por uma estrela, lhe prestaram as vasalagens que lhe eram devidas. Quasi ignorado, nasceu sobre umas palhas o Filho de Deus, dando-nos uma admiração de humildade e ensinando-nos o que devia ser a fraternidade humana. Dos seus ensinamentos nasceu uma sociedade nova e a religião cristã acabou com a crueldade da vida da civilização romana, civilização em que a piedade não existia e em que a caridade era não somente ignorada com incompreensível aos ultra civilizados daquela época. Após tantos séculos e apesar de haver tanto quem siga as doutrinas de Cristo, sacrificando-se pelo próximo por amor de Deus, ainda a humanidade não está perfeita. As guerras sucedem-se, os odios imperam, a religião de Cristo toda amor e caridade é guereada e nós vemos em Espanha e no México os sacerdotes, as freiras martirizadas como nos tempos cruéis da Roma dos Césares. As leis da religião, não agradam às gentes de hoje, que como as de então querem gozar todos os prazeres da vida sem freio que as domine e sem que o remorso lhes aguilhoie a consciencia, que se não importam senão com o satisfazer o seu apetite de luxo, de dinheiro, de gozo. Os roubos, os desfalques, as burlas sucedem-se em todo o mundo, organizações de perigosos bandidos, como nos Estados Unidos da América, aterrorizam a sociedade. Sequestram e assassinam crianças por dinheiro e, guerreiam-se entre si com metralhadoras e armas, como potencias e Estados o podem fazer. Mas apesar disso, chega o dia de Natal e crentes e ateus, religiosos e ímpios, gente

honesto e bandidos, todos sentem uma ternura na alma e todos se lembram de dar uma alegria às crianças, as crianças para quem a festa da comemoração do nascimento do Menino Deus, é a mais linda festa do ano, aquela que durante todo o ano é esperada com impaciencia. Nas famílias religiosas as crianças conhecem

ses nordicos é o velho pai Natal, Santo Claus, que com a sua barba branca, o seu barrete de peles, o seu casaco vermelho, guarnecido a peles brancas, vem curvado ao pezo dos anos e dos brinquedos fazer-lhes as mais delicadas surpresas. E como é para a criança um dia feliz, o aniversário do nascimento do Menino

O NATAL-FESTA DA CRIANÇA

toda a beleza do acto que comemoram, sentem mais profundamente a beleza desse dia e gozam com toda a alegria, festejando a vinda ao mundo do menino que lhes trouxe a mais formosa doutrina e que por amor da humanidade havia de sofrer as maiores torturas, dando o seu sangue e sujeitando a sua natureza divina à lei humana da morte, para ensinar os homens como se morre com coragem e resignação. Nas famílias sem crenças ou naquelas em que a indiferença matou a linda flor da fé, as crianças sabem que o menino Jesus, nasceu e que lhes manda brinquedos e assim prestam a sua homenagem ao menino Deus, em quem não crêem porque lhes não ensinaram a isso, mas a quem as suas almas inocentes prestam um culto especial.

A festa do Natal é a festa da criança, para ela vão todos os nossos pensamentos, desejamos todos que as crianças que nos rodeiam sejam felizes e qual não é a sua alegria diante duma linda arvore de Natal de onde pendem como frutos, brinquedos, ou diante da chaminé onde antes de se deitarem colocaram os sapatinhos na doce esperanza de que à meia noite o menino Jesus, com a sua tunicinha branca e os seus delicados pezinhos, venha pé ante pé, trazer-lhes o ambicionado brinquedo, que foi o seu sonho destas últimas semanas. Nos paí-

Deus. Mas há aqueles que o Menino não pode visitar porque não têm chaminé, e de quem Santo Claus no seu egoísmo de velho reumatico, não visita, porque são negras e frias, as suas casas.

Esses não têm uma linda e iluminada arvore de natal e nem sequer sapatos para pôr na chaminé. Muitas vezes nem têm um tecto que os cubra nessa algida noite de Dezembro. É preciso que nós todos tomando o exemplo de fraternidade do menino Deus, que nascendo entre os humildes nos quis indicar que todos somos irmãos, pensemos nesses que nada têm para fazer com que o seu dia de Natal seja feliz como o das outras crianças daquelas a quem tudo sorri na vida. E eles habituados a nada ter, são tão fáceis de contentar e com qualquer coisa se alegram e se lhes abre em sorrisos toda a alma, como as suas pequeninas bôcas! Uma comissão de senhoras, presidida pela esposa do senhor presidente da República encarregou-se este ano de suavizar e alegrar o dia de Natal das crianças pobres de Lisboa. Essa comissão merece o auxilio de todas as senhoras da capital, que assim contribuem para a alegria da criança e para que se efectue no mundo aquilo que Jesus Cristo tanto pregou: o amor do próximo. E as crianças pobres devem merecer-nos uma infinita ternura, elas que inocentes, sofrem todas as agruras da vida, sem compreenderem porque são vítimas, sem saberem porque é que a vida é tão dura para elas, e no entanto, essas crianças, pensam que a vida é bela. Alegram-se com um nada. Qualquer coisa as torna felizes e com um vestidinho novo e um bonéco, pode tornar-se tão belo o dia de Natal a um pobresinho, para quem todo o ano e principalmente os frios dias de inverno são uma sucessão de tristezas e de fome. Nunca houve cruzada tão bela como esta de dar satisfação e alegria às pobres crianças sem conforto e fazer-lhes viver este dia tão solene para nós, os crentes, como um dia de sonho. Um dia em que eles têm de pensar, como num dia promissão.

E as crianças para quem o Menino Jesus é pródigo em brinquedos, para aquelas a quem os enferrujados joelhos de Santo Claus se não recusam a ir levar a alegria e o bem estar, proporciona-se uma ocasião esplendida de pôr em prática a mais bela das coisas que nos ensina o Menino que nasceu para nos salvar a todos, a fraternidade o amor que devemos ter uns pelos outros e dando os seus brinquedos que já não querem, praticam uma linda acção e tornam mais bela a linda festa do Natal.



VEM aí o Natal e com êle a festa da família, a festa em que amizades se asseguram, e em nome de Cristo se dá tréguas a rixas e malquerenças.

Não é preciso, para as almas bem formadas e habituadas a amar Jesus desde o berço, embaladas pela voz cariciosa de mães amantíssimas, não precisam essas

almas de data fixa para que se lembrem de Jesus e do que êle por nós sofreu, porque sempre o trazem na lembrança.

Os outros, os tresloucados pela vida, os insatisfeitos da gulodice do prazer, êsses param na sua alucinada carreira para pensar no nascimento do pequenino inspirado que havia de trazer ao mundo uma era nova de liberdade e de perdão.

E é no Natal que se dá o milagre da reflexão, mesmo para os mais levianos e distraídos, porque foi tão grande, tão humana a existência de Jesus Cristo, que não há ninguém que ao recordá-la não sinta inundar-lhe a alma um misto de respeito e de ternura pelo divino crucificado.

Quando no alto do Calvário a Virgem-Mãe recebeu nos braços o cadaver ensanguentado de seu amado filho, aquele madeiro infame, que só tinha servido até então para suplício de ladrões e assassinos, encheu-se de luz e ficou dali iluminando o mundo, filtrando os seus raios pelas frestas das choças humildes, ao mesmo tempo que abraçava no seu halo acariciador palácios e cavernas.

A vitória da Cruz sôbre todas as grandezas e soberbas terrenas é lindamente relatada em versos do poeta espanhol Narciso Diaz de Escovar.

Este intelectual de altas capacidades, e cidadão duma nova República não hesita em confessar a sua fé e a sua crença em Cristo, cantando a sua cruz:

«Vence a cruz y arrogante sobre el mundo se levanta, como hostia sublime y santa de todo o poder triunfante Del arrianismo pujante vence la torpe porjia, destruye toda heresia y entre sus brazos ofrece la dulce pcz que aparece tras siglos de tirania

E deixando antever, numa síntese poderosa, a luta de Jesus com espíritos onde o paganismo implantara a treva cerrada da ignorância de tudo quanto fôsse justo e santo, êsse admiravel adorador de Jesus proclama bem alto a sua religião, e lança

A DIVINA LIÇÃO DE JESUS

êste pregão de entusiasmo por suas doutrinas que são a escola da verdade inconfundível e única:

«Del antiguo paganismo los ídolos y doctrinas rotaram entre ruinas hasta el fondo del abismo. Vencedor el Cristianismo hoy sus lauros eslabona, y ciñendo la corona



NATIVIDADE DA VIRGEM — Quadro de Zurbaran

de las eternas verdades, extiende sus claridades, desde una zona a outra zona.

Depois, com lágrimas de saudade pela mãe que soube educá-lo nos bons princípios, prosegue:

«Oh! venturoso em ti mi espíritu siempre ve los reflegos de esa fé que arde y se agiganta em mi!

Cuanto amé, quanto creí, con sus rayos se alumbro, ella siempre me guió y ella protege la fosa de aquella madre amorosa que a adorarle me enseñó!

Numa mulher seria lindo êste lindo estado de alma... mas num homem é sublime, e impõe-se ao nosso respeito.

Faz-nos bem arrirmos o nosso espírito a outros espíritos que se abraçam na mesma crença e que não repudiam a verdade eterna, numa época de mal entendidos, em que os mal intencionados, sem cuidar de separar o trigo do joio, deitam fóra a semente preciosa de consolação e amor.

É bom que haja um dia em que façamos o nosso exame de consciência e meditemos sôbre o maior e mais puro exemplo de abnegação e de bondade que nos foi dado na terra por um ser divino que a ela desceu para nos salvar.

Jesus, perseguido e vilipendiado por criaturas venais que só viam nêle um concorrente a terrenas benesses, quando Ele só pensava em benefícios do espírito, tudo venceu, deitando por terra impérios grandiosos que pareciam não ter fim, ameaçando os séculos.

A sua morte foi a morte dos seus inimigos, o seu sangue a sua condenação.

A cruz cresceu, alargou, tomou proporções gigantescas e projectou sôbre o mundo a sua sombra enorme, que chegava ao céu e descia pela terra dentro, abrindo os braços para os dois hemisférios.

Quanto mais os herejes martirizavam os portadores da palavra cristã, quanto mais injúrias vomitavam sôbre o túmulo do justo, mais a cruz subia,

mais a cruz crescia e mais ganhava em luz resplandecente.

Natal! Data gloriosa, data nunca assás lembrada, data que vive para além da vida, bem vindo sejas a todas as casas — à do rico como à do pobre.

Mercêdes Blasco.



posta no Museu Etnográfico do Trocadero, em Paris.

Na fabricação desses brinquedos têm-se empregado os mais diversos materiais: barro, cera, marfim, chumbo, madeira, porcelana, borracha, pasta de papel, tecido e celuloide.

Nos últimos tempos, alguns industriais imprimi-



A origem dos brinquedos não pode ser estabelecida com rigor. Os seus vestígios remontam às eras mais recuadas da pre-história e com fundamento se pode dizer que o seu aparecimento é contemporâneo das primeiras manifestações da inteligência humana.

O brinquedo é indispensável à criança. É por ele que se faz a aprendizagem da vida. Por isso, em todos os tempos o homem se ocupou em realizar esses minúsculos artefactos que fazem as delícias da infância.

Os grandes museus do Mundo abundam em objectos que provam a antiga origem dos brinquedos. No Louvre, por exemplo, existe uma pequena canoa de madeira com oito remadores que foi fabricada no Egito no tempo dos Faraós. No Museu britânico pode ver-se um carro de origem galo-romana com quatro rodas e puxado a dois cavalos.

Nas ruínas de Pompeia encontraram-se grande número de carrinhos feitos de argila. E duma maneira geral pode dizer-se que raras são as pesquisas sobre civilizações extintas que não levam a descobertas semelhantes.

Entre as gravuras que ilustram estas páginas há uma que nos mostra um venerável antepassado do brinquedo actual. Trata-se dum carrinho montado sobre rodas na parte dianteira do qual se notam vestígios do orifício que devia ter servido para passar uma corda e puxar o pequeno veículo. Foi construído na época de Sargom de Akbad, que viveu 2.600 anos antes da nossa era.

O brinquedo tem sempre correspondido a determinados temas fundamentais da vida humana: a maternidade, a guerra, as ciências e as artes. Não admira, pois, que na sua múltipla diversidade, se reconheçam à primeira vista certos tipos genéricos. Evoquemos a história de alguns deles.

O brinquedo universal por excelência é a boneca. Encontramo-la representada em todas as épocas e sob todas as latitudes.

Já nos tempos áureos da Grécia, as bonecas tinham adquirido notável perfeição. Conhecem-se algumas que datam de há 2.000 anos e em que os braços e pernas se articulavam em torno dum eixo que as prendia ao tronco, tal como ainda hoje se usa.

Luís XIII de França brincava durante a sua infância com bonecas de barro, que chegaram até aos nossos dias e que imitam as dos gregos e dos egípcios.

A boneca com voz foi inventada em 1823 pelo mecânico Maelzel. Três anos depois apareciam no mercado as primeiras bonecas mecânicas que andavam por meio de corda e fechavam os olhos quando colocadas em posição horizontal.

Espalhadas pelo Mundo, existem várias colecções de bonecas mais ou menos famosas. Uma das mais interessantes é a que se encontra ex-

miram à sua produção um elevado caracter artístico. É o que sucede, por exemplo, com as bonecas «Lencic, cada uma das quais constitui uma verdadeira obra de arte. Mas neste caso a função da boneca é desvirtuada, deixando de ser um brinquedo para se tornar em *objet*.

Aplicada à composição de casas de bonecas, a indústria dos brinquedos produziu verdadeiras maravilhas. À mais antiga peça desse género que se conhece é a que se encontra depositada no Museu de Nuremberg. Data de 1558. Repre-



senta um edifício de três andares e mede 2,27 m. de altura, 0,75 m. de largura e 0,60 m. de fundo. No Museu de Amsterdã existe outro exemplar precioso, embora muito mais recente. É do século XVIII e está mobilada ao estilo flamengo da época.

Merece ser citada ainda, a cozinha mi-

niatural pertencente a uma família inglesa, cujos utensílios foram pacientemente coleccionados por diversas gerações durante mais dum século. Mede apenas metro e meio de largo e contém 241

o nascimento e morte da boneca

Nascimento e morte da boneca



objectos em ferro, madeira, porcelana, etc. A guerra — factor histórico de decisiva importância e preocupação dominante da Humanidade — inspirou desde tempos imemoriais os fabricantes de brinquedos.

Nos túmulos romanos já se encontram pequenas espadas, chibós, armaduras, reduções dos artefactos guerreiros da época sobre cuja aplicação não pode haver dúvidas. Na Idade Média aparecem cavaleiros cobertos de pesadas armaduras de ferro para divertimento de infantes e filhos de gentis-homens. A Renascença legou-nos preciosas miniaturas de guerreiros em combate, sabres, espingardas e os primeiros canhões.

Até meados do século XIX, o fabrico de armas infantis teve o seu principal centro na Bélgica. Cêrca de 1850, porém, um francês de nome Andreux introduziu essa indústria no departamento de Vosges, em França, onde rapidamente prosperou. Para que se avalie da importância que atingiu o fabrico de armas para crianças basta dizer que a partir de 1853 essa região exportou anualmente cêrca de um milhão de couraças, espingardas, sabres, etc.

O brinquedo guerreiro atingiu a sua mais de-

Os frutos milagrosos da Arvore do Natal

Do brinquedo prehistórico ao brinquedo científico

finida expressão no soldado de chumbo. O mais antigo do género que se conhece é o que pertenceu a S. Luiz, rei de França. Essa figurinha, de grande valor histórico, mede seis centímetros de altura.

Os soldadinhos de chumbo na sua forma actual foram inventados por um tal Jean-Georges Hilpert. Nuremberg foi sempre o principal centro de produção dos populares brinquedos.

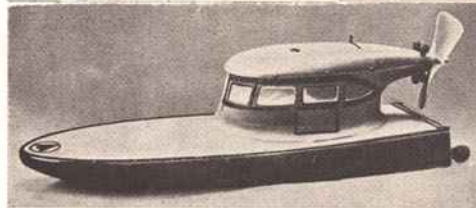
O prestígio dos soldadinhos de chumbo, tende, porém, a declinar. Contra elle se erguem as vozes autorizadas dos e lucadores, apontando o perigo de entreter a criança com aquilo que pode ser amanhã o flagelo do mundo. Tudo indica que, à medida que os ideais pacifistas forem penetrando os espiritos, o brinquedo belicoso irá perdendo o lugar proeminente que ainda ocupa na vida da criança.

O cavalo é outro brinquedo que teve larga popularidade. Na Idade Média fabricavam-se simulacros, idênticos aos que ainda hoje se podem ver nos bazares e que se compunham apenas dum pau encimado por uma reprodução da cabeça do animal. A Renascença completou esse rudimento dando-lhe fôrma perfeita em todos os pormenores.

Neste capítulo a Antiguidade reserva-nos, porém, uma das suas muitas surpresas. Existe no Museu do Louvre o primeiro cavalo montado sobre rodas que se conhece. Foi descoberto nas ruínas de Myrina e atribue-se-lhe a bonita idade de 2.300 anos.

São, porém, muito mais recentes os cavalos

Um fogão eléctrico para bonecas e uma canoa miniatral do modelo mais aperfeiçoado



de balanço, montados sobre uma base curva, cujo aparecimento se deu no século XVII.

Em 1822, Goudouze inventou o cavalo mecânico que teve grande êxito nessa época. Assentava sobre três rodas a que se imprimia movimento por meio dum pedal colocado no pescoço do animal e accionado à mão pelo «cavaleiro».

Era conhecido pelo nome de *veloimans*. O chamado «cavalo higiénico» foi inventado em 1886 por Manning. Era provido dum jogo de molas que sacudiam o cavaleiro dando-lhe a ilusão do trote ou do galope.

Foi no século passado que o cavalo teve o seu período áureo. Sonnenberg, pequena cidade perto de Nuremberg, era então o principal centro produtor desses brinquedos e os seus artigos de pasta espalhavam-se pelo mundo inteiro. Actualmente a indústria está em franca decadência. Destronado pela *tróinet* e pelo auto-

Brinquedo prehistórico

móvel de pedais, o cavalo vai passando ao rol das velharias.

O factor que maior importância teve na evolução dos brinquedos foi o progresso das ciências.

Ainda antes da Revolução Francesa, a descoberta das propriedades do imã teve numerosas aplicações. O balão de Montgolfier e o barco a vapor de Foulton não tardaram em aparecer em escala reduzida para divertimento das crianças contemporâneas desses inventos.

Sucedeu o mesmo com o caminho de ferro. As reproduções miniatrais de comboio eram já conhecidas quando cerca de 1870, Eriurt so-



lembrou de lhes aplicar um mecanismo de corda que os punha em movimento.

Em 1891 produziu-se perto de Saint Mandé, em França, um terrível acidente ferroviário que causou a maior mortandade em poucas semanas mais tarde apreciavam no mercado os primeiros caminhos de ferro infantis com *autógrafe* em que o comboio marchava para um descarrilamento espectacular e sem consequências.

Os modelos mais recentes deste género de brinquedos são duma maravilhosa perfeição. O comboio é accionado por electricidade e commandado duma estação central. Um transformador abaixa a tensão da corrente empregada a cerca de vinte vóltios, de modo que o manejo não



ofereça o menor perigo para a criança. Além disso, um dispositivo automático interrompe a passagem da corrente sempre que venha a dar-se um curto-circuito.

É o mais curioso é que existe um *record* de velocidade, devidamente cronometrado, para estes comboios de sala!

Em todos os brinquedos modernos a electricidade vai substituindo o clássico sistema de corda, cuja aplicação aos brinquedos foi feita pela primeira vez no século XVII pelo fabricante de Nuremberg Jean Haupt.

Fabricam-se hoje em escala infantil mil pequenos artefactos, como fogões e aspiradores de poeira, que funcionam por meio de corrente electrica.

O desenvolvimento da técnica no nosso século deu lugar preponderante entre os brinquedos ao jogo de construções. Os modelos modernos desse jogo são verdadeiras maravilhas de engenho e precisão. Dum barco de guerra a uma ponte metálica, tudo os jovens «engenheiros» podem, com alguma habilidade, construir.

Onde esta evolução científica do brinquedo melhor se acusa é na indústria. A fabricação de brinquedos deixou de ser uma profissão caseira para se tornar um ramo de alta especialização técnica.

As grandes fábricas dispõem de maquinarias complicadas. Os materiais com que se fazem os brinquedos são sujeitos a ensaios de dinamómetro a fim de se avaliar a resistência que podem oferecer ao espirito de destruição dos seus futuros pequenos donos. A composição das tintas é também cuidadosamente estudada, para que não sejam tóxicas nem susceptíveis de debotbar.

E as exigências da produção aumentam sem cessar. Não vem longe, talvez, o dia em que a fotogenia será considerada indispensável à boneca.

Espelho fiel da sua época, o brinquedo vai tendo, pois, dia a dia maior complexidade. E o que é hoje para nós uma curiosidade e um misterio — a televisão, por exemplo — servirá talvez de divertimento aos nossos descendentes.



O nascimento de Minerva

JESUS nasceu duma Virgem concebida sem pecado para redenção da humanidade. E' assim que as multidões o afirmam libertas das preocupações investigadoras dos sábios que tudo querem profundar.

A alma do povo, ignorante e cândida, rude e sincera, é ainda a única que pode merecer a nossa admiração pela sua sinceridade encantadora. A alma do povo é o mais belo evangelho que devemos soletar. Acalenta as lendas mais deliciosas, feitas-as com as mais lindas imagens, e, por fim, adora-as com uma devoção encantadora.

S. Mateus diz que Jesus teve irmãos e que estes, procurando-o, certo dia, não conseguiram ser recebidos, visto o Rabbi estar absorto numa das suas pregaçãoes. Acrescenta ainda, ao traçar a árvore genealógica do seu Divino Mestre, que este era filho de S. José, legítimo descendente de Abraão e de David.

Por sua vez, S. Lucas considera "Cristo filho primogénito de Maria, que o deu à luz em Bethlem, numa mangedoura, por não haver lugar na estalagem."

Renan vai descorriar novos documentos nas terras de Arimatéia, e lança uma terrível suspeita sobre esse piedoso mercador que, ajudado por Nicodemus, deu sepultura condigna ao mártir crucificado.



Mas para que será precisa tanta erudição?

Se a alma do povo aceitou o nascimento de Jesus com as harmonias da Anunciação e aprendeu a balbuciar com o anjo Gabriel a mais linda prece de tódas as religiões: *Avé, Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre*, serão necessárias mais investigações de paternidade?

A alma do povo é a mais santa das Escrituras porque tódas a sua ignorância rescende um perfume delicioso de ingenuidade que encanta, de candura que enternece, de bondade que cativa.

Ao meditar na immaculada concepção de Maria, a alma do povo aceita-a com a maior simplicidade, e, na sua singleza de anjo, define o mistério, dizendo que

«Sobre a Virgem nazarena desceu a divina graça: entrou e saiu por ela como o sol pela vidraça.»

A alma do povo é assim. Não deve ser contrariada.

Foi ela que imaginou o nascimento de Minerva saída do cérebro de Jupiter que a engendrara, forte e sábia, com todo o seu poder omnipotente de Pais dos Homens e Deuses. Minerva tinha também o nome de Pallas que, em grego, quer dizer "a que não mamou."

Jupiter, sentindo, certa manhã, uma violenta dor de cabeça, pediu a Vulcano que lhe abrisse o crâneo com um machado. Feita a operação — que foi o primeiro trépano de que há memória — Minerva brotou do cérebro de seu pai armada de espada e lança, elmo, arnez e escudo, tal como ainda hoje a conhecemos. Assim nasceu a deusa da Sabedoria.

Juno, esposa de Jupiter, despeitada com o facto de seu marido poder ter filhos sem o seu concurso, quis tirar uma desfóra condigna. Para esse efeito, Flóra ensinou-lhe certa planta que, apenas tocada, a faria conceber.

Assim nasceu Marte, o deus da Guerra.

Foi ainda a alma do povo que idealizou o nascimento de Bacco.

Sémele, filha de Cadmo da Beécia, apaixonara-se por

A infância de Bacco

O PERFUME DAS LENDAS

OS NATAIS FABULOSOS

A ingénua alma do povo é mais bela das Escrituras

Jupiter que a fecundou. Um dia, teve a imprudência de desejar vêr o divino amante em todo o esplendor da sua glória. Jupiter acedeu, mas as chammas que o cercavam queimaram a pobre apaixonada. O divino amante, condoído da sorte do filho que ainda não tinha nascido, retirou-o das entranhas calcinadas da mãe, e meteu-o na própria côxa para acabar a gestação, dando-o à luz na altura devida.

E Venus, a divina Afrodita, deusa do Amor?

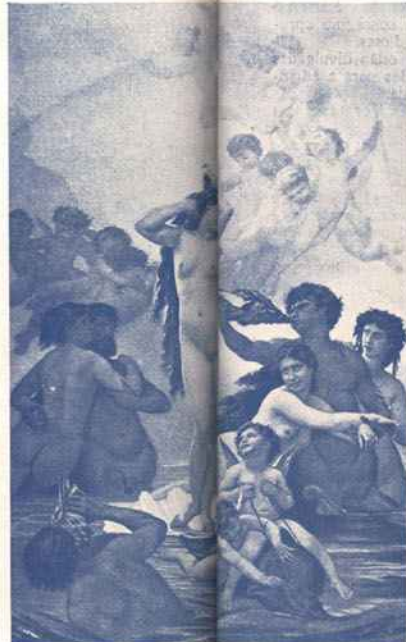
Essa nasceu da espuma das ondas nas praias fenicias. Uma concha marinha transportou-a para a ilha de Chipre. Dos seus amores com Marte nasceu Eros, o travesso Cupido que fere impiedosamente todos os mortais.

Tudo isto foi feito pela imaginação popular. Rematemos com uma das mais encantadoras lendas orientais.

Três mil anos antes de Cristo, nasceu na Índia o Messias Krisna, filho da virgem Devanaki — a escolhida por Deus para conceber o redentor da Humanidade.

Um dia, encontrando-se a virgem à sombra duma frondosa árvore julgou ouvir uma melodia suavíssima que parecia desprender-se da folhagem levemente agitada pela brisa. Viu então rasgar-se o céu e surgir do fundo dos abismos da luz, Mahadeva, o Sol dos Sóis, que se revestira da forma humana.

Radiante de glória, o Espírito Universal inclinou-se para a virgem extática, e penetrou-a com um raio de



O nascimento de Jesus de Rougneron



luz Aquêlle que os teus flancos conceberam no amor divino.

Partiu a Virgem perseguida, e, ao cabo de muitas fadigas, conseguiu atingir o lugar indicado pelo santo anacoreta.

Nascido o Messias, cedo começou as suas pregaçãoes em pról do amor divino.

Uma das suas ouintes perguntou-lhe, um dia:

— O' Krisna, tira-nos duma grande dúvida: há homens que amam quando são amados; outros que amam quando o não são, e outros que não amam nunca, quer sejam ou não amados. Explica-nos porque é isto?

E Krisna respondeu: — "Os que amam por ser

vida. E assim foi concebido o Filho Divino.

Nessa mesma noite, o santo anacoreta Vasichta veio saudar Devanaki, curvando-se perante ela:

— Salvé Virgem e Mãe! — disse-lhe êle — tu és a mãe de todos nós, pois que de ti vai nascer Aquêlle que nos ha-de redimir.

"O teu filho terá o nome de Krisna — o Ungido do Senhor — mas não lhe revelarás nunca nem a sua origem, nem a tua. Assim será cumprida a vontade do Mahadeva... Sabe que o teu filho te ameaça. O rei de Madura, teu tio, persegue-te, pois recia que o fruto do teu ventre lhe roube o seu poderio. Fugirás, pois, desta floresta e procurarás abrigo seguro entre os piedosos pastores do monte Meru. E' lá que deves dar à

amados, têm só em vista o próprio interesse: não há, nesse caso, nem afeição nem dever. E' o egoísmo puro. Quando o amor não é retribuído, como sucede com tantos seres compassivos, é o dever perfeito e a dedicação pura... Alguns não amam aqueles que os amam e menos ainda aqueles que os desprezam. São os que encontram a felicidade em si próprios ou cujos desejos estão satisfeitos: são os ingratos... Por mim, se não amo todos os seres que me têm amor, é para os entregar à purificação do sacrificio.

Entretanto, o rei Kansa perseguia o Messias para o matar. Na noite em que o prenderam, Krisna disse para os soldados do tirano:

— "Sei que vindes para me prender. Conduzi-me, pois, junto do vosso rei. Antes, porém, deixai-me falar-vos dum outro rei que é mais poderoso do que o vosso, porque é o rei do Ceu."

E, enaltecendo o esplendor e a bondade do Mahadeva, cativou os soldados que logo se tornaram seus discípulos.

Um dia, encontrando-se em oração num bosque de cedros, perto de Dwarka, viu aproximar-se um bando de soldados inimigos. Não interrompeu, contudo, as suas preces. Os soldados amarraram-no a um cedro, e crivaram-no de flechas. O mártir, erguendo os olhos ao céu, soltou um grande brado:

— "Mahadeva! Meu pai!

E entregou o seu espírito. Dizem que, nesse instante, se levantou um vento furioso que derrubou os cedros, esmagando os executores de tão bárbaro crime. Depois um incêndio destruiu tódas a cidade de Dwarka e envolveu a floresta sagrada onde Krisna fora imolado.

E ainda hoje na Índia, quando uma grande fogueira deslumbra os seres vivos pela sua grandiosidade, dizem que nessas nuvens de fumo emolduradas do vermelho das labaredas, subindo para o céu, vai o

corpo radioso do divino filho de Mahadeva, arrastando consigo as suas místicas esposas e os seus discípulos bem amados, que vai unir-se ao Sol dos Sóis, à Perfeição Suprema.

A alma do povo fez estas lendas. Respeitemo-las. Como disse o Poeta, roubar às almas rudes a sua crença antiga,

"seria como quem roubasse a uma mendiga as três achas que leva, à noite, para o lar."

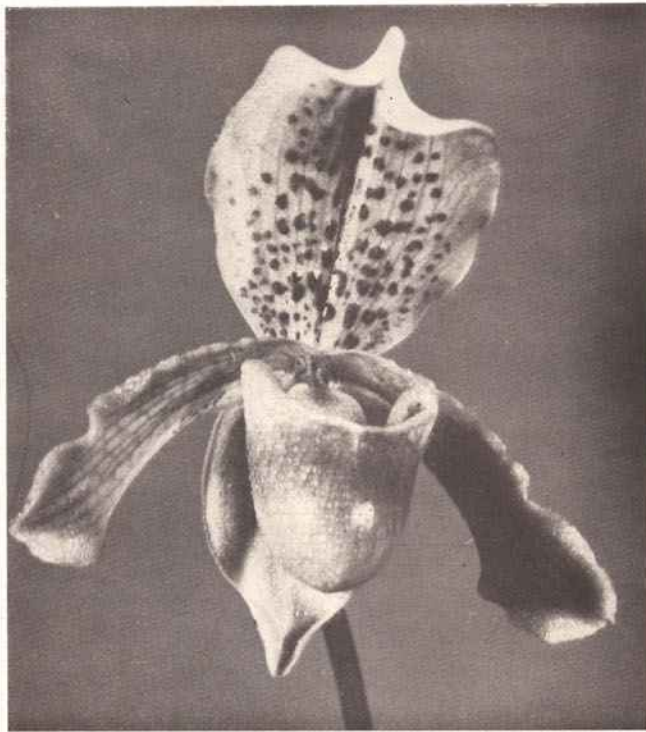
Felizes, pois, os que ainda podem aquêcer-se à chama crepitante, fátua e illusória das lendas milenárias e sempre belas!

E pobres daquêles que nêstes frios tempos de descrença que nos enregela, nem com essas três achas secas e mirradas podem contar...

Gomes Monteiro



Marte e seu filho Cupido amam por ser



A orquídea, flor estimada pelo seu preço, está muito longe de ter a beleza da rosa. Pode mesmo dizer-se que é feia, dando por vezes a impressão duma serpente no seu esverdeado intraduzível. Refractária ao nosso clima, só pode viver em estufas, rodeada de mil cuidados como uma criança. Nasceu no Anam, a terra de maravilhas que tem a sua epopeia nas páginas inspiradas do poema *Luc-Van-Tien* em que o homem se faz à sua custa e chega a atingir a coroa real só pela força da sua vontade e através de mil e um sacrifícios.

Tendo aparecido na Europa uma orquídea trazida por um explorador, logo os horticultores procuraram enriquecer as suas colecções com esta nova flor. Foram organizadas expedições que custaram a vida a muitos dos que se aventuraram nessas paragens inhóspitas do Sul Pacífico.

Os pesquisadores alastraram o seu itinerário e, em Madagascar e na Birmânia, dezenas deles perderam a vida após muitas privações e doenças terríveis e sem remédio.

Há muitos anos, saíram três amadores de orquídeas com rumo à ilha de Java à procura dessa flor rara e caprichosa. Um foi devorado pelas feras nos espessos bosques tropicais; o outro sucumbiu, vitimado pelas febres palustres, e quasi abandonado numa região pantanosa; o terceiro, tendo conseguido encontrar a cubiçada flor, morreu, durante o regresso, em consequência das febres contraídas através das terras que palmilhara.

Um entusiasta de orquídeas, visitando certo dia uma senhora inglesa, viu que esta conservava na sua estufa uma destas flores que seu irmão lhe enviara de Madagascar. Era uma espécie desconhecida que, vendida numa festa de caridade, rendeu 70 libras. Ao ter conhecimento da origem da flor, o horticultor enviou um emissário a Madagascar que procuraria empregar-se na quinta do irmão da referida senhora, e tirar de lá as sementes necessárias e o segredo do seu cultivo. A senhora, tendo

MULHERES E FLORES

A orquídea e a sua lenda

Como a ingratição feminina era castigada pelos génios antigos

conhecimento do ardil do seu visitante, avisou imediatamente o irmão, e assim o pobre emissário nunca conseguiu aproximar-se das cobiçadas flores.

Hoje, as orquídeas estão divulgadas e não possuem segredos para a adiantada floricultura europeia.

Como todas as flores, a orquídea tem uma lenda.

Tão interessante a achamos, que vamos contá-la às nossas leitoras. Pena é que os génios antigos não existam nos nossos dias para castigo de muitas formosas que vieram ao mundo, segundo parece, para fazer sofrer muitos apaixonados tão sentimentais como pigas.

Se assim fôsse, quantos milhares de orquídeas se espalhariam por toda a parte!

Eis a lenda encantadora, tal como é contada nas terras da Indo-China:

O Anam tinha sido conquistado pelos chineses havia três quartos de século. Esta formosa terra, apesar da tirania do usurpador, ainda conservava límpidas e perenes as tradições do santo rei Hung IV. Budha não deixaria de proteger este povo trabalhador e submisso porque as amendoas continuavam a florir.

Na cidade existia uma jovem formosa chamada Hoan-Lan que se divertia em fazer penar duras paixões aos seus numerosos adoradores.

Por um sorriso seu, o jovem Kien-Fu tinha cinzelado o ouro mais fino e trabalhado com infinita paciência as mais lindas peças de jade. A ingrata, depois de se adornar com todos os presentes do pobre apaixonado, riu-se dele e desprezou-o. Kien-Fu, desesperado, acabou com a vida arrojando-se ao Rio Vermelho.

O pintor Nguyen-Ba conseguiu obter cores desconhecidas para pintar o retrato da sua amada. Esta, porém, depois de ter exibido para satisfação da sua vaidade a magnífica pintura, desprezou o artista que desapareceu para sempre no mistério das selvas.

Mai-Da, apaixonado também, quis patentear o seu amor à jovem volúvel, inventando um perfume delicioso só digno dos anjos. A ingrata perfumou-se e mandou pôr na rua o seu adorador que, nada mais aspirando na vida, se envenenou.

Cung-Le levou a sua perseverança a incrustar nácar numa pulseira de ébano que não foi recebida pela ingrata. O pobre Cung-Le endoideceu.

Mas o poderoso deus das cinco flechas, deus poderoso que tudo via e tudo ordenava, julgou chegado o momento de castigar tanta maldade, fazendo apaixonar a jovem volúvel pelo formoso Mun-Cay.

E desde então, Hoan-Lan sonhava no seu leito de nácar e sedas bordadas com o seu adorador, cujo nome esvoaçava sobre os seus lábios de carmim como uma borboleta sobre uma rosa. Ao despertar descia à piscina, banhava-se, perfumava-se e adornava-se com as suas jóias mais preciosas para ver passar o seu querido Mun-Cay que nem se dignava levantar os olhos para ela. Nunca tinha dado pela formosa jovem nem se interessava pela fama de beleza que tinham urdido em volta da jovem.

Os dias iam passando, e Mun-Cay não saía da sua indife-

rença cruel. Um dia, Hoan-Lan decidiu sair-lhe ao encontro e declarar-lhe a sua paixão.

— Não me interessas, rapariga. És como todas as outras. Para mim não vales nada. Se fosses como aquela que eu amo...

Essa, sim, é uma deusa. Tu, mísera Hoan-Lan com toda a tua vaidade não serves nem para lhe atares as fitas das sandálias.

E, com um sorriso desdenhoso, afastou-se.

Em meio do seu desespero, Hoan-Lan lembrou-se do deus Todo-Poderoso que vivia na montanha de Tan-Vien. Talvez ele pudesse valer.

Apesar da noite escura e chuvosa, a jovem dirigiu-se ao monte sagrado onde residia a sua derradeira esperança. A entrada do templo subterrâneo era guardada por um terrível dragão. Suplicou-lhe a concessão de entrada e, ao cabo de muitos rogos, conseguiu penetrar num extenso corredor por entre serpentes horríveis que lhe babujavam os pés nus.

Quando chegou junto do trono de onix do poderoso génio, prostrou-se e implorou:

— Cura-me que sófro horrorosamente. Amo Mun-Cay que me despreza.

— É justo o castigo — respondeu o deus — porque isso mesmo tens feito aos teus apaixonados.

— Ó Todo-Poderoso, tem dó de mim. Concede-me o amor do meu querido Mun-Cay. Sabes bem que não posso viver sem ele.

— Vai-te daqui — rugiu o génio — nada conseguirás. O castigo que pesa sobre ti foi imposto pelo Kama que tudo sabe. É justo que sófras. Sai do meu templo.

À saída, Hoan-Lan encontrou-se com uma bruxa de pés de cabra.

— Formosa jovem — disse-lhe a bruxa — sei que és muito desgraçada. Queres vingar-te de Mun-Cay? Vende-me a tua alma e juro-te que, embora Mun-Cay nunca te ame, não anarará outra mulher.

Hoan-Lan aceitou o contrato. A bruxa cortou um pedaço de folha de palmeira, deu-lhe a forma dum coração. Com um espinho picou o braço da enamorada e, com o seu sangue, escreveu na folha uma fórmula mágica que enterrou no meio da floresta. Depois, pronunciou umas palavras desconhecidas e desapareceu.

Hoan-Lan voltou a sua casa que lhe parecia um cárcere. Safa para os bosques a distrair a sua pena, mas sempre em vão.

Um dia, vindo ao longe o seu adorador Mun-Cay, correu para ele e quando se preparava para o abraçar o jovem ficou transformado numa árvore de ébano.

Neste momento apareceu a bruxa que, soltando uma gargalhada, lhe disse:

— Desta maneira o teu querido não pode ser nunca de outra mulher.

— Bruxa infame! — exclamou chorando a pobre Hoan-Lan — que fizeste do meu adorador? Devolve-mo ou mata-me.

— Contratos são contratos — replicou a bruxa rindo satânicamente —

cumpri o que prometi: "Mun-Cay, embora nunca te ame, não amará outra mulher". Prometi e cumpri. A tua alma pertence-me.

E, soltando uma última gargalhada, a bruxa desapareceu. Hoan-Lan caiu chorando ao pé da árvore, abraçada desesperadamente ao seu tronco imóvel.

— Perdoa-me, Mun-Cay. Tem para mim uma só palavra de amor, de indulgência e compaixão. Não vês como me arrastou a teus pés, como te abraço, como sófro?

Mas a árvore nada respondia.

A jovem para ali ficou durante muito tempo.

Uma manhã passou por ali um génio que se compadeceu da sua dor. Acercando-se dela, poz-lhe um dedo na testa e disse-lhe:

— Mulher, procedeste muito mal. Fôste volúvel até à crueldade e ingrata até à malvadez. Procedeste muito mal. Mas a tua dor purificou a tua alma. Estás perdoada e vais deixar de sofrer. Antes que a bruxa venha buscar a tua alma, vou converter-te numa flor. Ficarás sendo, no entanto, uma flor exquísita e requintada que dá uma impressão do que foi a tua vida maldosa. Quem vir as tuas pétalas facilmente adivinhará o que foi o teu espírito caprichoso, volúvel, cruel e a tua preocupação constante pela elegância. Concede-te um bem: não te separarás do bem que adoras e viverás da sua seiva, parasita do teu amado.

Assim falou o poderoso génio. E, enquanto falava, a túnica rósea de Hoan-Lan ia empalidecendo e tomando uma delicada cor lilaz. Os olhos da jovem brilharam como pontos de ouro e as suas carnes tomaram a tonalidade do nácar. Os seus formosos braços enrolaram-se na árvore numa derradeira súplica.

E foi assim que apareceu a primeira orquídea no mundo, segundo a encantadora lenda do Anam.



PASCOAL foi certo dia procurar o seu mais íntimo amigo.

— Pedro, meu querido amigo, tenho um favor a pedir-te. Atormenta-me uma dúvida lanheinante. Suspeito que minha mulher me atraiçoa...

— Homem!...

— Mas não tenho provas. E bem sabes que a dúvida é pior que a mais terrível certeza.



— Que pensas fazer?

— Lembrei-me de recorrer à nossa velha amizade. Estou certo que não recusarás fazer o que te vou pedir...

— Mas de que se trata, afinal?

— É o seguinte: Queria que seguisses minha mulher, que investigasses em que ela ocupa o tempo. Só

assim me poderia libertar desta dúvida.

Passaram dois dias sobre este colóquio e Pascoal voltou a encontrar o amigo.

— Soubeste alguma coisa? — perguntou ansioso.

— Nada. Tua mulher faz a vida mais regular possível. Faz compras, vai ao dentista...

— Começo a crer que me enganei. Em todo o caso, continua a ver se apuras alguma coisa.

Mais dois dias e o Pascoal foi pro-



curado pelo seu amigo que se lhe apresentou com uma expressão compungida.

— E então?... — inquiriu angustiado.

— Más notícias, meu velho.

— Soubeste alguma coisa?

— Segui tua mulher na rua. Vi-a ir ao encontro dum sujeito elegante que a esperava. Deram o braço, caminharam algum tempo e depois meteram-se num automóvel...

— Perdeste-os de vista.

— Não. Chamei outro automóvel e continuei a segui-los.

Dirigiram-se para um hotel. Apearam-se, pagaram o *taxi* e entraram...

— E depois?

— Esperei algum tempo e entrei também. Não me foi difícil saber que tinham alugado um quarto.

— Ah! Sim?!

— Gratifiquei o gerente e consegui que me hospedasse no quarto ao lado. Instalei ali um pôsto de observação. Trepei a uma cadeira e quis espreitar pela bandeira da porta.

— E que viste?

— Nada. Tinham apagado a luz.

— É o que eu te dizia. Sempre a terrível dúvida!!!

— E que viste?

— Nada. Tinham apagado a luz.

— É o que eu te dizia. Sempre a terrível dúvida!!!

Um provinciano, que vinha pela primeira vez a Lisboa, apeou-se do comboio, desceu as escadas da estação e encontrou-se no Rossio.

De entrada, o que mais lhe atraiu a atenção foi o pavimento asfaltado da rua. Bateu repetidas vezes com o sapato farrado no chão e comentou para outro que o acompanhava:

— Agora percebo porque fizeram aqui a cidade. O chão é tão duro que não criava nada.

— Dizem que o José e o António são dois amigos inseparáveis...

— Absolutamente. Da última vez que brigaram foram precisos quatro homens para os separar.

— Esta actriz representa horrivelmente mal!

— É minha mulher...

— Desculpe. Não era bem isso o que eu queria dizer. Ela é, sem dúvida, uma actriz de grandes qualidades. O que a prejudica é a peça. Quem escreveria este acervo de disparates!

— Infelizmente, fui eu.

— Quem será aquela rapariga tão feia?

— É minha mulher.

— Oh! Queira perdoar a minha *gaffe*.

— Sua, não. Minha!

1.º visinho: Deves ter mais cuidado em baixar os estores. Ontem à noite vi estas a beijar a tua mulher.

2.º visinho: Vês como te enganas? Eu ontem à noite não estive em casa...

— Diga-me doutor: parece-lhe que eu possa escapar?

— Entendo que está muito melhor. Contudo, eu no seu caso não começava a ler romances em fascículos.

— Já escolhi o presente que hei-de dar à minha mulher no dia dos seus anos.

— Que é?

— Um magnífico colar de pérolas...

— Porque não lhe ofereces antes um automóvel?

— Também pensei nisso. Mas não há automóveis falsos...

— Este livro é admirável! — diz o marido que tem estado enfronhado na leitura — Faz-me compreender quão pequenino e miserável é o homem!

— Pois eu não precisei de ler tanto para chegar à mesma conclusão — responde a mulher em tom incisivo.

Um turco fala de poligamia e exalta as suas vantagens. Depois, querendo referir-se aos hábitos ocidentais, diz:

— E isso de ser casado com uma única mulher, como se chama? Mono...

— Mono...

— Monotonia!

— esclareceu o seu interlocutor.



Festas de caridade

PARQUES INFANTIS

Revestiu extraordinário brilhantismo, a festa de caridade, que na tarde e noite de 1 de Dezembro, se realizou no salão de mesa do Aviz Hotel, o nosso primeiro hotel de luxo da capital, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte Condessa de S. Mamede, D. Emília de Melo Ozório (Proença-a-Velha), D. Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Luísa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria Camelo Lampreia, D. Maria de Carvalho, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Maria de Lancastre Van-Zeller e D. Teresa de Melo Breyner Pinto da Cunha, cujo produto se destinava a favor dos «Parques Infantis», e que constou do primeiro «Snack-bar» uma inovação inglesa, em que eram consinhados perante o público sandwiches quentes, sendo também servido «assiette anglaise» e outras iguarias.

Ao som da exímia orquestra «jazz-band» privada do Aviz Hotel, sob a direcção do distinto violinista Almeida Cruz, dansou-se animadamente até de madrugada.

Na assistência notavam-se entre outras pessoas as sr.ªs:

Senhora de Finn Korem e sobrinha, Senhora de Gallye d'Hibouville, D. Adelaide Cardoso Castilho de Graça Aranha, Condessa de Cartolho, Condessa de Caridade, Condessa de S. Mamede, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Madalena Soto Meior Pinto Basto, D. Albertina da Câmara Rodrigues Valden Supardo, D. Júlia Castilho Santos Silva, D. Maria do Carmo Soares de Albuquerque Burnay, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Maria Luíza Diogo da Silva Teixeira, D. Júlia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria Vechi Pina Coelho de Vilhena, D. Sofia Alencastro de Paiva Raposo, D. Maria Luíza Mevreses Possederde Andrade, D. Ema de Saldanha, D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Maria Antas de Oliveira Reis, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Roxane Correia da Costa de Lancastre Freitas, D. Maria José Lobo da Silveira Blech, D. Emília de Melo Osório (Proença-a-Velha), D. Maria Mateus dos Santos Tavares, Senhora de Puloek, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), Miss Chelington Frank Lee, D. Carolina Gomes Palma, D. Maria Izabel de Lancastre Freitas, D. Lillimore Wiese, D. Maria Tereza Burnay de Verda (Mafros), D. Maria Izabel de Lima Mayer Ayres de Mugalhães, D. Maria Luíza Mateus dos Santos, D. Benedita Rugeoni, etc., etc.

CHÁ DANSANTE

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade iniciou-se na tarde de quinta feira 6 no Salão de Chá Tivoli, uma série de chás «dantsantes», que se efectuaram todas as quintas feiras do corrente mês, cujo produto se destina a favor de várias obras de caridade,



A sr.ª D. Laura Silva e o sr. José Francisco Pereira, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia do Sacramento. Os noivos saindo da igreja

VIDA ELEGANTE

fazendo parte da comissão as sr.ªs Condessa das Galveas, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Josefina Morales de los Rios Froes, e D. Teresa de Melo Breyner Pinto da Cunha.

O aspecto do Salão de Chá Tivoli, na primeira tarde, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de famílias da nossa primeira sociedade, que ali deram ponto de reunião, tendo-se dansado com animação ao som do exímio quinteto «jazz-band» privativo.

Em redor das pequenas mesas recorda-nos ter visto entre outras as sr.ªs:

Senhora de Finn Korem e sobrinha, Condessa de Monte Real e filha, Condessa de Idanha-a-Nova, Condessa de Castro Marim, Viscondessa de Aliverca, D. Adelaide Passanha e filhas, D. Maria Moreira de Carvalho, D. Filippa de Sá Paes do Amaral Coelho, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filha, D. Alice Guedes de Heredia, D. Josefina Morales de los Rios Froes e filha, D. Tereza d'Almeida Santos, D. Maria Luíza Ravara Oliveira Belo, D. Adelaide Santos, D. Adelaide Lopes, D. Isabel Maria de Melo Breyner Ulrich, D. Maria de Macedo Santos Oliveira Belo, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria e D. Maria Luíza Jardim, etc., etc.

Festa de homenagem

A Universidade de Lisboa, ofereceu no salão de mesa do Aviz Hotel um almoço de homenagem ao sr. Albino de Sousa Cruz, tendo sido convivas os srs. dr. Caeiro da Mata, ministro dos Negocios Estrangeiros; dr. Carneiro Pacheco, vice-reitor da Universidade dr. Abel de Andrade, director da Faculdade de Direito dr. Sobral Cid, director da Faculdade de Medicina; dr. Victor Hugo de Lemos, director da Faculdade de Ciências; dr. Silva Correia, director da Faculdade de Letras; e dr. Raul de Carvalho, delegado da Faculdade de Farmacia.

O sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia de Ciências, que não pôde comparecer enviou um telegrama, ao sr. dr. Carneiro Pacheco, associando-se à homenagem.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de Nossa Senhora da Assunção, em Cascais, o casamento da sr.ª D. Maria Francisca Ferreira Pinto de Castelo Branco (Pombeiro), gentil filha da sr.ª D. Maria Ferreira Pinto de Castelo Branco e do sr. D. Fernando de Castelo Branco (Pombeiro), já falecidos, com o sr. D. António Xavier de Mendôça de Siqueira (S. Martinho), filho da sr.ª D. Maria Tereza de Mendôça Cardoso e do sr. D. José de Siqueira (S. Martinho), já falecido.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Ana Shaw Pinto Basto e D. Maria do Carmo da Câmara de Castelo Branco, respectivamente tia e cunhada da noiva e padrinhos os srs. conde de S. Martinho, e conde de Azambuja, respectivamente tio e primo do noivo. Celebrou o acto religioso, o reverendo Moisés da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Serviram de «damas de honor» as sobrinhas da noiva sr.ªs D. Maria Carlota da Câmara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Tereza, D. Maria Izabel e D. Maria da Assunção de Siqueira de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Tereza e D. Maria Aldegundes de Siqueira Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte), e de caudatarios seus sobrinhos D. Maria Ana de Siqueira de Castelo Branco (Pombeiro) e D. Sebastião de Almeida Santos de Castelo Branco (Pombeiro).

Durante a missa foram cantados vários trechos de música sacra por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade amigas da noiva, com acompanhamento de órgão, Sua Santidade dignou-se enviar aos noivas a sua bênção.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência da sr.ª D. Maria da Graça de Siqueira de Castelo Branco e do sr. dr. Fernando de Castelo Branco (Pombeiro), cunhada e irmão da noiva, um finíssimo lanche da paste-

laria «Parques», seguindo os noivos depois para a quinta do Vale de Mião, no Douro, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.ª D. Maria Emília Teixeira Marques, interessante filha da sr.ª D. Palmira Neto Teixeira Marques, já falecida e do nosso querido amigo sr. Domingos Freire Teixeira Marques, com o distinto medico militar sr. dr. João José Varela, filho da sr.ª D. Maria Henriqueta Pereira Varela, e do ilustre clínico actualmente no Funchal, sr. dr. José Varela.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Matilde Barata e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. coronel Nepomuceno de Freitas, director dos Hospitais Civis e Sebastião Rego da Companhia Nacional de Navegação.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior da freguezia que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Serviram de «damas de honor» as sr.ªs D. Maria Matilde Mendes Barata D. Eulália de Oliveira, D. Maria Adelaide Mendes Barata, D. Dulce Castanheira, D. Maria Regina Missa Xavier, D. Maria de Lourdes Torre do Vale de Lacerda, D. Concha Moinhos, D. Maria Helena Torre do Vale de Lacerda, D. Maria Luíza Serrano, D. Maria Manuela Roma, D. Maria Helena Rodrigues de Oliveira e D. Maria Madalena Soares Teixeira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos depois para o Pálace Hotel do Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na paróquia do Sacramento realizou-se o casamento da sr.ª D. Laura Silva, gentil filha da sr.ª D. Margarida da Conceição Silva, já falecida e do sr. António dos Santos Silva, com o sr. José Francisco Pereira, filho da sr.ª D. Maria da Gloria Correia Pereira e do sr. Agostinho Francisco Pereira.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Alice Pessoa Terenas e Irene Jorge Mendes e padrinhos o sr. Cassiano Pereira Terenas e o pai da noiva.

Celebrou o acto religioso o reverendo Carvalho, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria Marques, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.



Casamento da sr.ª D. Maria Emília Teixeira Marques, com o medico militar sr. dr. João José Varela, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos à saída da igreja



Claudette Colbert no papel de Cleópatra

seu pai, o rei Ptolomeu do Egipto, Cleópatra tinha apenas 15 anos. Pouco antes casara-se com seu irmão Dionísio, mais novo três anos. Estes matrimónios entre irmãos eram nesse tempo, prática corrente no país e tinham em vista a sucessão dinástica. Mas a ligação não foi bem recebida e provocou sérias discórdias entre os partidários dos dois conjuges.

Por sua parte, Roma encontrava-se no auge do poderio. Dois homens disputavam a supremacia no Governo da República. Eram eles Pompeu e Júlio César.

Júlia, a filha d'este último estava casada com o primeiro, o que atenuava a rivalidade dos dois heróis. Mas quando ela morreu a desavença surgiu impetuosa.

Júlio César conquistara grandes vitórias na Gália. O Senado temia o seu prestigio e chamou-o a Roma, ordenando-lhe que dispersasse o seu exercito antes de atravessar o Rubicon. Mas o guerreiro tinha o propósito formado de ser proclamado consul e recusou obedecer à intimação. Penetrou em Roma à frente das suas legiões e assumiu todos os poderes. Atacou depois as tropas de Pompeu e desbaratou-as nas batalhas de Farsalia e Munda. Pompeu fugiu para o Egipto e foi ali traiçoeiramente assassinado.

Deslumbrado pelo triunfo, Júlio César começou logo a sonhar novas conquistas. E à frente das suas legiões vitoriosas marchou contra a Alexandria, capital do opulento Egipto.

Na véspera da chegada do Cesar às portas de Alexandria, Cleopatra desapareceu misteriosamente do seu palácio. Os partidários do irmão, chefiados por Potinos, tinham resolvido suprimir essa mulher que se opunha aos seus ambiciosos desígnios. E para esse fim raptaram-na durante o sono e abandonaram-na em pleno deserto, acompanhada do seu tutor e conselheiro Apolodoro.

Esperavam os conjurados que, d'este modo, Júlio Cesar seria levado a apoiar Dionísio no poder, dando assim uma definitiva supremacia aos seus partidários. E o plano esteve a ponto de surtir efeito. No dia seguinte o guerreiro romano entrava na capital egípcia e dispunha-se a assinar um tratado em que o Egipto prestava vassalagem a Roma e se comprometia ao paga-

UMA «VAMP» DA HISTORIA

Os trágicos amores da rainha Cleópatra a cujos encantos sucumbiram Júlio César e Marco António

mento dum pesado tributo. Fizeram-lhe crer que a rainha fugira e que só lhe restava, portanto, negociar com o rei e garantir com a sua autoridade os direitos d'este ao trono.

Os conjurados não tinham contado, porém, com a energia de Cleopatra. Após uma perigosa viagem, a joven rainha escapou por milagre de morrer no deserto e pôde regressar à Alexandria. Recorreu então a um ardil para chegar à presença do Cesar, o que os seus inimigos teriam, certamente impedido. Envolveu-se num riquíssimo tapete persa que foi entregue ao chefe romano no próprio momento em que elle se preparava para apôr a assinatura no tratado.

A inesperada aparição de Cleopatra fez mudar o curso aos acontecimentos. O criminoso plano de Potinos ficou desmarcado, e Júlio Cesar prometeu apoiar os direitos da rainha. E, pouco a pouco, o heróico vencedor das Gálias sucumbiu à sedução da formosa soberana egípcia.

Preso dos encantos de Cleopatra, Júlio Cesar tardava em regressar a Roma. Calpurnia, sua mulher, e os amigos mais dedicados, debalde insistiam para que voltasse a tomar o poder. Mas o Cesar não se decidia a abandonar Cleopatra. Para se resolver foi preciso que esta lhe suggerisse leva-la na sua companhia para Roma. Ali poderia divorciar-se de Calpurnia e casar-se com ella.

O regresso de Júlio Cesar a Roma foi apoteótico. À frente das suas invencíveis legiões, o guerreiro desfilou pelas ruas da Cidade Eterna, entre as aclamações do povo.

Cleopatra que seguia no cortejo do conquistador deslumbrou todos com a sua perturbante beleza. Mas entre os poderosos lavrava o descontentamento. Dizia-se que Júlio Cesar pretendia fazer-se coroar rei, repudiar sua mulher e fazer de Cleopatra a rainha dos romanos. Os defensores da República mostraram-se alarmados: Bruto, considerado por todos como filho de Cesar, exclamara:

— Nossa rainha! É intolerável! Roma nunca consentirá que á maneira do Oriente, nela se ergam tronos de ouro para assento de reis e rainhas. Mas temo que Júlio Cesar convença uma vez mais o Senado, como sempre tem sabido fazê-lo.

E ficou logo assente que se não fôsse possível demover o Cesar dos seus propósitos, o impediriam de os executar ainda que á custa dum assassinio.

Não se enganavam os que atribuíam esses desígnios no ambicioso Consul. No próprio dia em que devia apresentar-se ao Senado, enviou a Cleopatra os suntuosos trajes que haviam de servir para a sua coroação.

É em vão que Marco António, seu amigo íntimo, tenta detê-lo. Júlio Cesar não recuava em face do perigo. E acompanhado pela sua comitiva de soldados dirigiu-se para o Senado. Ao chegar ali, os conjurados caminharam ao seu encontro. Atacam-no. O valente guerreiro defende-se corajosamente. Mas ao ver

Bruto entre os agressores fica paralizado. Crivado de golpes cai aos pés da estatua de Pompeu, murmurando apenas a frase célebre:

— Também tu, meu filho?!

A noticia do trágico fim do Cesar circulou rapidamente por toda a cidade. O povo amotinado queria vingar a morte do herói e pedia o sangue de Cleopatra, a quem attribuía a causa da desgraça.

Só restava um caminho á formosa rainha egípcia. Logrou fugir de Roma e refugiar-se na Alexandria capital do seu reino.

Entretanto o Senado confiou o poder a um triunvirato composto por Lépido, Octavio e Márcio António. Entre estes dois últimos existia uma grande rivalidade, que mais se accentuou quando ficou decidido que Marco António partiria á frente duma expedição para castigar a audaciosa Cleopatra e desafrontar o orgulho de Roma.

Marco António formou logo projecto de prender Cleopatra e tirar d'esse modo aos egípcios todas as velocidades de resistência. E para isso, convocou-a para uma conferência cujo fim seria discutir os problemas que a morte de Cesar suscitara entre os dois povos.

Cleopatra adivinhou a armadilha, mas compareceu á entrevista. Marco António esperava-a. Viu a galera da rainha aproximar-se e lançar ferro. Mas decorreram algumas horas e Cleopatra não appareceu. Farto de esperar o triunvirato romano dirigiu-se para bordo do barco real.

Quando ali chegou, esperava-o a mais deslumbrante surpresa. Cleopatra organizara em sua honra uma festa suntuosa. O guerreiro accede a saborear os prazeres que se lhe offerecem, ante a magnificência do espectáculo. E tal como acontecera a Júlio Cesar, acaba por sucumbir aos encantos da formosa soberana.

Enamorado, Marco António recusa-se também a regressar a Roma. Succedem-se as advertências amigáveis e as ordens terminantes. Não escuta umas e não acata outras. Para pôr termo a esta situação intolerável, Octávio declara Marco António inimigo da República e prepara-se para lhe mover guerra.

Nem assim o guerreiro romano cede. Aceita a luta de boa vontade. Apela para os seus companheiros da armas, mas estes não o seguem. Só poderá, portanto, opôr ás tropas de Roma os inexperientes soldados egípcios.

Desencadeia-se a guerra cujo desfecho tem de ser inevitavelmente fatal para Marco António. As legiões romanas avançam com impeto e esmagam na sua passagem toda a resistência dos egípcios.

Marco António está abandonado de todos no Palácio da Rainha, mas apesar disso quer lutar. E' então que vê sair Cleopatra em direcção ao quartel-general do seu adversário. Julga-se abandonado, traído e atenta contra a existência.

Enganava-se. Cleopatra procura apenas salvá-lo. Vai propôr a Octávio que os deixe



A rainha Cleopatra do Egipto apoia a sua chegada a Roma

partirem, com a promessa de renunciar a todos os seus direitos sobre o Egipto. Mas Octávio é inflexível. Acciona por se vingar do seu rival não accita as condições propostas.

Cleopatra volta ao palácio e procura Marco António.

— Nada consegui! — diz-lhe. — Mas resta-nos um recurso. Os cavalos estão prontos. Podemos fugir á alcançar o Alto Egipto, onde seremos felizes.

Só então repara que Marco António está gravemente ferido. Poucos minutos lhe restam de vida. Quando Marco António exala o último suspiro, Cleopatra enverga os seus trajes reais. As tropas romanas estão já forçando a entrada do palácio. Estarão junto dela dentro de instantes. Cleopatra toma na mão uma pequena serpente e deixa que ella lhe morda no seio. Tem uma pequena contração de dor e a sua cabeça inclina-se, inerte para sempre.

Assim morreu a divina Cleopatra, a mulher a cujas seducções sucumbiram Júlio Cesar e Marco António.

Tal é o entredo do filme de Cecil B. de Mille, evocação grandiosa das civilizações egípcia e romana que o grande realizador soube animar «céram». Os três principais papeis desta notável produção, os de Cleopatra, Júlio Cesar e

Marco António, são interpretados respectivamente por Claudette Colbert, Warren William e Henry Wilcoxon.

Sobre esta notável produção um categorizado critico francês escreveu:

«Cecil B. de Mille é exímio em nos apresentar no écran turbilhões de homens e de armas. O hábil animador conhece todos os recursos da arte e restitue-nos com a mesma facilidade o Egipto de Ptolomeu e de Cleopatra, a Roma dos tribunos e o seu Forum, a batalha naval de Actium. Belos conjuntos, trajes estilizados com gosto, diversões pagãs, encantam-nos e recreiam-nos.»

«Há cenas magníficas: Cleopatra no deserto, o encontro de Cleopatra e de Cesar, a morte d'este último, a sedução de Marco António.»

«Claudette Colbert é linda e está aduocadamente vestida. Warren William parece-se um pouco com Cesar, Harry Wilcoxon não se parece com Marco António. Há belos guerreiros, belas bailarinas e os olhos não cessam, em resumo, de ser agradavelmente solicitados.»

O que fica dito justifica que aguardemos o filme com o maior interesse. Tanto mais que elle se annuncia como um modelo nesse género de encenação grandiosa de que De Mille, com Griffith e Abel Gance tem o maravilhoso segredo.



A entrada de Júlio César em Roma



Marco António presta homenagem a Cleopatra



ACTIVIDADE

Balço geral do

recursos materiais, agravada pela falta de elementos técnicos orientadores. Toda a actividade desportiva tem evoluído, no nosso país, ao impulso da iniciativa particular, cujos recursos devemos considerar impotentes para a levar muito mais longe no caminho do progresso. Estabilizamos, o que, em matéria de desporto, equivale a retrogradar.

O football, primeiro a citar por direitos conquistados, não teve, no ano que agoniza, jornadas brilhantes. A nossa participação na eliminatória do campeonato do mundo, única luta internacional disputada pelo grupo representativo, deixou as mais dolorosas recordações e esclareceu uma tão evidente baixa de valor que os dirigentes sentiram a necessidade de mudar de rumo.

Estabelecidas novas bases de regulamentação prática, abolidas as peias do amadorismo rigoroso, postos de parte certos escrúpulos de direitos adquiridos, o football singra em busca da alma antiga e os primeiros resultados parecem indicar-nos a eficácia da remodelação.

Em Lisboa, o interesse do público aumentou, o torneio regional teve extraordinária competição e até ao último domingo de prova se manteve incerto o nome do vencedor. Igualadas as forças,

desporto português, em casos relativamente ao próprio valor passado, noutros em confronto com a evolução progressiva no estrangeiro.

Querem exemplos? Quando conseguiremos organizar um onze representativo que corresponda à classe internacional do grupo olímpico de football de 1928? Onde estão as novas gerações de esgrimistas, continuadoras duma tradição gloriosa, se ainda hoje os melhores são aqueles que há dez anos representavam Portugal e triunfavam com brio? Porque se perdeu o entusiasmo do público por certas especialidades, como o atletismo, cujas organizações mais simples atraíram outrora assistência compensadora, e agora vê decorrer perante bancadas vazias, competições internacionais de vasta envergadura?

Que auxílio presta o Estado à causa da educação física, reconhecida, como é, indispensável ao movimento empreendido do ressurgimento nacional?

Esta é a situação exacta, pouco brilhante talvez, da crise, e que precisamos esclarecer desassombadamente para lhe encontrar remédio. Embora sem fundamentos concretos, mais por simples fenómenos subjectivos, pequeninos nadas que para espíritos experientes constituem indicações preciosas, temos a impressão satisfatória de que se aproximam dias melhores; se a realidade ainda se debate nas mesmas dificuldades, o ambiente é mais favorável, a atmosfera mais propícia, e, na nossa eterna fé, apresenta-se-nos próximo o dia do triunfo, a era de prosperidade que sobrevem sempre após os períodos de declínio.

A evolução do desporto português, dentro dos moldes presentes da sua existência, é problemática, por carenciada de

desporto português, em casos relativamente ao próprio valor passado, noutros em confronto com a evolução progressiva no estrangeiro.

Querem exemplos? Quando conseguiremos organizar um onze representativo que corresponda à classe internacional do grupo olímpico de football de 1928? Onde estão as novas gerações de esgrimistas, continuadoras duma tradição gloriosa, se ainda hoje os melhores são aqueles que há dez anos representavam Portugal e triunfavam com brio? Porque se perdeu o entusiasmo do público por certas especialidades, como o atletismo, cujas organizações mais simples atraíram outrora assistência compensadora, e agora vê decorrer perante bancadas vazias, competições internacionais de vasta envergadura?

O grupo português no Estádio de Chamartin



Jose Maria Nicolau vencedor da V. Volta a Portugal

DESPORTIVA

ano que finda

as competições futuras apresentam-se nas melhores condições.

A colectividade que mais se destacou durante a época finda, foi o Sporting Club de Portugal, senhor dos dois títulos oficiais de campeão de Lisboa e de Portugal, e que transita para o ano incipiente no grupo dos favoritos das provas a disputar.

Em resumo, devemos reconhecer da parte dos orientadores do football, um notável esforço de ressurgimento, cujos resultados ainda não é possível avaliar, mas digno de aplauso pela boa vontade e são critério que traduz, no louvável intuito de recobrar as posições perdidas.

Depois do football, é o basket o mais divulgado e popular dos jogos em campo. As facilidades de prática, exigindo um terreno de reduzidas dimensões e uma equipa pouco numerosa, contribuíram poderosamente para a sua divulgação, que hoje se estende a todo o país, abrangendo milhares de jogadores.

Nesta modalidade, fica o ano de 1934 assinalado por um facto importantíssimo, de influência decisiva na boa regularidade da sua organização. Referimo-nos assim ao termo do desgraçado conflito que durante três anos manteve uma cisão irreductível, que nenhuma mediação conseguiu resolver, e ao qual os esforços da Confederação Portuguesa de Desportos deram solução favorável.

Unidos no mesmo organismo os clubs de Lisboa, Pórtor e Coimbra, os três centros mais importantes do país, é lógico esperar notáveis progressos e, em certas competições, uma considerável melhoria de resultados.

O handball é uma variante cujo desenvolvimento rapidamente o elevou a um plano importante. Embora praticado por enquanto apenas em Lisboa e no Pórtor, aos campeonatos concorrem numerosos clubs e o interesse do público acompanha e estimula esta evolução progressiva.

O Sporting e o Football Club do Pórtor alcançaram, invictos, os títulos regionais, mas um e outro conheceram logo ao iniciar da época que decorre o travo amargo das primeiras derrotas.

As condições em que se apresenta o handball são o mais favoráveis possível em relação ao futuro. Oxalá os dirigentes saibam continuar cumprindo o seu dever como até agora tem sucedido, e a política de acções não

venha estragar uma notável obra de construção desportiva.

Os restantes jogos em campo, andaram mais aos baldões.

O tennis, apesar do aparecimento duma falange de novos com habilidade, não progrediu em conjunto nem é susceptível de atingir grande classe. Registrase, no entanto, uma muito maior actividade, maior frequência de torneios e mais elevado número de concorrentes, o que nos basta para encerrar com relativo agrado a forma como trabalhou esta modalidade.

O hockey e o rugby foram vivendo como Deus quis. O primeiro reúne apreciável quantidade de colectividades praticantes, mas o valor do jogo é escasso e os progressos nulos.

O segundo, apesar dos louváveis esforços dos dirigentes lisboetas, declina e tende para o aniquilamento.

Os participantes dos campeonatos são sempre os mesmos, ou cada vez menos; a técnica dos jogadores melhor seria designada por falta de técnica; público não há, nem tão pouco novos adeptos.

A organização dos dois encontros Madrid-Lisboa foi um balão de oxigénio dado a tempo para animar o enfermo. Mas o seu estado de saúde parece-nos precário e não encaramos com confiança os dias que vão seguir.

O atletismo, do desporto da hierarquia máxima, não foi feliz em 1934, sobretudo para os lisboetas. Declínio de classe, perda de interesse, ausência de competições, pouca honestidade de propaganda, tudo se verificou no decurso do ano.

Os maus resultados da época não impediram que os nossos melhores atletas, reunidos sob a designação de selecção Lisboa-Pórtor, batessem a equipa representativa da Catalunha, proporcionando-nos uma agradável surpresa.



O grupo de jogadoras portuguesas de Handket-ball

Ainda no campo internacional, tivemos um encontro académico Lisboa-Madrid, no qual fomos largamente batidos, e enviámos um representante aos campeonatos da Europa, em Turim. Esta última manifestação, efectuada em condições deficientes, equiparou a tantas outras anteriores, onde inglôriamente morreram as nossas melhores esperanças.

A natação, o outro desporto-rei, também não deve muito ao 1934; melhoraram-se alguns "récords", mas isso deve-se apenas ao melhor método na preparação intensiva dalguns nadadores excepcionais e nunca pode ser tomado como um sintoma de progresso geral. Basta recordar aqueles célebres campeonatos nacionais, onde a maioria das provas foi disputada por um único nadador, para arjazarmos com propriedade o estado em que se desenvolve a actividade da natação portuguesa.

Para estas duas especialidades, o mal fundamental é o mesmo: falta de recursos. Sem auxílios financeiros, vivendo em prodígios de equilíbrio económico as Federações e Associações nada podem tentar e limitam-se ao mínimo obrigatório, impossibilitadas de promover um progresso eficaz na sua esfera de acção.

Tal é, em síntese, o panorama do desporto português no ano que está a findar. Urge encontrar remédio para os males de que sofre. E estamos certos de que será possível conseguir-lo.

Salazar Carreira



O quinze de Lisboa vencedor por 6 a 2 em Rugby

POR ÊSSE MUNDO

A morte de Helene Boucher



No dia 30 do mês findo, nor-ri-vel desastre de aviação a conhecida aviadora francesa Helène Boucher. O trágico acontecimento impressionou fortemente o público português que conhecia Helène Boucher pela colaboração que deu ao festival aéreo de homenagem à memória de Plácido de Abreu — em que não chegou a de Aviação realizado no Porto,

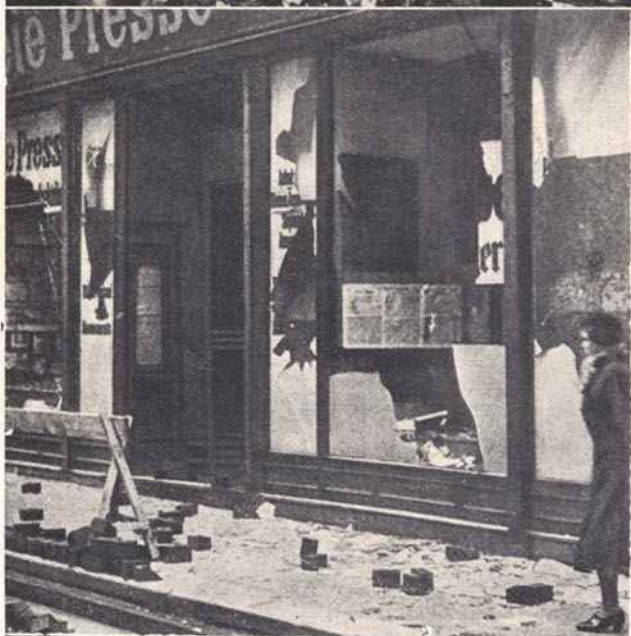
exibir-se por ter chegado atrasada — e ao Concurso Internacional onde maravilhou a assistência com as suas admiráveis proezas. Helène Boucher era detentora de diversos *records* femininos de aviação, entre outros o de velocidade sobre base e o dos cem quilómetros. Bateu também os *records* de todas as classes dos 500 e 1.000 quilómetros.

Oteve o seu *brevet* de piloto em 1931. No ano seguinte conquistava já admirações gerais, realizando a volta aérea da França em 16 horas. Outros *raids* de grande envergadura foram o periplo do Mediterrâneo e o voo Paris-Bagdad. Em Agosto de 1933 bateu o *record* feminino de altura, atingindo 6.000 metros.

Quando a morte a surpreendeu, Helène Boucher realizava treinos para se lançar na conquista de novas vitórias.

E pena vêr morrer numa idade tão esperançosa quem devia ter ainda adiante de si tantas prodigiosas realizações de temeridade.

Descarrilamento em Inglaterra



A paz em perigo

A Europa inteira vive horas de extraordinária agitação. A todo o momento surgem conflitos rásticos ou de fronteiras que ameaçam fazer desencadear a guerra. Um dos mais significativos dos últimos tempos foi, sem dúvida, o conflito entre os estudantes checo-eslovacos e alemães em Praga. A gravura mostra um jornal assaltado.

O drama de Galapagos



Numa ilha deserta do arquipélago de Galapagos foram encontrados há tempos dois cadáveres. A sua morte está envolta em denso mistério. Apenas se conhecem os personagens do sombrio drama, entre os quais se contam Alfred Lorenzy, a baronesa de Wagner, Philipson e Abrecht, que a nossa gravura representa na ilha que habitavam.



O expresso Cambridge - Liverpool descarrilou há dias entre aquelas duas estações quando marchava à máxima velocidade. O fogueiro e o maquinista do comboio sinistrado tiveram morte instantânea. O material ficou muito danificado, como a nossa gravura representa.

O progresso tem destas surpresas. Com tais velocidades chega-se mais depressa a tóla a parte. Até à sepultura, como o pudeam verificar os dois ferroviários.

A remoção dos destroços foi feita com enorme presteza afim de o tráfego poder prosseguir.



Dois «records» de longevidade

A mexicana Martina de Rosa e o russo Chapara Kint são, actualmente, ao que parece, os detentores dos bonitos títulos da mulher e do homem «mais velhos do Mundo». Ela conta cento e vinte e nove anos e recorda-se do tempo em que a sua pátria era governada por espanhóis. Ele é ainda mais velho, pois tem cento e cinquenta e três anos. Conserva perfeita saúde e até 1931 ocupou-se regularmente em pesados trabalhos agrícolas.

A exposição de Arte Moderna na Sociedade Nacional de Belas Artes

REALIZOU-SE no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de pintura, escultura, arquitectura, desenhos e cartazes que marcou como um dos raros acontecimentos artísticos do nosso meio.

Na lista dos expositores figuravam os seguintes nomes alguns já bem conhecidos do público: Abílio Silva, Carlos Botelho, Clementina C. de Moura, Dórdio Gomes, Estréla Faria, Ernst Leyden, Fred Kradoffer, José

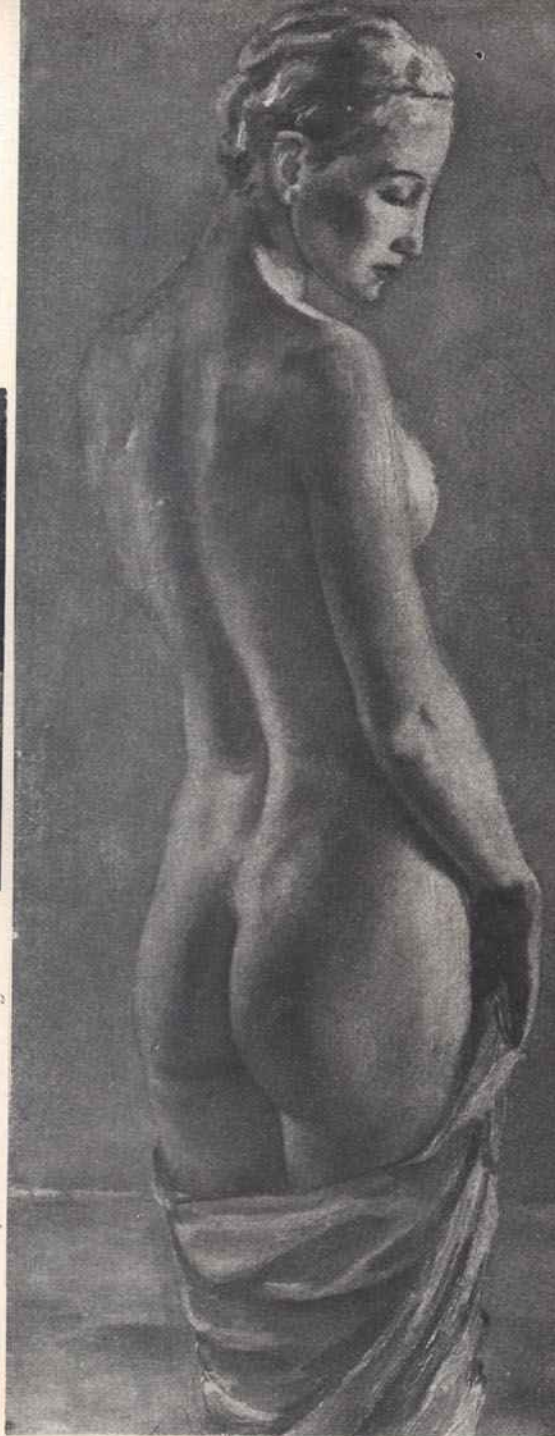
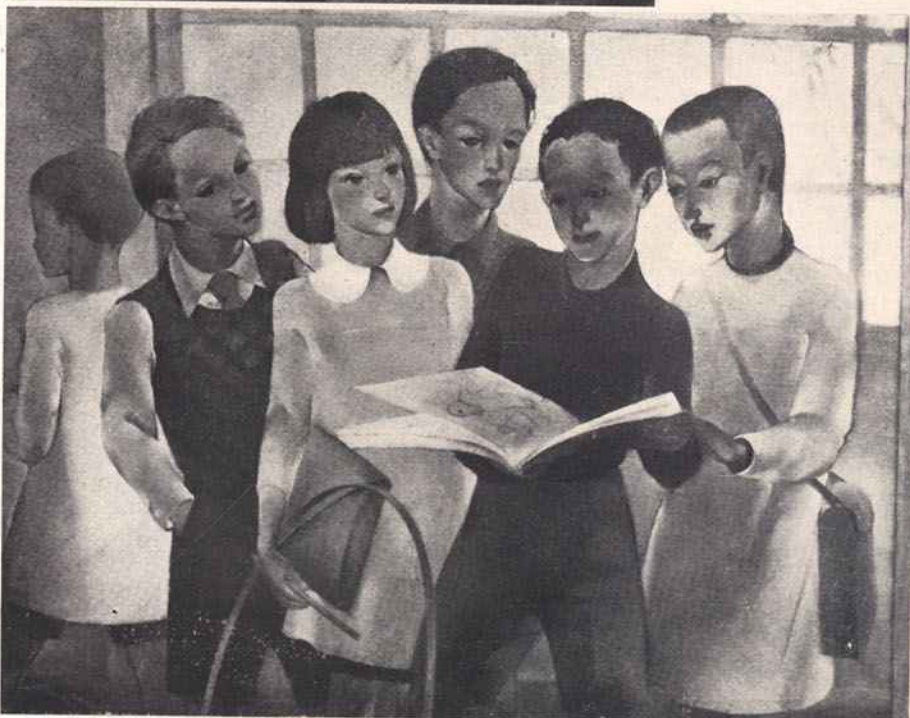


Em cima, Natureza morta, de Barradas. A' esquerda, Cascais, de Botelho



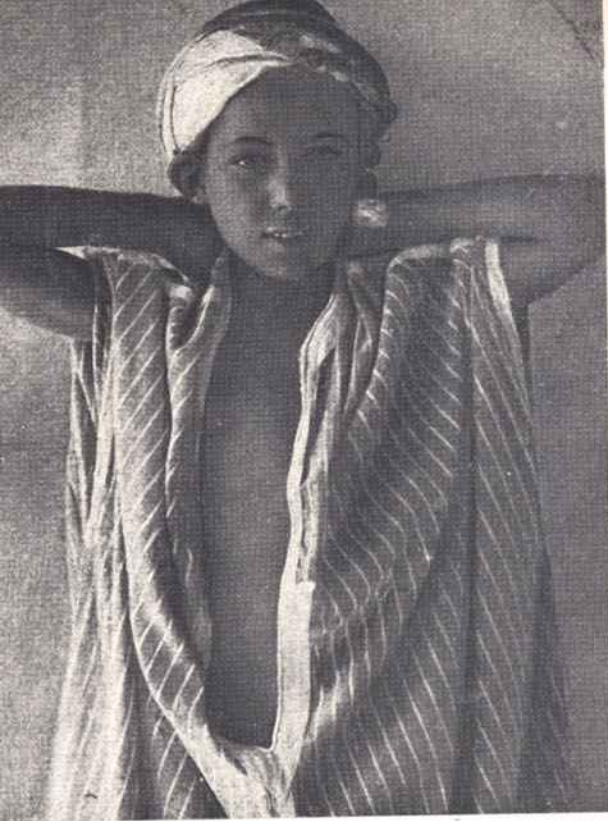
Amaro, Barradas, Júlio Santos, Hein Semke, António Duarte, Maria Ramos, Salvador Feio, Carlos Ramos, João Simões, Jorge Segurado, António Varela, Bernardo Marques, Keil Amaral e José Rocha.

Reproduzimos alguns dos trabalhos expostos seleccionados sem pretensões críticas



Por cima: «Nus», de Semke; à esquerda: «Grupo de crianças» de Estréla Faria; e «Paisagem» de Julio Santos





A LENDA DUMA SANTA MUÇULMANA

a carne abençoada, o pedaço de pele que a cada um coube é guardado com a maior devoção, pois constitui o mais precioso amuleto que poderiam desejar.

E' assim a Fé. Apresentam-na junto das suas duas irmãs Esperança e Caridade. Conquanto estas sejam mais belas, a Fé foi sempre e ha de continuar a ser a mais poderosa. A sua força é capaz de remover montanhas sejam elas búdicas, muçulmanas ou cristãs.

Eis a história da santa marroquina:

Aziza, tendo nascido numa casa do alto da serra, foi encarrugada por seus pais de guardar o rebanho. Pode dizer-se que a sua infância não teve folgedos. O mais extraordinário era que, em vez de conduzir as cabras ao vale, como os outros pastores faziam, visto ser ali que o pasto abundava, Aziza levava-o para o cimo da montanha, onde só havia rochas e fragudos. E, no entanto, tôdas as suas cabras andavam gôrdas e bem tratadas! Havia quem interpretasse isto como um prodígio da protecção divina. O pai da pastora, não querendo reparar no magnifico estado do rebanho, continuava a exigir que esta descesse ao vale, e, como ela desobedece, algumas vezes a açoitou com a maior deshumanidade.

Lal-la
Aziza.

Um dia, encontrando-se Aziza com o seu rebanho no alto da montanha onde nunca crescera herva, nem qualquer espécie de verdura, foi surpreendida pelo pai e por várias pessoas que o acompanhavam.

— Não ouviste já — repreendeu o pai — que não quero que venhas para aqui? Que queres que o rebanho coma, se nestes sítios apenas existem pedras?

— Pai, com que olhos vês tu este sítio? Pois não raparas como o teu rebanho come?

E o pai reparou então, maravilhado, que todas as cabras tinham a bôca cheia de frêsa e viçosa herva.

Desde este momento, Aziza foi considerada como enviada de Deus e tôda a gente a admirava. Já na puberdade, a jovem manifestava-se pela sua grande piedade. Gostava do isolamento, parecia estar sempre em oração, e, no entanto, tinha sempre o trabalho feito.

Como era dotada duma grande beleza, nunca faltaram os pretendentes á sua mão; mas, apenas patenteavam as suas aspirações, eram logo despedidos.

Uma vez, encontrando-se sózinha na margem dum rio, foi perseguida por um mancebo que a requestava. Não podia fugir porque o caminho não tinha saída. Mas, quando estava para ser alcançada pelo seu perseguidor, desapareceu na montanha, ante o assombro do namorado.

Este facto, ao ser divulgado, crescen-

tou a fama de santidade que rodeava a jovem, estendendo-se os seus prodígios através de toda a comarca, e, com tal reverbância, que chegaram aos ouvidos do Sultão. Este, desejando conhecê-la, ordenou que Aziza comparecesse no seu palácio.

Ante a simpatia que o povo nutria pela sua santa, o soberano receou pelo próprio prestígio, e ordenou a sua captura. Esta medida produziu, como seria de calcular, efeitos contraproducentes. A fama da santa chegou aos mais afastados recantos do Império; as mães punham-na ante as suas filhas como o maior exemplo de virtudes; os próprios sacerdotes apregoavam-lhe o seu estranho poder e faziam realçar os episódios da vida de Lal-la-Aziza, a enviada de Deus. E, apesar de todas as perseguições, cada vez tinha mais fervorosos devotos.

O Sultão, desesperado, ordenou que a envenenassem. Várias vezes o tentaram, mas a santa, quando lhe apresentavam qualquer manjar envenenado, negava-se a comê-lo. Chegou a suspeitar de todos os seus carcereiros, excepto duma mulher que trouxera consigo do seu país natal.

Conseguiram subornar a fiel servidora. Quando esta apresentou a comida com veneno, Aziza disse:

— Cumpra-se a vontade de Deus, pois é chegada a minha última hora. Sei que vou morrer por comer isto. Seja. Estava escrito Ouve as minhas derradeiras vontades: vai dizer a quem te manda que o meu corpo deve ser colocado sobre um cavalo e enterrado onde o animal parar.

As últimas vontades da santa foram rigorosamente cumpridas.

Logo que ataram o corpo de Aziza ao cavalo, este partiu com tal velocidade que foi impossível segui-lo.

Nesse mesmo dia apareceu em Seksana, sendo o cadáver reconhecido por todos os seus devotos. Deram-lhe sepultura, mas como os habitantes de Marraquexe tivessem uma grande veneração pela santa, obtiveram do Sultão a autorização necessária para remover os restos mortais da santa para a capital. Feita a trasladação, verificou-se que o corpo de Aziza, não faltando na sua primitiva sepultura, estava igualmente enterrada no segundo mausoleu que lhe destinaram. Este prodígio fez aumentar o fervor das multidões. O Sultão, receando o castigo do Céu, mandou construir na montanha de Seksana um templo idêntico ao levantado em Marraquexe, julgando assim resgatar a culpa do seu crime.

De tôdas as partes do Império acudiam anualmente numerosos devotos com oferendas de velas, dinheiro, cordeiros e pombas, implorando, por intercessão da santa, a misericórdia divina.

Mahomet, ou mais exactamente Mohamed — o louvado — descendente de Ismael e por consequência de Abrahão, deu a todos os sultões o direito da infalibilidade que ainda conservam no seu recanto exíguo que os protectorados francês e espanhol apertam cada vez mais.

Não conhecem a Santa Lal-la-Aziza de Marrocos?

Pois é tão milagrosa como qualquer santa cristã.

Quem se encontre em perigo nas vertentes do Atlas, ou envolvido pelas águas caudalosas do Umm-er-Rebieh, ou do Bu-Regreb que quer dizer o «Pai das doenças», invoque a protecção de Santa Aziza que será salvo.

Um português que se aventurou nessas paragens adustas, na intenção de visitar o famoso campo de Alcacer-Kibir, onde D. Sebastião perdeu a vida e a independência da nossa Pátria, contou-nos a história dessa santa muçulmana que não faz distinção de ritos nem de crenças religiosas para valer ás almas aflitas.

Contou-nos o referido compatriota que, em tôda a região de Marraquexe, todos os naturais têm uma tão grande veneração por esta santa que até nos bárbaros momentos de revolta, quando não ha o menor respeito pela vida e haveres de quem quer que seja, os próprios cristãos sobem á montanha sagrada do Atlas, e ninguem se atreve a ir molestá-los. Pelo contrário, recebem todo o género de auxílios, visto o seu gesto demonstrar que se entregam inteiramente á protecção da santa muçulmana, apesar da sua fé cristã.

Santa Aziza, tendo o seu túmulo em Marraquexe, repousa ao mesmo tempo na vila que tem o seu nome, construída no meio da montanha de Seksana, a uns 90 quilómetros a S. O. da capital. Expliquemos, na devida altura, a história dum único corpo para dois túmulos.

No dia do Sid-el-Melud, quando se comemora o nascimento do Profeta, reúnem-se os devotos de Santa Aziza e vão levar-lhe as suas preces e as suas oferendas aos dois túmulos. Seguem todos, por entre cânticos e danças festivas, acabando por sacrificar uma vaca branca. Tanto a pele como a carne é repartida entre todos os presentes. Comida

JULIO VERNE

vidente das maravilhas do progresso

JULIO VERNE, o popularíssimo autor dos mais belos romances de aventuras, teve uma aspiração que nunca chegou a realizar. Quis ser autor teatral e falhou sempre em toda a linha. Aos vinte e dois anos conseguiu meter no Vaudeville a sua primeira comédia «Pailles rompues» que redundou num fracasso. Escreveu seguidamente, três libretos de ópera e uma outra comédia que não teve melhor sorte.

Colaborou então no «Musée des Familles» e no «Magasin d'éducation et de récréation», começando o seu nome a ser conhecido. Os seus folhetins «A volta ao mundo em oitenta dias» e «Cinco semanas em balão» criaram-lhe um prestígio enorme. E, no entanto, Júlio Verne nunca viajou. O autor de tantas viagens surpreendentes levou sempre uma vida sedentária, metido no seu recanto de Amiens, cujos horizontes lhe bastavam. Se algumas vezes se utilizou do seu hiato *Saint Michel*, foi para dar passeios curtos que poderia realizar com qualquer bote. Esses países longínquos, misteriosos, inexplorados, essas vastidões ignoradas eram apenas percorridas pela sua imaginação que parecia conhecer essas insondadas regiões, palmo a palmo.

Passou em Amiens, terra natal de sua esposa, os últimos trinta anos da sua vida, e sem perder nunca os seus hábitos de provinciano de Nantes. Levantava-se muito cedo — às seis horas estava a pé, invariavelmente — ocupava-se nas primeiras horas do dia a idealizar e a redigir as suas novelas; cuidava do seu jardim e atendia as obrigações do seu cargo de vereador com o máximo interesse e desvelado zelo.

Mas esse homem extraordinário que em 26 de Dezembro de 1863 — há setenta e um anos, reparem bem — afirmara nas colunas do «Musée des Familles», com a solenidade dum profeta, que o «helicóptero seria a última palavra da conquista do ar», foi um sábio ou um escritor de imaginação prodigiosa?

Não é fácil a resposta.

Sabemos que a era dos submersíveis foi anunciada com perfeita clareza nas «Vinte mil léguas submarinas», e que os automóveis foram idealizados na «Casa a vapor». Todos sabem que o fonógrafo foi encontrado nas «Atribulações dum chinês na China», que os grandes transatlânticos apareceram na «Cidade flutuante» e que a victoria dos aparelhos mais pesados do que o ar surgiu no «Robur, o conquistador». A formidável luta da aeronave com o dirigível — lembrem-se! — pode ser considerada um símbolo.

O profeta-sonhador triunfou. Calculadamente? Por acaso?

Por propósito, a Livraria Bertrand abriu um interessante concurso que deve ter o merecido êxito.

Quem desejar concorrer, pouco terá que meditar. Limitar-se-á a escrever as suas impressões sobre a obra de Júlio Verne, focando até as personagens que mais lhe agradaram. Poderá divagar sobre a vida do escritor e a influência exercida pela sua obra entre os muitos milhares de leitores; poderá referir-se a Júlio Verne cientista, Júlio Verne geógrafo, Júlio Verne precursor, Júlio Verne, em suma, o espírito fulgurante que, com ou sem preparação científica, desceu aos arcanos do ainda insondável, e veio até nós com as mãos cheias das magníficas pérolas ima-

ginárias que haviam de transformar-se em autêntico diadema para a ciência.

O visionário adivinhou as maravilhas do progresso.

O concurso promovido pela Livraria Bertrand vai fazer pensar a mocidade.

Houve quem dissesse que «Júlio Verne sonhou à margem da ciência e que a ciência transformou os seus sonhos em realidades».

Verificamos, com efeito, que o canhão dos



Julio Verne e sua esposa na casa de Amiens

«Quinhentos milhões de Begun» deu a ideia do formidável ataque dos alemães contra Paris. Não foi inteiramente realizado? Quási. Ora, um «quási» para as grandiosas realizações científicas do nosso tempo, é nada. A ideia do *Graf Zeppelin* têm alguma coisa a mais do que o descrito por Júlio Verne no «Robur, o conquistador»? A arrojada aventura citada no «Em frente da bandeira» não teve a sua confirmação nos submarinos? As visões elétricas de «O castelo dos Carpathos» não foram realizadas, podendo mesmo dizer-se que todas essas maravilhas são consideradas hoje meras insignificâncias para a electricidade dos nossos dias?

Quando Júlio Verne publicou a «Volta ao Mundo em oitenta dias», julgaram louco o glorioso solitário de Amiens.

Como seria possível fazer uma tal jornada em tão pouco tempo. Passepartout e Fileas Fog poderiam ser, quando muito, heróis de lenda. Decorreram anos — vinte e nove, pois há tantos morreu Júlio Verne — e qualquer de nós pode ir de hemisfério a hemisfério em poucas horas!

Sem nunca sair da sua Amiens, o escritor fez do seu jardimzinho a sua ponte de comando para as mais prodigiosas viagens. Todo o mundo servia de cenário para os seus livros. Tão depressa estava no pólo como no equador, tão depressa descia ao centro da Terra como subia a fazer uma visita à Lua. E sempre correndo e voando nas azas portentosas da sua fantasia descia na China para aparecer em seguida na Australia, na Turquia, nas Américas, em toda a parte. No entanto, as suas descrições são perfeitas. Em todas as suas obras aprende-se geografia e como constitui um estudo que deleita, o leitor retém o que leu uma vez. Podemos até dizer que, para um estudante, as obras de Júlio Verne são mais proveitosas do que todos os compêndios de geografia pesados e indigestos que possam inventar.

O aluno estuda por obrigação, procurando reter apenas o que seja necessário para iludir o professor. No dia em que consiga passar, atira com os compêndios para o canto, como se fossem instrumentos de tortura. Reparem nisto, que é mesmo assim. Com as obras de Júlio Verne não se dá o mesmo. Em cada uma das suas personagens, o aluno encontrou um amigo com o qual conversava animadamente até o fim da obra. Anos depois têm vontade de voltar a encontrá-los. Vai à estante, e tira pela sua ordem os 79 volumes dessa colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos que mereceu o prémio da Academia das Ciências de França.

Sendo do tempo da guerra franco-prussiana, Júlio Verne não foi muito amável para os alemães. Apesar disto, Guilherme II, que o admirava, quis ser o primeiro subscritor da lista para levantamento dum monumento ao glorioso escritor.

Armand Praviel, referindo-se ao autor das «Viagens maravilhosas» explica o modo de pensar do Mestre:

«Ha quem tenha censurado — diz êle — a pouca intervenção que as ideias religiosas têm nas suas obras. Não foi sua a culpa, pois tinha que limitar-se às indicações do seu editor que, no desejo de conquistar mais numerosa clientela, não queria que as novelas de

Júlio Verne tivessem qualquer essência religiosa. Desta maneira, aparece nas «Cinco semanas em balão» um missionário que perece, arvorado em mártir da sua doutrina, no centro da África. Só este capítulo basta para nos revelar a maneira de pensar de Julio Verne. De resto, em muitas páginas dos seus numerosos livros não foi esquecida nunca a Providência».

Em que ficamos, portanto, com referência à prodigiosa obra do excelso escritor? Foi um sábio ou um escritor fantasista ao qual a ciência viesse dar razão? Das suas obras qual é a mais bela? Não estará explicada cientificamente a mania final do pobre capitão Hatteras que acabou os seus dias caminhando sempre, sempre, invariavelmente, para o sul?

Eis o que poderão dizer todos aqueles que se habilitarem aos prémios do interessantíssimo concurso promovido pela Livraria Bertrand.

Além de instrutivo e agradável, pode trazer lucros que, hoje em dia, não são para desprezar.



A mulher portuguesa vai finalmente ter representação no parlamento português. Como as mulheres de quasi toda a Europa, a mulher portuguesa vai ter vezes que defendem os seus interesses. Três nomes muito conhecidos no meio intelectual português feminino figuram entre os nomes ilustres dos deputados que a União Nacional apresenta no parlamento.

D. Maria Cândida Parreira, advogada distinta e inspirada poetisa, tem o seu nome marcado no fóro e na literatura. Espírito culto e desempeado, melhor do que ninguém poderá desempenhar, o seu mandato. D. Domitília de Carvalho, médica conhecidíssima entre nós, dum carinho enternecedor com os seus doentes, duma bondade, que é já um remédio para quem a consulta, é também distinta poetisa que tem ilustrado a nossa literatura com as mais delicadas e mimosas produções. D. Maria Baptista Guardião, professora ilustradíssima, directora do liceu feminino Maria Amália Vaz de Carvalho, é uma senhora de destaque no meio do professorado, que se honra de possuir tão proficiente professora.

Qualquer destas senhoras pelas suas profissões estão nos casos de exercer o seu mandato nas melhores condições.

Quem melhor do que uma advogada, confessoria laica dos espíritos atribulados, pode conhecer a miséria moral da mulher? Esta senhora que deve ter recebido tantas e tão tristes confissões, deve saber bem a profunda negritude em que se abismam tantas almas femininas que se perdem para a vida e para a sociedade. Uma médica, pelo seu modo de vida, entra nos lares, frequenta os antros de miséria conhece a desgraça física, os tranzes morais que a acompanham, as desgraças infinitas que alanciam metade da humanidade, essa fraça metale, que o seu sexo sujeita a tantos sofrimentos? Uma professora habituada a formar almas, a ilustrar espíritos, está naturalmente indicada para conhecer as necessidades da juventude em flor, com quem lida dia a dia e que é chamada a ser o sustentáculo da sociedade de amanhã como esposas e como mãs. Não me consta que nenhuma destas senhoras tenha sido nunca uma feminista mili-

tante, mas tanto melhor, porque não vêm assim com idéias preconcebidas e com exigências que se não coadunariam talvez, com o estado da sociedade portuguesa. O feminismo atrabiliário e exigente de Mrs. Pankhurst e das suas colaboradoras, já não tem razão de ser numa época em que a mulher tanto tem já conquistado. E estou certa que o espirito delicado destas senhoras muito contribuirá, para melhorar a sorte da mulher no nosso país. Pela docura e pela inteligência estas senhoras, que certamente não desenvolver a maior actividade, muito poderão fazer pela mulher.

E muitos são os assuntos que chamarão a sua atenção e que decerto estas senhoras, que são espíritos cultíssimos, terão já estudado com a maior atenção. A protecção à mulher grávida, que trabalhando em excesso e sem leis que a protejam compromete o futuro da raça dando à luz filhos enfezados e raquíticos, a protecção às raparigas, a assistência à infância, que tão ligada está à mulher e que sobretudo a deve interessar, são assuntos que vão ter nestas ilustres senhoras defensoras encarniçadas, afirmo-o sem ter prazer de conhecer pessoalmente estas senhoras, porque são assuntos que interessam em especial à mulher e pelos quais os cultíssimos espíritos e o profissionalismo de qualquer delas, as obriga a interessar. É para louvar que tão distintos nomes sejam apresentados no Parlamento e tudo há a esperar da benéfica acção de três delicadas espíritos de mulher. A atenção e os olhos da mulher portuguesa estão cranados nas ilustres deputadas, de quem tanto há a esperar e que vão abrir na história da nossa mulher uma página de ouro que muito levantará o nome da mulher portuguesa.

Maria de Eça.

A Moda

Sempre triunfante a sua carreira escravizando, ás suas ordens imperiosas as mulheres do Universo. Acenta cada vez mais nos vestidos de noite o regresso à moda antiga. Damos hoje um lindo modelo de vestido de noite em veludo preto. O decote com os ombros de fora, moda que as nossas avós tanto apreciaram e que favorece muito as senhoras que têm um busto e uns ombros bonitos, é a nota predominante

PÁGINAS FEMININAS

dêste vestido, que tem a rematar o decote duas rosas em seda branca. O corpo justíssimo tem uma «berthé» cortada à jeito que faz a manga. A saia franzida na cintura cai até ao chão arrastando um pouco em volta, numas pregas amplas que dão ao «ensemble» um aspecto majestoso da maior elegância. Este vestido vem demonstrar que a mulher val deixar de ser magra e que deixará de ser a victima da moda passando fome. Esta «toilette» não pode ser usada por uma senhora que não tenha uns belos hombros.

Os abalões para a noite têm as mais variadas formas. Casacos compridos, curtos, capas e sobretudo as fantasias tão graciosas, e que dão sempre um aspecto de superior elegância. Este abalo em raposa branca é duma grande elegância e dum alto valor. A raposa branca tem este ano mais do que nunca uma grande voga nos agasalhos de baile. A sua forma é moderníssima. Na frente, é quasi a vulgar raposa, as mangas são até abaixo do cotovelo e nas costas é empripado até à cintura tomando o aspecto duma capa. É duma grande novidade e emoldura admiravelmente uma linda caçaça, dando ao mesmo tempo um grande conforto e sendo uma verdadeira defesa contra as salas mal aquecidas o que é tão frequente no nosso país e que tanto prejudica a saúde. Para de manhã e para desporto têm as nossas leitoras um lindo vestido em malha de lã, o tecido mais pratico e que mais abafa, o que o torna sempre um favorito no inverno para todas as senhoras que apreciam o conforto; em diagonal é lindíssima esta malha e o «tailleur» está graciosíssimo na sua grande simplicidade.

Os chapéus crescem na copa, e se ha chapéus de copa tão baixa que se pode dizer inexistente, outros ha que têm a copa muito alta. Damos o modelo dum desses chapéus em «taupé» castanho guarnecido a fita de grosgrain e com uma fiavela em dourado. É pratico e gracioso. Não o aconselhamos ás senhoras de cara estreita porque em nada ás favorece. Os chapéus com a copa alta são mais dificeis de ficar bem, mas a moda manda e não ha remédio senão obedecer. A novidade nem sempre nos embeleza mas quem resiste a seguir a moda?

Exploradoras

Uma expedição guiada e ideada por uma senhora inglesa, «Miss Caton Thompson», explorou o «oásis» de Kargha situado no deserto libico. A empresa tinha fins arqueológicos e era financiada pelo Instituto Real Arqueológico de Londres. O «oásis» de Kargha, situado a cerca de 200 quilómetros ao ocidente do vale do Nilo, no mesmo paralelo de Luxor, consta duma enorme concha circundada pela planície deserta. Esta grande depressão de três mil quilómetros quadrados não é toda «oásis» no sentido popular da palavra, porque só um por cento desta extensão é cultivada. O resto consta de dunas, que tornam o lugar ainda mais desolado que o próprio deserto. A fertilidade do «oásis» é devida a qualquer nascente natural que foi utilizada desde a mais remota antiguidade. A história antiga desta localidade era desconhecida, por isso «Miss» Thompson cujas descobertas no «oásis» de Jajoum forneceram preciosos elementos aos estudiosos do Egipto prehistórico, quis explorá-lo com o propósito de determinar



a importância do «oásis» de Kargha na antiguidade. Pude assim estabelecer que tanto o «oásis» como o deserto libico eram povoados em remotíssimas épocas. Grandes cavernas de pedra com chaminés foram encontradas. Foi desenterrada uma porção de objectos, armas e utensilios todos em pedra, que fazem pensar que ali houvesse uma industria desses objectos. «Miss» Sardner acompanhava a expedição como geóloga, enquanto Lady Bailly facilitou a expedição com o seu aeroplano ajudando a caravana e fornecendo lhe preciosas indicações. As corações exploradoras trouxeram muitos objectos encontrados no subsolo do «oásis» e interessantíssimas fotografias.

Receitas de cosinha

Castanhas «glacées». Escolhem-se 50 castanhas e, para esta porção serão necessários 500 gramas de açúcar. Tira-se primeiro ás castanhas a casca grossa com a ajuda duma faca e depois pelam-se, mergulhando as durante o tempo que for necessário, em água morna, passando-as em seguida em água fria e escorrendo-as. A pele deve tirar-se sem ofender a polpa. Faz-se uma calda que deve ferver dez minutos, e deitam-se dentro dela as castanhas até ao dia seguinte, tirando-as então para se poder apurar a calda até ao ponto antes do de rebuçado. Eis o momento em que as doceiras se terão de armar de paciência. Põe-se a calda ao lado do lume para não esfriar, e vão-se mergulhando as castanhas uma a uma e colocando-as sobre uma peneira; repete-se

por três vezes esta operação. Depois só resta pô-las a secar, voltando-as na peneira de vez em quando. Devem secar em sitio sem humidade alguma. Para que não fiquem brancas por dentro, é precaução indispensável, não se deixar levantar fervura quando pela primeira vez se mergulham na calda. É deliciosa esta sobremesa.

Higiene e beleza

Há senhoras que se queixam de ter sempre a pele fuzidia e de terem de estar sempre a pôr pó de arroz o que não é nada agradável em público, e, se torna ás vezes um pouco ridiculo. Para evitar esse inconveniente deve applicar-se em seguida a lavar a cara, uma loção; um pouco de algodão hidrófilo molhado em alcool puro a que se adiciona 8 gramas de ácido salicilico por decilitro depois de estregar bem a cara, applicar um bom creme próprio para pele gordurosa, em pequeníssima quantidade, polvilhar a cara com pó de talco, em seguida applicar o «rouge» e pôr depois o pó de arroz que se usa habitualmente, e que não deve ser muito adcrente, porque nessas peles ha sempre o perigo de abrir os póros. A noite deve tirar-se toda a pintura com um algodão embebido em óleo de amendoa doce, em seguida lavar a cara em água morna, passa-la com o alcool e polvilhar com talco. No fim de 15 dias terá desaparecido o brilho e o oleo.

De Mulher para Mulher

Provinciana: Não acho nada para admirar o que me diz, conheço muito bem a provincia e sei que nela há senhoras muito elegantes e muito cultas. Compreendo o seu desejo de estudar para se não sentir mal no seu meio. Pela leitura muito pode conseguir. Para a professora, dama de companhia, pónha um anúncio. É difficil indicar alguém nas condições que deseja e facilmente encontrar por anúncio.

Mariastaba:

Certamente que a não exqueci e com o melhor desejo de lhe agradar dou o meu conselho. Para a cerimonia do casamento faça um vestido de veludo preto, que com o seu casaco de «petit gris», fará um elegantíssimo conjunto. Esse livro deve ser «Le Divorce», de Paul Hagarret, é muito interessante e deve lê-lo.

Violeta: É sempre interessante a ceia do Natal. A sua amiga tem razão; na nossa provincia faz-se a ceia antes da missa, porque se pode dizer que chamam ceia ao nosso jantar, e por isso é de jejum. Nós, aqui em Lisboa, usamos o sistema francês de ceiar depois da missa e então já não há jejum. Escolha o sistema que mais lhe agradar.

A força humana

Muitos sábios quiseram medir a força humana e compará-la á dos outros animais e chegaram a resultados

curiosíssimos. O que é a nossa mão comparada com as garras do leão ou do tigre? O que é a epiderme humana, delicada, fina, em confronto com a dura pele do elefante e do rinoceronte?

E no entanto o homem comparado aos outros animais não é tão fraco como parece á primeira vista. A força muscular, é em especial muito surpreendente; tem-se visto pessoas que dobram uma moeda de prata apertando-a entre os dedos. Para produzir o mesmo effeito era necessário pôr no centro da moeda um péso superior a 70 quilos. Há quem parta nozes com os dedos, desenvolvendo uma força que equivale a 30 quilos. Os nossos mioculos desenvolvem em certos casos uma força equivalente á de dois cavalos-vapor. Um saltador que pesa 60 quilos pode elevar-se sem esforço á altura dum metro e sessenta centímetros. O trabalho assim executado em meio segundo, pelo saltador, multiplicando o seu peso, pela altura a que se elevou, corresponde a 90 quilos, isto é o esforço duma máquina a vapor de dois cavalos e um quarto. Parece estranho mas é certo que são os animais mais pequenos os que mais força têm, relativamente, é claro. O homem pode arrastar um péso que corresponde a 86 centésimas do seu peso. Naturalmente que se fala dum péso suportado imediatamente e não com o auxilio de alavancas ou veículos. O emprego das rodas diminue de tal maneira o péso, que um carro carregado de 300 quilos não necessita para ser puxado, dum esforço superior a 13 quilos. Os mais pequenos insecto reboca sem cansaço, dez, vinte, trinta vezes o seu péso.

É interessante seguir com atenção as formigas em volta duma migalha de pão ou do cadáver de outro insecto. Fica-se surpreendido com o esforço que desenvolvem e com os resultados de.



DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRESA

Jornal de Moura. — Luiz Duarte Janeiro — *Reinadão* — a quem já em tempos tivemos o prazer de nos referir, continua a mostrar e a provar a sua grande afeição à causa charadística e a dar por ela o melhor do seu esforço.

De novo — e com muito prazer — o abraçamos nestas lides e lhe enviamos felicitações pela direcção que acaba de assumir de mais uma secção — CHARADAS — no *Jornal de Moura*, que teve a gentileza de nos enviar e que muito agradecemos com sinceros votos de longa vida.

CORREIO

Ti-Beado. — Luanda. Como sempre, continuamos agradecer, muito reconhecidos, ao prezado confrade a sua prestimosa e constante colaboração. Sobre a charada dedicada a *Braz Cadunha*, lamentamos não poder satisfazer o seu desejo, em virtude de não se verificar em nenhum dos muitos dicionários que possuímos e ter sido feita por um dicionário que não adoptamos.

Muito nos obsequieia fazendo substituir o referido artigo por outro, a fim de podermos satisfazer a sua vontade como é nosso desejo.

APURAMENTOS

N.º 15

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EFONSA

N.º 10

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

VIDALEGRE

N.º 11

OUTRAS DISTINÇÕES

Ferjobatos, n.º 5

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 14 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávoilo, Cantante C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso.

QUADRO DE MÉRITO

Chy-No-San, 13 — Sonhador, 12 — Ti-Beado, 12 — Lisbon Syl, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Lomelino Silva, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Brutamontes. 2 — Venturoso. 3 — Método. 4 — Finca-pé. 5 — Catitacata. 6 — Áberas-aras. 7 — Sélvula-sella. 8 — Filiar-fiar. 9 — Toca, soça, teca, toga, toco. 10 — *Monita*. 11 — *Ella*. 12 — Malha-o-ão. 13 — Alimária. 14 — Usa, serás mestre.

NOVÍSSIMAS EM PROSA

1) ... e a *discórdia* reinou, até que não chegou a *trapa avançada*. — 2-1.

Lisboa *Africanista* (T. E. L.)

2) O *cavalo aqui* é que tem o *pequeno leccion*. — 2-1.

Lisboa *Ferjobatos* (T. E. L.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 24

(Ao confrade Lérias)

3) Muita mulher *dissimula* um sorriso de *picidade* o seu coração *hipócrito*. — 3-1.

Ponta Delgada *Jobema* (... T. E.)

4) *Vangloria-se* e *produz* *espalhafato*. — 3-1.

Lisboa *Miriam* (T. M.)

5) *Empregue* um outro «modo» de *calcular*. — 2-1.

Lisboa *Miquita* (T. M.)

6) Na *dança dos prêtos* não há *sofisma*. — 2-1.

Luanda *Ti-Beado*

7) *Causa tristeza* e *lástima* aquela *espécie de cisne*. — 1-1.

Lisboa *Tino de Óbdos* (T. E. L.)

(A todos os confrades)

8) Não acham a *inimizade* «um» *rancor intolerável*? — 3-1.

Lisboa *Vidalegre* (S. C. L.)

9) O *pescoco* é a *base da cabeça*. — 2-1.

Lisboa *Nicantunes* (T. M.)

SINCOPADA EM VERSO

10) «*Mostra*» *finura* o *patrono*

Que tanto faz, sem perigo:

— Patrocinando o *queixoso*,

Protege o réu seu amigo ... — 3-2.

V. S. Pôrto — Bié *Efonsa*

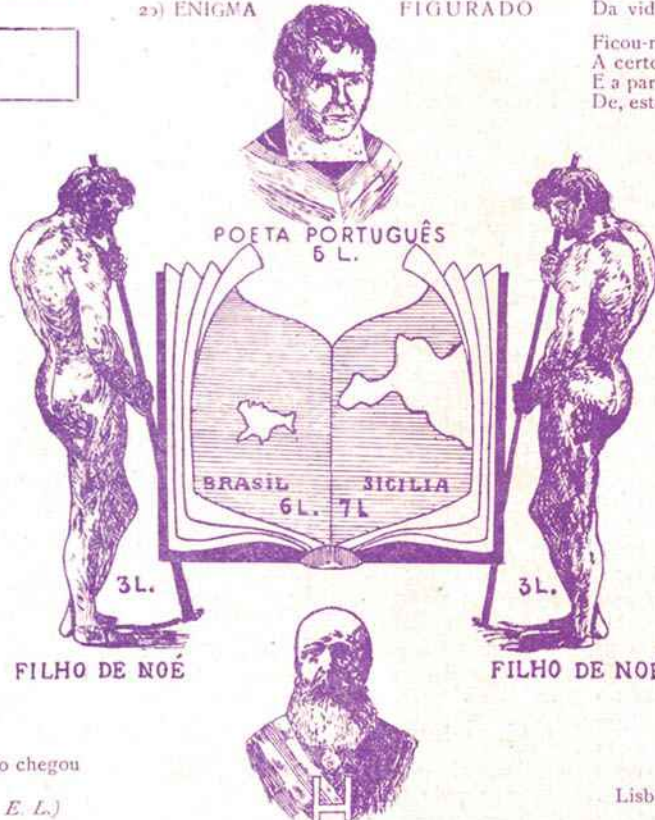
SINCOPADAS EM PROSA

(A confrada *pecadora*)

11) Acho-a mais *encantadora*, quando anda com a *ciúta*. — 3-2.

Lisboa *Ferjobatos* (T. E. L.)

2) ENIGMA FIGURADO



FILHO DE NOÉ

FILHO DE NOÉ

REI DA ASSÍRIA

4 L.

Lisboa

Dr. Sinau

(Ao grande Zé Nabo)

12) Um feito *heróico* é sempre lembrado com *simpatia*. — 3-2.

Ponta Delgada *Jobema* (... T. E.)

13) A *toleima* é, na *generalidade*, própria de *gabarolas*. — 3-2.

Lisboa *Lérias* (T. E.)

(Ao illustre director)

14) Você ficou *assinalado*, porque é um *notável* charadista. — 3-2.

Lisboa *Miriam* (T. M.)

15) Depois de *castigar*, não vale *lisonjear*. — 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

(Ao bravo Tasso)

16) O magano vai ao *molho de lenha* e *tira* um *bocado* de *madeira*. — 3-2.

Lisboa *Vidalegre* (S. C. L.)

METAGRAMA EM VERSO

17) A *Maricotas*
— Uma *loira* minha *vizinha*
Que *avesa* muitas *notas* —
Tem a *mania*, *coitadinha*,
Do *cinema*, das *fitas* ...

E *julga-se* um «*astro*» ou uma *estrêla*,

O *camafeu*! ...

Que *par* de *agoites* tão *catitas* ...

E' *vê-la*,

A *caminho* do *liceu* ...

Baila, *canta*, *grita*,

Faz *poeira*,

E *afirma* que é *uma* *fita*
Verdadeira ...

É *claro* que quem *perde* é o *estudo* ...

Depois, no *fim* do *ano*, *uma* *tosa* ...

Porque a «*Anny* faz *tudo*»

— *Que* *arrelia*! —

Fêz *exame* certo *dia*,

Mas *troux*e *uma* *raposa* ...

Lisboa *Alfa-Romeo*

NOVÍSSIMAS EM VERSO

18) E quando ela *partiu* ... sem um *adeus* sequer,
Julguei *morrer* ali ... *quedei-me* a *solçar*,
Vendo *partir* com *ela*, e *p'ra* *jâmais* *voltar*,
Da *vida* essa «*razão*» que *no-la* *faz* *querer*! — 1.

Ficou-me a *amara* *dor* de *em* *vão* a *apetecer*,
A *certeza* *cruel* de *a* *nunca* *mais* *beijar*!
E *a* *par* *disto*, *também*, *a* *dor* de *a* *recordar* ... — 1.
De, *estando* *longe*, *então* *supor* que *a* *estou* *a* *ver*!

Contra *mim* *mesmo* *vou* *deblaterando*

Pensando *suscitar* o *salvador* *atrito*
Que *me* *faça* *olvidar* a *indômita* *pai-*
xão!

Mas *tudo* *em* *balde* é, *pois* *sempre*

Dobrar o *meu* *tormento*, e *mais* *rudo*

Da *saúde* a *subtil* e *acerada* *pun-*
ção! ...

V. Silva Pôrto — Bié *Efonsa*

LOGOGRIFOS

19) Um *sujeito* que é *ousado*
E *que* de *nada* tem *medo*, — 3-7-6-1-1-4
Se é *metido* num *crêdo*,
Não se *vê* *atrapalhado*. — 2-5-6

Mesmo que *seja* *atacado*
E o *caso* se «*torne*» *azêdo*, — 4-7-3-9-4-7
Fica *erecto* qual *penedo* — 10-1-4-7-9-8-5
E *não* se *dá* *por* *achado*.

Mas, se *não* é *comedido*,
Se *vai* *atrás* do *engôdo*
E o *nariz* *meter* *em* *tudo*,

Pode *ser* *mal* *sucedido*,
Levando *pancada* a *rôdo*,
Para *não* *ser* *abelhudo*! ...

Lisboa *Bisnau* (T. E. — S. C. L.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A MORTE DO ACTOR JOAQUIM ALMADA

MORREU um actor. Havendo tão poucos, cada vez menos, é confrangedor vêr perder o que poderia constituir espólio valioso do teatro nacional.

Que a antiga pleiade de artistas ilustres fôsse desaparecendo ceifada pela morte, visto não haver vidas perpétuas, enfim... O que punge é não vêrmos a renovação que seria para desejar, isto é, que os novos ocupassem condignamente os logares dos velhos levados para a sepultura.

Verifica-se, portanto, que no movimento da população teatral o número de óbitos é muito superior ao dos nascimentos, e isto denuncia um próximo extermínio.

Ora, de entre es novos, dos pouquíssimos que ainda nos restavam, destacava-se Joaquim Almada, falecido agora com 41 anos de idade!

Faz pena! Natural de Lisboa, Joaquim Almada foi educado na Casa Pia, e tão boa aplicação manifestou que, terminado o seu curso, foi mandado concluir os estudos na Escola Académica.

Em 1908 — tendo quinze anos de idade — matriculou-se na Escola de Arte de Representar, onde conseguiu uma aprovação por unanimidade, com 18 valores, obtendo, além do diploma de artista dramático, o primeiro prémio de comédia.

A sua estreia fez-se no Teatro Apólo com a peça *O Chico da Pêgas*, de Eduardo Scwalbach. Nessa noite — 11 de Outubro de 1911 — o joven artista patenteou exuberantemente as suas faculdades de actor no desempenho do papel *Erva Doce* que lhe confiaram.

Tempos depois, passou para o Teatro Nacional donde nunca deveria ter saído, porque era ali o seu logar.

Do seu vasto reportório, citaremos apenas as peças que nos lembram e que constituíam outros tantos triunfos:

Malvalouca, Amigo do seu amigo, Lisboa em camisa, Diplomata, Reservado para se.

nhoras, Palacio da Marquesa, O Pato, O Senhor Roubado, Alfaiate de senhoras, O Injerno, O Dr. Zebedeu, Pecados da juventude, Socorro, Commissario de Policia, Hotel do Livre Cambio, Em boa hora o diga, O Homem Macaco, 4028 Lx.ª, La Donna é mobile, A menina do chocolate, Olho da Providencia, Manequim, Pai do Regimento, Os Pimentas, Pinto Calçudo, Vizinha do lado, Sopa no mel, O carrasco de Sevilha, O escorpião, O aldrabão, O noivo das Caldas, Uma mulher que veio de Londres, O homem dos 7 officios, O Tavares Rico, O senhor professor, A gaiata, O sabão n.º 13, Perola da China, Rajada, O homem das 5 horas, A Vinha do Senhor, A casa em ordem, Raça d'Azaral, Um conto de reis, Arlete, Boa Sorte, Cadeira da verdade, Quarto 222, O senhor prior, Um beijo na face, O chá das cinco, Madame Flirt, O leque, Sinal de alarme, Garçonne, Papá e Sua Alteza.

Em todos estes seus trabalhos, o artista manifestou a sua competência e altas qualidades que não será necessário enaltecer, pois não seria por méros réclamos de cartazes e por elogios de alguns amigos e protectores que se poderia cativar a unânime simpatia do público que é ainda o melhor crítico, como Joaquim Almada conseguiu.

O público amava-o e aplaudia-o com o maior entusiasmo do seu coração. A presença d'este artista numa peça era uma das mais seguras garantias do seu êxito.

Mas a actividade de Joaquim Almada desdobrava-se em várias modalidades, como actor, como ensaiador, como empresário, como director de cena, ou como professor da cadeira de Arte de Dizer, do Instituto Médico Pedagógico da Casa Pia de Lisboa.

E como autor? O êxito alcançado com a peça *O senhor professor* ainda está na memória de todos. A adaptação da peça *Uma mulher que veio de Londres* provou a sua inteligência e invulga-

res qualidades de escritor. Agora, *O Amor... é o diabo*, que devia subir à cena no próprio dia em que o seu autor sucumbiu, ficará confirmando as raras qualidades do escritor teatral.

O filme *As pupilas do senhor Reitor* teve também a sua valiosa colaboração. Fez o papel de Reitor que ficará sendo a sua última criação artística. Há pouco tempo, sendo passadas, no S. Luiz-Cine, algumas cenas do filme, o público que assistia à exhibição, lobrigando o artista, rendeu-lhe a mais carinhosa ovação. Foi a última.

Sentindo-se peorar duma doença que há muito o minava, recolheu a casa e ali se ficou numa agonia lenta, aguardando o seu fim.

Os próprios médicos que mais se empenharam em fazer triunfar aquela mocidade radiosa — aos 40 anos ainda se é moço — baixavam impotentemente as suas



Joaquim Almada... mãos protectoras. O mal era de morte. Todos nós sabíamos que, mais hora, menos hora, teríamos de ficar sem um dos mais ilustres e mais queridos artistas da Cêna Portuguesa.

Pois a noticia da sua morte, embora esperada a todo o momento, causou a maior emoção.

Mas, aceitando o facto consumado, que resta fazer?

Que todos os que trabalham no Teatro e para o Teatro se tornem dignos d'ele, e que os poucos valores que ainda restam ascendam ao lugar a que têm legitimo direito. Não basta representar bem o «Tartufo» em particular, é necessário sabê-lo representar nas tábuas do palco, porque é essa a sua função.

Parece que já vai sendo tempo de separar o trigo do joio e organizar uma exposição dos valores autênticos, seleccionados e perfeitos, não muitos, que ainda existem.

Não digam depois que o Teatro Português entrou na agonia e que já pouco tempo lhe resta de vida.

Vale quem vale. Quem nada valer, seja quem fôr, passe para a plateia ou como espectador para aprender alguma coisa, ou como porteiro, ou arrumador para não ficar na miséria.

No palco só poderá entrar quem tiver jeito para a cena, sendo portanto prohibido proteger aspirantes à arte de representar, homens ou mulheres, por meras razões affectivas e nada mais.

Vale quem vale.

Quando os cada vez mais saudosos Rosas & Brazão criaram a cena modelar do D. Amélia, tiveram o máximo cuidado na selecção, souberam ensinar e sentiram a maior satisfação em ver brilhar qualquer dos seus discipulos que ficaria continuando a sua escola magnifica.

Assim foi, e assim deveria continuar a ser para revigorar o Teatro Português.

A morte de Joaquim Almada veio provocar estas considerações que, agradando a alguns, podem desagradar a muitos. Não importa. Era preciso dizer isto. Ficou dito.

A reduzida fileira de autênticos artistas que ainda honram a Cêna Portuguesa acaba de sofrer mais uma baixa, e isto alarmou-nos.

O que será amanhã do Teatro se morrem os únicos que poderiam dar-lhe algum? Quando todos os países procuram revigorá-lo e torná-lo atraente e útil, Portugal ficará reduzido ao cinema de Alcântara ou coisa que o valha.

Evitemos isso.

Que a morte de Joaquim Almada provoque a necessária convulsão em prol do Teatro Nacional são os nossos mais ardentes desejos.

E será esta a maior homenagem que cada um poderá prestar a esse artista ilustre que foi uma das mais brilhantes figuras da Cêna Portuguesa.



Almada numa cena do filme «As pupilas do senhor Reitor»



O artístico «stand» da Companhia dos Telefones, sobria construção de linhas modernas e distintos efeitos, que foi muito apreciado por todos os visitantes do certame

des pendiam panos de cores fulgurantes, pintados com motivos técnicos de belo efeito. Ao fundo, dominando o conjunto, uma tela alegórica de desenho firme em que se via a Electricidade caminhando, de mãos dadas com o Comércio, na senda do Futuro.

A iluminação que era, sem dúvida, uma das mais arrojadas e impressionantes realizações do certame, mereceu a todos que a admiraram os mais rasgados elogios. O tecto e vigeamento do salão estavam ocultos por um enorme pano branco com cerca de 400 quilos de peso através do qual se filtrava a claridade potente fornecida por lâmpadas num total de 60.000 velas.

No pavilhão de exposições do Parque Eduardo VII realizou-se de 1 a 13 do mês corrente a V Exposição de Rádio e Electricidade que constituiu um acontecimento a todos os títulos digno de registo.

A afluência de público a esta artística exposição excedeu toda a expectativa. Tanto assim que o seu encerramento que fôra marcado para o dia 10 teve de ser prorrogado por mais três dias para satisfazer o legítimo desejo da numerosa pessoas que até aquela data, não tinham ainda podido visitar o certame.

Este brilhantíssimo êxito deve-se em grande parte ao admirável trabalho da comissão organizadora, de que faziam parte os srs. Jaime Esteves, Augusto Serras, Baptista da Fonseca, Américo Cruz e Silva Carvalho. O inteligente esforço que desenvolveram contribuiu muito para o carácter artístico que tanto impressionou os visitantes. São-lhe por esse facto devidos os maiores louvores.

O vasto salão do Palácio do Parque Eduardo VII esteve durante êsses dias transformado por uma decoração moderna de apurado bom gosto. Das pare-

des pendiam panos de cores fulgurantes, pintados com motivos técnicos de belo efeito. Ao fundo, dominando o conjunto, uma tela alegórica de desenho firme em que se via a Electricidade caminhando, de mãos dadas com o Comércio, na senda do Futuro.

Todos os expositores quiseram primar pela elegância e bom gosto e, dum modo geral, pode dizer-se que o conjunto geral de equilibrado modernismo, não havendo notas discordantes o que representa um *tour de force* raramente alcançado em certames dêste género.

A Emissora Nacional fez construir na Exposição um estúdio de rádio-difusão em cristal, que cau-ou geral admiração. O público, habituado a ouvir os concertos de telefonia sem fios, teve uma oportunidade única de penetrar os segredos dos bastidores donde a música é lançada no éter.

Todos os estabelecimentos da especialidade, um dos ramos mais prósperos

A grande Exposição de Rádio e Electricidade

que este ano se realizou no Palácio do Parque Eduardo VII alcançou um notável êxito pela afluência de visitantes

do nosso comércio, se fizeram representar no certame.

Assim, na sala principal do Palácio, o público pôde admirar os seguintes stands: n.º 1, de Costa e Brito; n.º 2, de Valentim de Carvalho; n.º 3, da Sociedade Comercial Luso-Americana; n.º 4, da Arvin Portuguesa; n.º 5, da Casa Audak; n.º 6, da Nacional Rádio; n.º 7, de J. F. Lopes; n.º 8, dos Grandes Armazens do Chiado; n.º 9, de António Burguete; n.º 10, da Sociedade Comercial Matos Tavares; n.º 11, da Anglo Portuguese Telephone Company; n.º 12, dos Fornecimentos Electricos, Ltd.; n.º 13, da Radiofilia Limitada; n.º 14, de Carlos Braço da Mota; n.º 15, da Casa Serras; n.º 16, das Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

Distribuídos pelas salas laterais encontravam os visitantes o stands das seguintes firmas: n.º 17, Sociedade Commercial Philips Portuguesa; n.º 18, Metalurgica do Socorro; n.º 19, Sociedade Porcelanas, Ltd.; n.º 20, Empresa Nacional de Aparelhagem Electrica; n.º 21, Empresa Electrica de Lisboa, Ltd.; n.º 22, Olavo Cruz, Ltd.; n.º 23, C. A. Cardoso; n.º 24, Rádio-Portugal.

Finalmente nas galerias encontravam-se os seguintes stands: n.º 25, de Fasso, Ltd.; n.º 26, de Gilberto Sequeira; n.º 27, da Sociedade de Comércio Internacional; n.º 28, de Armando Casquilho & C.; n.º 29, da Empresa Electro Cerâmica; n.º 30, da Rádio Lisboa; n.º 31, de Paixão Paiva; n.º 32, de António G. D. de Oliveira; n.º 33, de Julio Coelho; n.º 34, da Sociedade Iberica de Construções Electricas e n.º 35, do Laboratório Electro Técnico de Rádio e Fono-Freqüencia.

Na impossibilidade de fazer referência especial a cada um dos expositores, vamos citar alguns dos que mais se destacaram neste brilhante conjunto que muito honrou o comércio nacional.

Num dos pavilhões laterais tornava-se notado pela sua sóbria elegância o stand da Sociedade Commercial Philips Portuguesa. O sistema de iluminação, uma das notas dominantes neste stand, fôra executado sob a proficiente direcção do sr. Meleiro de Sousa e mereceu unânimes louvores de quantos o puderam admirar.

Viam-se ali expostos aparelhos da T. S. F., emissores-receptores portáteis, válvulas, amplificadores e microfones, tudo dos mais aperfeiçoados modelos. Causou o mais justificado interesse entre os visitantes, uma máquina de projecção de cinema sonoro, dotada de todos os requisitos para eliminar completamente o perigo de incêndio.

O sr. Presidente da República no magnifico stand da casa Audak conversando com o socio gerente daquella firma, a quem commoçou as suas excellentes impressões

A casa Audak expôs num stand que teve grande afluência de visitantes os últimos modelos dos seus afamados receptores «Ponto Azul». A decoração dêsse stand cuidada nos seus mais infimos pormenores, estava inteiramente à altura dos magnificos artigos que se destinava a apresentar ao público.

Durante a visita oficial de inauguração o Chefe do Estado teve-se ali largo tempo ouvindo interessado as explicações técnicas que lhe fôram dadas e que fundamentam a alta categoria dos aparelhos vendidos pela casa Audak.

Logo à entrada, deparava o visitante com o stand, da Companhia dos Telefones, de cujo excelente aspecto a gravura que publicamos dá uma ideia. Nêle expôs a Companhia alguns cartazes suggestivos mostrando o crescente desenvolvimento da sua rede e um curioso aparelho de demonstração da manieira como funcionam os telefones automáticos. Este suscitou grande interesse do público, pela oportunidade que lhe dava de desvendar um dos mais intrigantes enigmas da vida cotidiana.

A casa Olavo Cruz, L.ª, obteve um merecido êxito com o seu artistico stand onde figuravam em lugar de destaque o magnifico receptor «Schaub 1935», especialmente construído para Portugal, com as indicações do quadrante em lingua portuguesa. Este magnifico receptor causou grande sensação entre os radiófilos pela fidelidade de reprodução e pureza de som.

Figuravam também no stand da firma Olavo Cruz vários modelos de frigoríficos «Gibson», que a uma incontestável utilidade aliam um aspecto estético que satisfaz os mais exigentes.

A exposição inaugurou-se, como já dissemos, no dia 1 do mês corrente com visita do Presidente da República, sr. general Carmona, que era acompanhado pelo ministro da Guerra.

O Chefe do Estado chegou ao Palácio do Parque Eduardo VII às 16,30 horas.



Aguarjavam-no ali os srs. ministro do Comércio e Indústria; dr. José Duarte de Figueiredo, representando o ministro das Obras Públicas e Comunicações; ministro da Holanda, general Farinha Beirão, coronel Luiselo Godinho, tenente-coronel Luis de Moura, governador civil de Lisboa; tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, do Protocolo do Estado; dr. António Joice, director da Emissora Nacional; major Vilar, comandante dos Bombeiros Municipais; Pastor de Macedo, capitão Lobão, engenheiros Saraiva Vieira, Peres Durão e Madrugada Moura, Joaquim Kopke, Joaquim Leitão e Augusto de Magalhães, vereadores e funcionários da Câmara Municipal; Jaime de Lacerda e Roque da Fonseca, da Associação Commercial; a comissão organizadora do certame, etc.

Após os cumprimentos do estilo, o sr. general Carmona, acompanhado pelos presentes, visitou demoradamente a exposição, manifestando grande interesse por todos os aparelhos expostos e ouvindo atentamente as explicações que a respeito de cada um lhe foram dados pelos expositores.

Terminada a visita, o Presidente da República teve palavras de grande elogio para o comissão organizadora, enaltecendo o elevado carácter artistico da exposição.

Seguidamente, foi franqueado o acesso ao público que, a par-

tir dêsse momento e até encerramento do certame, affluíu em grande número.

Resta dizer que os dois factos que contribuíram para o brilhante êxito da exposição consistiu na distribuição pelos visitantes, por meio de sorteo de prémios representados por aparelhos de T. S. F. e objectos de utilidade oiercidos para êsse fim pelos expositores.

Por sua vez, o público de Lisboa soube corresponder a esta inteligente iniciativa, affluindo à exposição. A concorrência foi de tal maneira grande que em certas ocasiões se tornou difficil regular a circulação dos visitantes dentro do edificio.

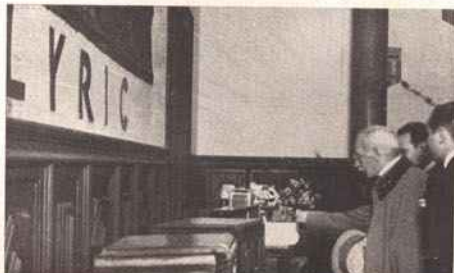
É sem dúvida desnecessário encarecer as vantagens das exposições dêste género. Elas têm por função orientar o radiófilo na escolha do aparelho que satisfaz as suas exigências e são absolutamente indispensáveis dada a evolução constante da técnica radiofónica.

Nenhum lar moderno dispensa hoje um receptor de T. S. F. Por intermédio dêle vive-se a hora actual em toda a sua plenitude. Traz-nos a casa o teatro, a música, as últimas notícias, todas as grandes manifestações da vida moderna.

Nestas condições, as exposições de Rádio são uma necessidade. E é para desejar que elas se repitam nos anos próximos com tanto brilho como a que acabamos de admirar.

Em homenagem à comissão organizadora da Exposição realizou-se no dia 15 um banquete promovido por todos os expositores. A festa decorreu com grande animação sendo uma bela chave de ouro a encerrar este interessante certame.

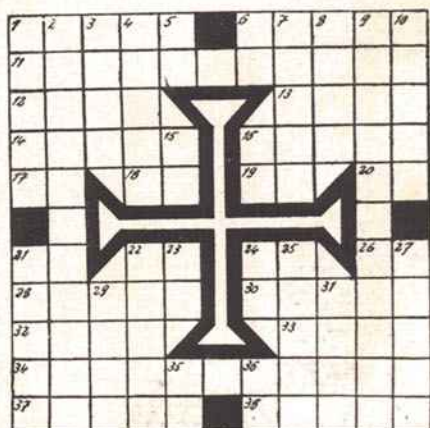
O sr. Presidente da República durante a sua visita ao artistico stand da Sociedade Commercial Philips Portuguesa, acompanhado pelo sr. ministro do Comercio, autoridades e pelos srs. Jacques Mayeur go e engenheiro Meleiro de Sousa



S. Ex.ª o sr. Presidente da República admirando o «chassis» dum dos magnificos aparelhos «Schaub» expostos no stand da casa Olavo Cruz, Limitada

Palavras cruzadas

(Problema)



Horizontais:

1. Crentes de uma religião. — 6. Combates. — 11. Que contém uma espécie de cartão fóssil. — 12. Andem no ar. — 13. Cruz de suplício. — 14. Do continente negro (fem. pl.). — 16. Preparar com óleo. — 17. Conjunção gramatical. — 18. Pronome reflexo. — 19. Que não tem família. — 20. Ande! — 21. Artigo (gram. pl.). — 22. Advérbio. — 24. Prefixo (gram.). — 26. 3.ª pessoa sing. pres. ind. dum verbo. — 28. Bovideo selvagem. — 30. Veloz em inglês. — 32. Parentes. — 33. Inteiro. — 34. Que sofreram reparo. — 37. Todos nós temos. — 38. Incólume.

Verticais:

1. Género de leguminosas. — 2. Que não fazem mal. — 3. Líquido volátil. — 4. Parentes. — 5. Boa. — 6. Medida itinerária chinesa. — 7. Da Itália. — 8. Quantidade. — 9. HorrORIZADOS. — 10. Produzira som. — 15. Pronome pessoal. — 16. Artigo (gram. pl.). — 21. Aparelho para ensinar a contar. — 22. Vasilha. — 23. Contração de prep. com artigo. — 24. Infinito dum verbo. — 25. Dia do nascimento. — 27. Que não é novo. — 29. Ruidos. — 31. Tem a faculdade. — 35. 2.ª pessoa sing. pres. do ind. dum verbo. — 36. Pronome pessoal.



Bridge

(Problema)

Espadas — — — — —
Copas — A.
Oiros — 8, 6.
Paus — V. 10, 7, 2.

Espadas — A, R. 9, 2. **N** Espadas — 10.
Copas — V. 9. **O** Copas — D. 7, 5, 4.
Oiros — 5. **E** Oiros — 9, 7.
Paus — — — — — **S** Paus — — — — —

Espadas — 5, 4.
Copas — R. 10, 8.
Oiros — 2.
Paus — A.

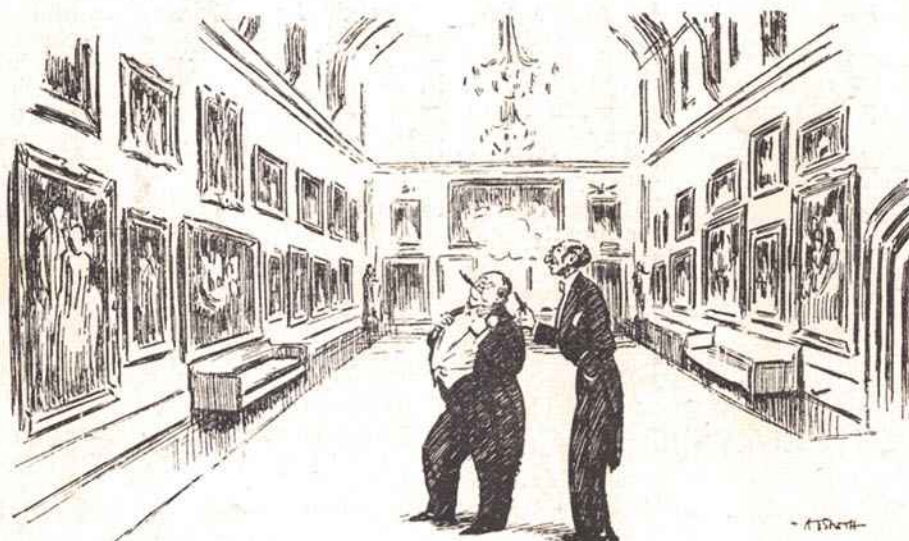
Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer três vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o az de espadas e a seguir trunfo. N cobre com o az e joga a dama e o vaiete de espadas. Se O não cortar as segundas espadas, N joga trunfo e O vê-se obrigado a voltar a paus.

Se O jogar a dama de trunfo na primeira vasa de trunfo, N faz duas vasas de trunfo, depois uma vasa de espadas e joga, em seguida, oiros deixando assim que E seja mão e vendo-se este obrigado a jogar espadas. Naturalmente, isto deixa supôr que E tenha guardado todas as suas espadas.

Humorismo britânico

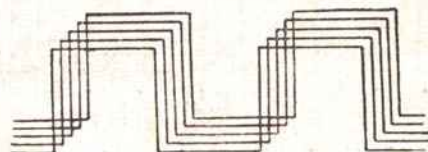


Entre multi-milionários

O dono da casa (mostrando a sua galeria de quadros): — Aquele Rubens custou-me 800 contos.
O convidado: — E' extraordinário, as pechinchas que agora se podem apanhar!

(De «London Opinion»)

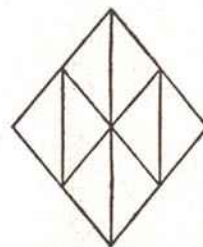
Curiosa ilusão óptica



Ao olhar-se para os dois arcos do desenho, a maior parte da gente vê-los-á como tendo na sua frente a entrada para eles. Quasi instantaneamente a posição muda e os arcos parecem estar de costas para nós, como se tivéssemos acabado de os transpor.

Traço contínuo

(Passatempo)



Vejam se podem desenhar a figura junta dum só traço contínuo sem cruzar nenhuma linha nem passar duas vezes pelo mesmo ponto.

Uma embrulhada de círculos

(Solução)

O número total de círculos, isto é, o valor de n, que tínhamos deixado aos leitores a incumbência de calcular, não passa de 25.

Anedotas

Num dia de chuva, um sujeito vai vêr um quarto andar, que está com escritos e vê a água a correr pelos tetos e pelas paredes.

Quando desce, diz para o porteiro: — A casa é magnífica! Tem água em todos os quartos.

Entra numa livraria o pai de um aluno do liceu, que vai principiar a sua classe de geografia.

- Tem esferas terrestres?
- Tenho, sim senhor.
- Desejava uma.
- De que tamanho a há-de querer?
- De tamanho... de tamanho... natural.

Pai e filho estão almoçando. O filho desperdiça muitos bocados de pão.

— Come êsse pão, diz-lhe o pai; olha que podes chegar a ser pobre, e não encontrar êsses pedaços, que hoje desperzas!

— Mas, papá, replica o pequeno, se eu os comer, ainda menos os encontrarei!

Um farrapo de diálogo:

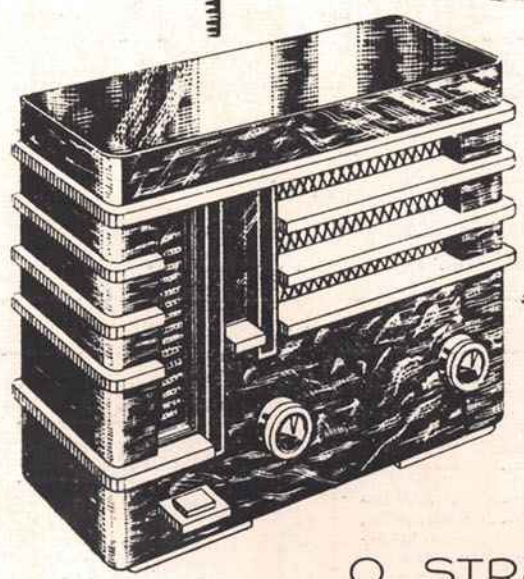
— Tenho que te confiar uma cousa; mas com a condição de que a há-de guardar para ti.
— Se fôr dinheiro, podes ficar desenganado.

— Já lhe disse, ontem, que não casava consigo, observou ela.

— Bem sci, objectou êle. E por isso é que eu lhe pergunto, hoje, outra vez. Espero que não há-de ser tão falta de originalidade que só saiba repetir hoje o que já disse ontem.



RADIO
Ponto azul



O STRADIVARIUS DOS RECEPTORES

Sintonização por esfera azul

Patente exclusiva PONTO AZUL

CASA AUDAK

Tel. 2 1984

AVENIDA DA LIBERDADE, 72-A - LISBOA

A aparecer no dia 19

NOVIDADE LITERARIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Snr. "Mariquinhas", — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes "Gira", — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embañhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs. **12\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças — Sports — Humorismo — Música — Política — T. S. F. — Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modès — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O
ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL

DO

ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 450 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**



Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

BREVEMENTE

A nova edição

DA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacifico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Videira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangade, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Linó de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascabell:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacifico*. 1 vol.
- 69 — **Clovís Dardentor**, trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A cartela do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Anibal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

'Gosto tanto da Ovomaltine!...'



A Ovomaltine é o alimento predilecto das crianças, porque lhes fornece as energias necessarias dispendidas durante um dia de descuidada brincadeira. Esta deliciosa bebida alimentar contém numa forma concentrada, mas facilmente digerivel, todos os elementos nutritivos essenciaes para a formação de organismos e nervos saúdaveis, e espíritos alegres

A Ovomaltine é preparada com malte

da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contem assucar vulgar, que aumentando o volume lhe reduz o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100 % de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tónica alimentar mais barata que se póde comprar. Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

À venda em embalagens de $\frac{1}{4}$ lata, $\frac{1}{2}$ lata e $\frac{1}{4}$ de lata, respectivamente a 34\$00, 18\$00 e 9\$50.

DR. A. WANDER S. A. Berne
UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL
ALVES & C.² (IRMÃOS)
RUA DOS CORREIROS, 41-2.º—LISBOA